

Seu nome era Diogo Álvares Correia. Sobreviveu a um naufrágio em 1509, na Bahia, fixou-se entre os índios, aprendeu tupi, ajudou os jesuítas a fundar os primeiros colégios na nova terra e casou-se com a princesa indígena Paraguaçu. A conhecida epopeia do português Caramuru, citada neste livro, simboliza uma das mais ricas passagens de século da história. Caramuru foi um dos milhares de contemporâneos dos Descobrimentos marítimos que, no limiar do século XVI, tiveram a coragem de se instalar em terras inóspitas e o mérito de criar pontes entre sociedades que até então tudo separava. Na virada do século XV para o XVI, o vasto Oceano perdeu seus mistérios, uniu mundos, acelerou e intensificou o intercâmbio de povos distantes. "Cumpriu-se o mar", diria mais tarde o poeta Fernando Pessoa.

ISBN 85-7164-965-0



9 788571 649651



# IRA DO SÉCULOS

1480-1520

A passagem do século

Parte 27/A Ana Joana

P.27 A

O que marca a passagem do século XV para o XVI é que aí se situam as origens da globalização. Não ainda a mundialização mercantil que se inicia com a Revolução Industrial, tampouco a globalização atual das transações financeiras. O que se globaliza na virada do século XV para o XVI é o conhecimento do outro. Pela primeira vez, todos os recantos do mundo são mutuamente revelados. Em menos de cinquenta anos, ibéricos, orientais, africanos e os recém- "descobertos" astecas e tupis ouvem falar de terras, povos, costumes e religiões de cuja existência nunca suspeitaram. O apogeu da expansão marítima europeia é um momento de descobertas. Cartógrafos rivalizam na feitura de mapas-múndi e atlas, cada qual registrando as últimas novidades planetárias: Plantas como cacau, canela, batata e cana, e animais como perus, cavalos, galinhas são transportados de um continente a outro. Europeus se deslumbram com a literatura de viagens, e seus antipodas japoneses estranham os narigões dos portugueses que desembarcam com a novidade das armas de fogo. Em busca de fortuna, de aventura ou com a nobre missão de expandir o reino do Cristo milhaves

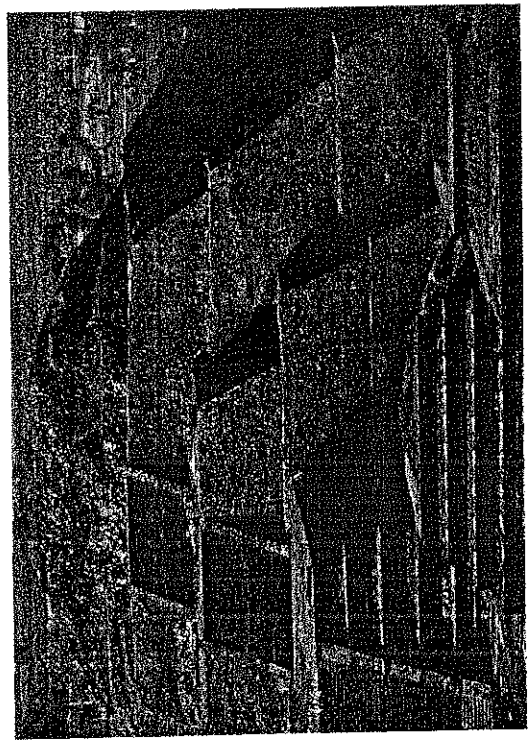
# A passagem do século: 1480-1520

## AS ORIGENS DA GLOBALIZAÇÃO

*O mestiço, o imperador e o índio*

México, primeiros anos do século XVII. Cai a noite na aldeia indígena de San Juan Teotihuacán. Percebe-se entre os clarões cinza e rosados do crepúsculo a massa da pirâmide do Sol, cujos gigantescos vestígios foram res-  
peitados pelos séculos e pela conquista es-  
panhola.

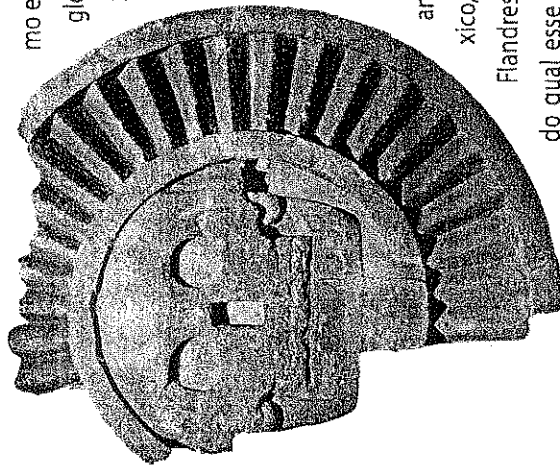
1. PIRÂMIDE DA LUA  
AS PIRÂMIDES DA LUA  
E DO SOL, DE TEOTIHUACÁN,  
JÁ ESTAVAM EM RUÍNAS EM  
1500, QUANDO O IMPÉRIO  
MEXICA CHEGOU AO SEU  
APOGEU.



*A passagem do século  
1480-1520: as ori-  
gens da Globalização  
Cao. Sm: Seraph  
Cruzinski. Viranda  
Século: A. J. J. J. J.  
1999, Ed. C. A. da  
Folhas: 1708.  
R-58  
1501-  
9788541642651*

Em San Juan, um cronista relê as páginas que acaba de escrever. Don Fernando de Alva Ixtlilxóchitl é certamente um dos primeiros grandes historiadores latino-americanos, se me permitem esse anacronismo. Esse mestiço se gaba de descender de uma família real indígena e é por isso que demonstra tanto entusiasmo em escrever sua *Historia de la Nación chichimeca*. Don Fernando interroga-se sobre o ano 1500 e fica extasiado com "las maravillosas obras de Dios Nuestro Señor y el muy gran orden y misterio que en sí tienen". Por que essa data é tão crucial para a Europa e para o Novo Mundo? Nosso mestiço teria nos respondido, sem vacilar, que o ano 1500 testemunhara dois fatos decisivos para a história da Europa e do México. Foi nesse ano, na cidade de Gand, que nasceu "el felicísimo y poderosísimo emperador don Carlos (de gloriosa memoria) nuestro Señor", isto é, o futuro Carlos V, que iria controlar a Espanha, a Itália, o Sacro Império Romano-Germânico e a maior parte do continente americano. Ora, nesse mesmo ano de 1500 nascia no México, a milhares de léguas de Flandres, o príncipe Ixtlilxóchitl, do qual esse mestiço era um descen-

2. ESCULTURA  
ENCONTRADA PRÓXIMO À  
PIRÂMIDE DO SOL.  
REPRESENTA UM CRÂNIO  
HUMANO CIRCUNDADO  
POR RAIOS.



dente direto. Esse príncipe, assim como o imperador Carlos, estava predestinado a um futuro excepcional. "Los astrólogos y adivinos [...] dijeron que este infante había de recibir nueva ley y nuevas costumbres, y ser amigo de gentes extrañas y enemigo de su patria y nación." De fato, o príncipe Ixtlilxóchitl daria uma ajuda decisiva aos conquistadores do México e participaria diretamente da vitória do cristianismo contra a idolatria.

Hoje, pode-se achar graça das especulações do mestiço mexicano. É evidente que essa milagrosa coincidência, esse "mistério" só existia na imaginação de don Fernando. Servia para melhor ligar o passado da América, e mais exatamente o do México, à história ocidental, como se estivesse escrito que os índios iam se tornar cristãos e obedecer ao rei da Espanha. Assim, o tempo indígena e o tempo cristão convergiam de forma providencial. Antes mesmo de se unirem em 1519, ano da chegada de Hernán Cortés ao México, as duas histórias, nas palavras de don Fernando, se refletiam como num espelho.

### De um século a outro

Seremos atualmente mais capazes de ler o passado sem manipulá-lo ao sabor de nossos interesses ou das modas do momento? O ano 1500 marcou de fato para a Europa e para a América um salto para uma outra época?

Se os cortes clássicos da história europeia fazem coincidir essa data com a passagem da Idade Média para os Tempos Modernos, nada permite supor que essa mudança de século tenha *a priori* um significado para o continente americano. Será que podemos continuar a crer que as pulsações de nosso calendário deveriam naturalmente ritmar o curso da história universal, e que uma mudança de século no Ocidente teria necessariamente um significado e um alcance para todas as sociedades do planeta? Tanto mais que, de forma relativamente inconsciente, acrescentamos a essas mudanças de sé-

culo um toque de angústia e de suspense, como se essas datas fossem secretamente portadoras do fim dos tempos ou anunciadoras de um milênio de paz e felicidade. No entanto, mesmo sabendo que durante milênios a América e a Europa seguiram trajetórias radicalmente diferentes, um velho eurocentrismo ainda nos leva a imaginar o passado pelo prisma do Velho Mundo que estenderia a qualquer preço as histórias dos Outros no leito de Procusto da história da Europa e do cristianismo. Para dizer a verdade, os descobrimentos europeus só têm sentido para os europeus, e as terras e povos que os europeus passam a conhecer jamais brotam do nada.

Feitas essas ressalvas e tomadas essas precauções, o fato é que o ano 1500 reveste-se de um significado particular para uma fração — ainda ínfima — da América e para uma parte da Europa, a das penínsulas ibérica e italiana. Não só porque é o ano do surgimento oficial do Brasil na rota dos portugueses, mas sobretudo porque marca o período em que foi selado o destino comum dos dois continentes. De fato, em 1500 faz oito anos que há presença europeia no Caribe: uma primeira tentativa de colonização sobre a qual ninguém na época podia imaginar que seria o prelúdio da conquista e da ocidentalização de todo um continente, e até, na realidade, uma das primeiras etapas da globalização. Por mais que a história do mundo não se reduza à da Europa e à da expansão europeia, e por mais que a história da América não se limite ao extermínio das populações indígenas, o que então se passava nessa parte do mundo era, e continua a ser hoje, exemplar em muitos aspectos.

Portanto, convém observar a passagem do século, primeiramente, nessas ilhas tropicais do Caribe, ali onde pela primeira vez populações em tudo distantes se encontram e se enfrentam, raramente para o bem, quase sempre para o mal.

Há outra razão para iniciar nossa viagem pelo Caribe. Foi nesse ponto do mundo que se realizaram, para os indígenas e em dimensões

reais, as previsões do Apocalipse e o fim dos tempos que os europeus esperavam ver surgir dos lados do Oriente e do Império Otomano.

### *O primeiro choque dos mundos*

A descoberta das "Índias" data de outubro de 1492. Bem mais que o ano 1500, essa data costumava ser considerada a verdadeira linha divisória en-



3. JAN MOSTAERT,  
UM EPISÓDIO DA  
CONQUISTA DA AMÉRICA,  
c. 1521

O PINTOR FLAMENGO NOS  
OFERECE, PROVAVELMENTE,  
AS PRIMEIRAS IMAGENS DOS  
MASSACRES COMETIDOS  
PELOS ESPANHÓIS NAS ILHAS  
DO CARIBE.

tre a época medieval e os Tempos Modernos. A notícia do descobrimento espalhou-se depressa pela Europa da época. Um tratado impresso em Sevilha em 1493 afirmava que "no hay gente tan bárbara, aunque sea en las Indias remota, que ya de [...] tan prósperos vencimientos sea ignorante".<sup>2</sup> No início do século XVI, nos territórios dominados pela coroa de Castela, espalhou-se a idéia da novidade absoluta do acontecimento: nunca se vira algo assim desde o nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo.

É preciso imaginar essas ilhas na véspera da chegada das primeiras caravelas. Indígenas nus que cultivam a mandioca, a batata-doce, o milho e o algodão, que conhecem a arte dos mares e se deslocam de ilha em ilha em grandes pirogas. Poderosos "caciques" à frente de

miríades de servos *naborias*, guerreiros que entre um combate e outro entregam-se ao jogo de bola ou *batey*, os *bohites* que absorvem a fumaça do tabaco para ver os ancestrais, curar as doenças ou conversar com os deuses. A bem da verdade, nada sabemos da vida cotidiana dessas populações, de suas esperanças e de seus medos. Só nos restam migalhas de informações e as impressões recolhidas pelos europeus que se aventuraram por esse mundo a partir de outubro de 1492.

As primeiras imagens são paradisíacas: uma vegetação exuberante, águas límpidas, aves raras, produtos cobiçados — alóés, canela —, criaturas nuas, bonitas e acolhedoras. Exageros de viajantes impressionados pela magia dos trópicos, clichês inspirados no Paraíso terrestre, essa "visão do paraíso" — para retomar o título do grande livro de Sérgio Buarque de Holanda — nasce nos anos 1490 nessas terras jamais vistas. Os primeiros tempos também surgem sob o signo do ouro. As notícias que os conquistadores levam para a Espanha são, antes de mais nada, entusiasmantes:

Se coge el oro cavando a la orilla del río. De inmediato, en efecto, brota el agua a borbotones; primero mana algo turbia, después, a poco de recobrar su color cristalino, quedan a la vista los granos de oro que están posados en el fondo por su pesantez, de mayor y menor peso que una dracma de oro, de los que Hojeda en persona cogió muchísimos. Lo más maravilloso aún es lo que me avergonzaría de escribir de no haberlo escuchado a un hombre bajo juramento: al golpear con un mazo una roca que está junto al monte, se deramó gran cantidad de oro por doquier brillaron centellas doradas con resplandor inenarrable.<sup>3</sup>

Explica-se o tom exaltado dos primeiros visitantes que anunciam um futuro esplendoroso aos Reis Católicos: ei-los prestes a se tornarem "los más prósperos y más ricos príncipes del mundo".<sup>4</sup> Outras

ilhas como a Guadalupe pareciam ter em abundância almecega, gengibre, incenso e sândalo, riquezas mais que suficientes para darem à dupla coroa de Castela e Aragão os meios de exercerem uma vocação mundial.

Já em 1496, depois das tentativas malogradas em Navidad e Isabel, surge a primeira cidade europeia da América: São Domingos, com seu plano em forma de tabuleiro de xadrez, o qual será reproduzido pela maioria das cidades das Índias ocidentais. Uma sociedade colonial, a primeira da América, aí se implanta no último decênio do século XV. Ela é urbana, à imagem da que os espanhóis deixaram em sua terra, apressados em criar nessas ilhas as *villas*, isto é, vilarejos onde convivem, num semblante de cenário e de vida à europeia, embora essas localidades, quase sempre sem futuro, sejam fundadas e abandonadas com idêntica rapidez.

É que em poucos anos as realidades locais se encarregam de dissipar os entusiasmos dos primeiros tempos e de desmentir os balanços triunfais que Colombo e seus partidários espalhavam. Quase sempre falta aos recém-chegados o mais estrito necessário e eles são incapazes de satisfazer as próprias necessidades. Até mesmo Colombo deve suplicar aos Reis



4. CRISTÓVÃO COLOMBO  
NASCIDO EM 1451,  
FORMADO NAS ESCOLAS  
DE GÊNOVA, INGLATERRA,  
PORTUGAL, MADEIRA  
E GUINÉ, ELE ORGANIZA  
QUATRO EXPEDIÇÕES PARA  
O NOVO MUNDO. EM  
1500, TEM 49 ANOS.



Católicos que lhe enviem o mais depressa possível os objetos e mercadorias mais elementares. Aliás, o Almirante revela-se um pérfido administrador, e o primeiro regime colonial, uma experiência improvisada cujos erros e falhas tiveram um custo humano considerável. Já em 1494 chegam críticas à Espanha. Acumulam-se as queixas contra o Almirante, "publicando que no había oro [...] y que todo era burla quanto el almirante decía".<sup>5</sup> A evangelização inicia-se com extrema lentidão, por falta de intérpretes. A exploração das novas terras parte-se cada vez mais uma iniciativa tão árdua quanto dispendiosa. Os Reis Católicos, que em 1494 cogitam em enviar mil homens para "poblar las Indias", mudam de opinião, voltam atrás e, no ano seguinte, cortam esse total pela metade, exigindo que sejam repatriados os bandidos e os parasitas.<sup>6</sup> E, em 1495, aparentemente o monopólio de que Colombo gozava vai por água abaixo: outros espanhóis recebem autorização "de ir a descubrir otras islas y tierra firme a la parte de las Indias en el Mar Oceano".<sup>7</sup>

Nesse mesmo ano, Colombo resolve despachar quinhentos escravos indígenas para Cádiz. Na falta de ouro e de prata, a Hispânia tem um capital em recursos humanos pronto para ser explorado, assim como se havia feito nas Canárias, deportando os guanches, e assim como os portugueses praticavam havia anos na costa da África. O sonho das montanhas auríferas se dissipa para dar lugar ao tráfico de escravos, embora Colombo também anunciasse o envio de "brasil e fuestete y cobre".<sup>8</sup> O *brasil* era esse pau de "brasa" do qual o Brasil, alguns anos mais tarde, despachará carregamentos inteiros para a Europa.

Enquanto nas ilhas a autoridade do Almirante é cada vez mais contestada, na Espanha os soberanos católicos preocupam-se com a legalidade do tráfico de escravos e com o custo da empreitada transatlântica em relação às quantias investidas. As ilhas, agora, já não fazem muito sucesso na Europa. Numerosas são as deserções. Deve-

se garantir aos que aceitam partir a possibilidade de voltarem "en las primeras caravelas que de las Indias vinieren". No mais das vezes, os candidatos à viagem preferem desaparecer antes do embarque, não sem ter embolsado o adiantamento que lhes dão. As Índias estavam longe de responder às esperanças materiais e às ilusões que se criaram.

Quanto aos índios, sua sina foi catastrófica. Aliás, quem se preocupava com isso? Foi preciso esperar o domingo do Advento de 1511, e o sermão de grande repercussão do dominicano Antonio de Montesino, "la Voz que clama en el desierto", para que o naufrágio físico e espiritual das populações indígenas fosse publicamente criticado diante dos colonos europeus. Muito cedo o entusiasmo religioso do Almirante fez Isabel, a Católica, vislumbrar a grandiosa possibilidade da conversão dos indígenas. "Otra cosa no me falta para que sean todos christianos salvo no se lo saver dezir ni predicar en su lengua."<sup>9</sup> Na verdade, a cristianização nunca esteve na ordem do dia.

Por outro lado, é conhecida a série das desgraças que enfraquecem e depois dizimam os autóctones: epidemias e subalimentação, massacres e maus-tratos, exploração desenfreada dos sobreviventes, destruição do meio ambiente e dos modos de vida tradicionais, deportações maciças. A passagem de um século a outro será nas ilhas um inferno que jogará no nada civilizações e gerações de indígenas. Arauaques, tainos, caríbas, sociedades inteiras pagaram por essa aventura atroz. Mal foram descobertas, são de imediato engolidas...

Mal enraizada, frágil, instável, incontrolável e incontrolada, a jovem sociedade colonial é incapaz de ser outra coisa além de uma máquina de destruir a fauna, a flora e os homens: as índias, mas também os europeus, dos quais uma parte sucumbe ao clima, às doenças — a sífilis, as febres — e às más condições de vida. Os animais vindos da Europa também participam da Conquista e do desastre. Os porcos largados pelos invasores destroem as culturas de subsistência e a

fome corria populações às quais os espanhóis mal deixam tempo de se ocuparem de seus afazeres agrícolas. Exangues, esgotados e privados de sistema de defesa imunológica, os habitantes das ilhas não oferecem a menor resistência às doenças novas de que são portadores os brancos e, com eles, os negros. Como todos os outros ameríndios, durante dezenas de milênios os ilhéus tinham vivido sem nenhum contato com o resto do mundo. Esse isolamento os expôs a todos os micróbios e a todos os vírus levados pelas caravelas. A varíola, a malária eliminarão aqueles que serão temporariamente poupados dos maus-tratos. Ao se desencerrar a América, assinava-se o atestado de óbito deles.

A partir de 1508, a desertificação humana incita a exploração do viveiro das Bahamas: essa deportação maciça introduz quarenta mil indígenas em Hispaniola. Quatro anos depois, as reservas humanas das Bahamas também estão esgotadas. A coroa comove-se com a situação, mas é impotente diante da extensão do desastre e da dificuldade de intervir numa terra tão distante. Perdeu o controle da situação, cujos ecos sinistros lhe chegam do Oceano. As medidas propostas pela coroa de Castela são tardias, inadaptadas ou inaplicáveis. Vozes autorizadas da administração espanhola prognosticam para 1520 a extinção da população indígena. Não se enganam muito. Quando Las Casas, o grande defensor dos índios, começa sua cruzada em favor dos indígenas e denuncia a situação das ilhas, já é tarde demais.

Diante da destruição da população autóctone, uma nova solução vai se impor: importar negros da África portuguesa e do Cabo Verde, pedindo autorização ao rei de Portugal. É em 1518 que tem início o tráfico de negros da África para a América espanhola, depois que as primeiras licenças de importação foram concedidas aos feitores genoveses e aos círculos próximos do novo rei de Castela, o futuro Carlos V. Outra decisão também terá importância capital. Se os religio-

sos hieronimitas, enviados para governar Hispaniola, não são capazes de controlar a situação, conseguem desenvolver a indústria açucareira que fizera uma tímida aparição nas ilhas já na segunda viagem de Colombo. Em 1515, um médico de São Domingos manda buscar nas ilhas Canárias, às suas custas, especialistas em plantio de cana-de-açúcar: "Molió e hizo azucar primero que otro alguno".<sup>18</sup> Ao retornar à Espanha, o cronista Oviedo iria ter o privilégio de entregar ao moribundo rei Fernando as primeiras caixas de cana-de-açúcar. Alguns anos depois, um primeiro *ingenio* começaria a funcionar em regime contínuo no vale de Nizao. Os investimentos não tardariam a se multiplicar, em especial nos arredores da cidade de São Domingos, onde as chuvas, a fertilidade dos solos e das florestas ainda virgens ofereciam excelentes condições.

Uma população autóctone reduzida a nada — ela teria passado de um milhão a cinco mil —, açúcar, negros: um novo futuro para as Antilhas está progressivamente se criando. Negros, açúcar e, como pano de fundo, o desaparecimento da população indígena: isso faz pensar na colonização do Brasil, que ainda está balbuciando. Mas uma outra América — o México — já desponta na mira dos castelhanos. Em 1519, à frente de uma pequena frota e de uma armada, Hernán Cortés se lança à conquista do México.

A aventura das ilhas é exemplar para toda a América, espanhola, inglesa ou portuguesa, pois ali se desenvolve um roteiro que se repetirá em várias outras regiões do continente americano: caos e esbanjamento, incompetência e desperdício, indiferença, massacres e epidemias. A experiência servirá pelo menos de lição à coroa espanhola, que tentará praticar no resto de suas possessões americanas uma política mais racional de dominação e de exploração dos vencidos: a instalação de uma igreja poderosa, dominadora e próxima dos autóctones, assim como a instalação de uma rede administrativa densa e o envio de funcionários zelosos, que evitarão a repetição



5. COLOMBO APORTANDO

da catástrofe antilhana. Mas esses esforços não conseguirão conter os efeitos mortíferos das epidemias, nem temperar o caos generalizado, gerado pela conquista militar e pela crise mortal das civilizações pré-hispânicas.<sup>11</sup>

#### *Os sonhos do Almirante*

Há um abismo incomensurável entre a realidade sórdida das ilhas e o que preocupa Colombo ou os letrados europeus na virada do século XV. Se 1500 é um ano sombrio para Cristóvão Colombo, que volta a Castela preso em correntes, as decepções do navegador têm pouco a ver com os tormentos das populações antilhanas. O mundo de Colombo — um mundo que ele construiu à medida que foi fazendo suas descobertas — e o dos cientistas europeus tentam fazer uma síntese dos saberes da Antiguidade, das especulações da cosmografia medieval e das conquistas proporcionadas pelas explorações portuguesas. Como todo debate de idéias, esse ajuda a nos aproximarmos do pensamento da época.

Que significado o "descobrimento" de Cristóvão Colombo? O que ele procurava do outro lado do Oceano? Nem sempre é fácil saber, pois teorias, intuições e esperanças messiânicas não param de se atropelar na cabeça do genovês.

Sabe-se que Cristóvão Colombo não descobre a América, pois imagina estar chegando à Ásia, à ilha de Cipango (o Japão), perto da costa da China e da corte do Grão-Cã. Que procurava? As "ilhas Douradas", Tarsis e Ofir, de onde saíram as fabulosas riquezas que o rei Salomão explorara. Cristóvão Colombo não alegava que Ofir era simplesmente a ilha de Hispaniola, hoje ilha do Haiti? Aliás, o Almirante era um homem obstinado. Convencido de ter chegado ao continente asiático quando desembarcou em Cuba, ele obrigou seus partidários a partirem de sua idéia fixa.

Em sua terceira viagem (1498), tentou atingir outra ilha famosa, a de Taprobana, que os Antigos haviam mencionado. Na verdade, ele descobriu uma terra sobre a qual escreveu: "Esta terra de acá es otro mundo". Transmitiu a notícia aos Reis Católicos: "Vuestras Altezas tienen acá un otro mundo",<sup>12</sup> lembrando o papel que fora o seu: "del nuevo cielo y tierra me hizo mensajero".

Qual era, pois, esse "outro mundo"? Para nós, do século XX, é o continente americano. Para os sábios do século XV, essa expressão evocava o que os antigos haviam descrito como o mundo dos antipodas, um mundo onde brilhavam outras estrelas, desconhecidas dos europeus, como esse Cruzeiro do Sul que os portugueses tinham descoberto no Atlântico Sul. Portanto, Colombo imaginava navegar nos rastros dos geógrafos da Antiguidade, dos Plínio e dos Ptolomeu, cujas afirmações ele podia ir verificando ao longo de suas expedições. Mas não teria o Almirante compreendido todas essas viagens para confirmar os escritos deixados pelos antigos?

"Vuestras Altezas tienen acá un otro mundo [...] Del nuevo cielo y tierra me hizo mensajero."<sup>13</sup> Como compreender essa dupla afirmação? A fórmula sintetiza o objetivo último que o Almirante queria fixar para suas viagens e reflete o clima de excitação intelectual e mental que reinava no fim do século XV. Para Colombo e seus contemporâneos, o sentido último das coisas só podia ser religioso: tudo



estava obrigatoriamente na Bíblia, o passado e o presente. Aos olhos do genovês, o significado de sua descoberta estava na realização de uma profecia do Antigo Testamento. O Almirante se convencerá de que o profeta Isaias conhecia as terras novas das quais falara em diversos trechos da Bíblia. Isaias teria inclusive dado a entender que era a Espanha que as evangelizaria.

Assim sendo, a missão providencial, para não dizer metafísica, da Espanha e a de Colombo eram a mesma. "Para la ejecución de la empresa de las Indias", proclama Colombo em 1501, "no me aprovechó razón ni matematica ni mapamundos: llenamente se cumplió lo que dijo Isaias."<sup>14</sup> E, como se isso não bastasse, o Almirante acrescentou uma citação do Apocalipse de São João: "Y ví un nuevo cielo y una nueva tierra...".

#### *Messianismo e final dos tempos*

A referência à profecia de Isaias coloca o descobrimento numa perspectiva messiânica; o advento da nova terra e do novo céu devia acontecer no meio da paz universal: "Lobo y cordero a una pastarán, y el león comerá paja con el buey, más la serpiente tendrá polvo por alimento".<sup>15</sup> Ávido por precisões, o Almirante chegara inclusive a calcular que o fim do mundo ocorreria ao final de 155 anos.<sup>16</sup>

Diante disso, os esforços de Colombo ganham pleno significado. E não é por acaso se a imaginação do Almirante se inflama nos últimos anos do século, uma época tão fértil em inquietações escatológicas. A descoberta geográfica permitiria levar a bom termo o grande projeto com que os cristãos sonhavam desde sempre. Colombo esperava apoderar-se das riquezas da Índia para reconquistar a cidade de Jerusalém e talvez até reconstruir o Templo de Salomão. Os títulos recebidos pelo Almirante — "Almirante del mar Oceano y Visorey y Gobernador de las islas que se han descubiertas en las Yndias"<sup>17</sup> — o confortavam na idéia de que ele devia cumprir uma

missão excepcional. O cosmógrafo catalão Jaime Ferrer de Bienes não o saudava como "o eleito da Divina Providência"? Dizia ele:

Breve estareis, pela graça divina, no *sinus magnus* perto do qual ficou o santo corpo do glorioso Tomé. O que a verdade suprema afirma será realizado, a saber, o mundo inteiro estará sob a autoridade de um só pastor e de uma só lei.<sup>18</sup>

Mas aí surge mais um detalhe enigmático: que o Almirante tenha tido obsessão pela conquista de Jerusalém, como a maioria dos cristãos de seu tempo, não é nada surpreendente. Colombo, porém, pretendia conseguir a reconstrução do Templo de Jerusalém, "reedificar la Casa del monte Sión".<sup>19</sup> De que modo interpretar um projeto tão pouco ortodoxo? Pois essa preocupação era típica dos judeus, e não dos cristãos. Se o Templo de Jerusalém tinha sido destruído, era para punir a perfídia dos judeus que haviam se recusado a reconhecer o Messias. Os cristãos acreditavam que o Templo seria reconstruído no final dos tempos, mas pelo próprio Anticristo: "El Anticristo reedificará la antigua Jerusalén, en la cual ordenará que se le adore como a un Dios".<sup>20</sup> Por outro lado, a reconstrução do Templo era uma das esperanças alimentadas pelas populações judaicas geração após geração. Assim sendo, como explicar que o Almirante tenha se entusiasmado por essa iniciativa que ele financiaria com as riquezas das novas ilhas?

Sem transformar obrigatoriamente Colombo num italiano de origem judaica, pode-se pensar que a influência dos *conversos*, esses judeus convertidos à força ao cristianismo, era tão ativa na sociedade castelhana que suas idéias impregnavam outros meios, não necessariamente suspeitos de serem judaizantes. Messianismo e milenarismo aproximavam as religiões do Livro tanto quanto as separavam. Não nos esqueçamos também de que nessa época os financistas *conversos* eram influentes em torno do rei Fernando de Aragão e que tive-

ram um papel considerável na preparação das expedições atlânticas e na colonização do Caribe.

#### *O mistério das ilhas novas*

As interpretações do Almirante também devem ser colocadas no contexto das hipóteses que eram formuladas sobre as ilhas recém-descobertas, e na efervescência intelectual provocada por esse acontecimento. Por volta de 1494, na corte de Castela, sábios e humanistas sustentavam teorias tão fantasiosas quanto as de Colombo. Alguns colocavam as ilhas no golfo Pérsico, identificando os indígenas das Antilhas com os habitantes da África oriental; outros falavam das Hespérides. Os Reis Católicos também se intrigavam, perguntando a Colombo se era verdade que havia por lá dois invernos e dois verões por ano, como na fabulosa Taprobana, a mais afastada das ilhas das Índias, segundo os antigos. O cronista Pedro Martyr, um italiano instalado na corte de Isabel, identificava a ilha de Hispaniola com uma ilha chamada *Antília*. Outros afirmavam o contrário: a *Antília*, descoberta outrora pelos portugueses, não era a Hispaniola. Ela havia servido de refúgio aos espanhóis que fugiam dos sarracenos, mas desde então ninguém a encontrara.

A geografia da Antiguidade não parava de inspirar hipóteses aos navegadores e aos letrados. Muito se falou de Taprobana, essa ilha gigantesca que acabamos de evocar. Era a Taprobana que Colombo procurava em sua terceira viagem, e foi nos rastros do Almirante que se lançaram outros navegadores como Vicente Yañez Pinzón (1499-1500), Diego Lepe (1499-1500) e Alonso Vélez de Mendoza (1500-1501).<sup>21</sup> Nenhum, é claro, descobriu a Taprobana, mas se chegará, o que já alguma coisa, à costa de uma terra que será chamada de Brasil.

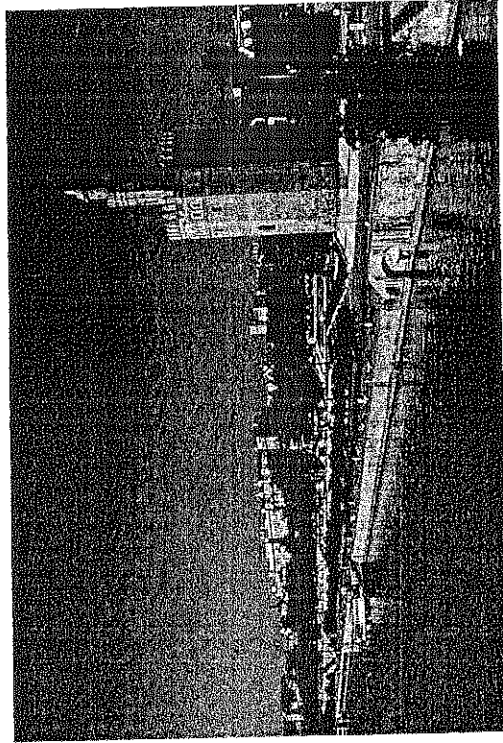
No entanto, foi preciso aceitar o óbvio. Existia de fato um outro continente. E é aí, às vésperas do ano 1500, que a expressão "Novo

Mundo" começa a aparecer nos textos dos cronistas antes de ser popularizada nos de Américo Vesúcio.<sup>22</sup>

Essas discussões podem nos parecer um tanto obscuras e inúteis. Elas nos recordam que os europeus do final do século XV não imaginavam de jeito algum o mundo e os continentes como o fazemos hoje. Revelam sobretudo a velocidade vertiginosa com que o conhecimento do planeta evoluiu nesse final do século XV. Todos os saberes se juntam a fim de contribuir para situar geograficamente os descobrimentos e projetar Castela numa concorrência furiosa com o vizinho Portugal. Num reino que se abre ao humanismo do Renascimento e a seu culto dos autores antigos, as velhas crenças medievais estão se unindo aos saberes mais recentes para dar novas ambições aos Reis Católicos. De fato, é o amálgama entre o antigo e o moderno que dá tanta força a esse projeto político, da mesma forma que dinamizou a empreitada colombiana. Demoremo-nos um instante nessa Espanha que ainda não sabe que conhecerá no século XVI o apogeu de sua grandeza.

#### *O destino extraordinário do reino de Castela*

No fim do século XV, Sevilha e Medina del Campo estavam em via de se tornarem os postos avançados europeus da América. Era ali que os fregueses e os curiosos podiam se extasiar diante dos primeiros índios, os *guacamayos* e os *hutias* trazidos das ilhas. Em 1500, Medina del Campo tem feiras prósperas que mantêm laços com todas as grandes praças financeiras da Europa. Em 1500, Sevilha já conta com quarenta mil habitantes. Embora a cem quilômetros do mar, o porto de Guadalquivir já estava de olho num tráfego atlântico ainda amplamente em mãos dos portugueses. Na época, a prosperidade de Sevilha vem de suas terras ricas em cereais, vinhos, olivais e frutas. A cidade importa peixes portugueses, especiarias do Oriente e tecidos



6. SEVILHA: A TORRE DEL ORO E AS MARGENS DO GUADALQUIVIR FOI EM SEVILHA QUE O JOVEM LAS CASAS PÔDE ADMIRAR, NO FIM DO SÉCULO XV, OS PRIMEIROS ÍNDIOS VINDOS DO CARIBE.

de Flandres. Uma imponente catedral, construída sobre a antiga mesquita, domina os cais abarrotados do Guadalquivir. Em 1503, os Reis Católicos criam a *Casa de la Contratación*, no modelo da *Casa da Índia* de Lisboa. Essa agência governamental tem a missão de controlar o tráfego na Espanha e no Novo Mundo, e inclusive possui um escritório de hidrografia e uma escola de navegação que emprega Vespúcio como *piloto mayor*. Em pouco tempo, o ritmo das frotas que subiriam o Guadalquivir faria a fortuna dos sevilhanos, assim como influenciaria a atividade das feiras e o mercado de câmbio de Medina del Campo. Mas será preciso fazer a conquista do México, e depois a do Peru, para que Sevilha se torne a porta obrigatória do Novo Mundo.

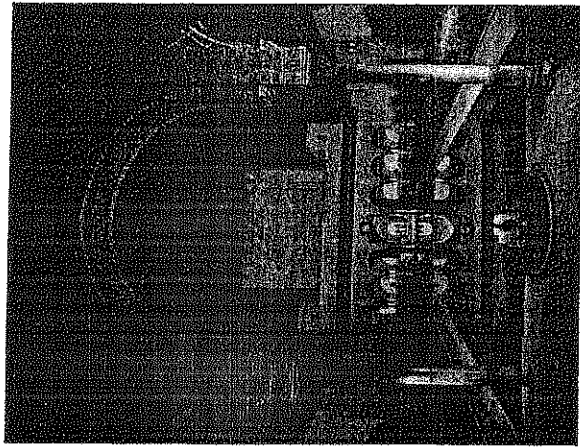
Em 1500, Isabel, a Católica, tem 49 anos. Só lhe restam quatro anos de vida. Nada predis-

punha seu reino a conhecer um destino americano. Na verdade, a segunda metade do século XV fora para Castela um tempo de sofrimentos e instabilidade e, depois, de consolidação, sob o comando dessa mulher bela e enérgica que subira ao trono em 1474. O casamento de Isabel com o rei Fernando de Aragão

introduzira um vínculo dinástico entre os dois reinos ibéricos. Reforçou uma Castela que, em 1492, conquistou a cidade de Granada: uma vitória dos cristãos que anunciou o fim do último reino muçulmano da Espanha e da Europa.

Para Isabel e os castelhanos, o acontecimento era, sem a menor dúvida, bem mais significativo do que a primeira viagem de Cristóvão Colombo. A tomada de Granada foi extraordinária. Nas palavras do cronista italiano Pedro Martyr, Granada, a "Cidade Vermelha", a ex-capital dos nasrides, era a mais linda cidade da Europa:

Veneza está cercada pelo mar por todo lado; Florença, cingida de montanhas, sofre sempre terríveis invernos, e Roma (é) consistentemente fustigada pelo vento do Sul que



7. GRANADA: O ALHAMBRA OS CASTELHANOS QUE CONQUISTARAM A CAPITAL MUÇULMANA RESPEITARAM OS ESPLÊNDIDOS PALÁCIOS DO ALHAMBRA, QUE SE TORNARAM RESIDÊNCIA REAL.

traz o ar pestilento da África, e abatada pelas emanções das terras pantanosas do Tibre. Granada, ao contrário, goza de um outono eterno. Os arredores são tão delicadamente ornamentados que evocam os Campos Elísios pelos quais a água corre continuamente.<sup>23</sup>

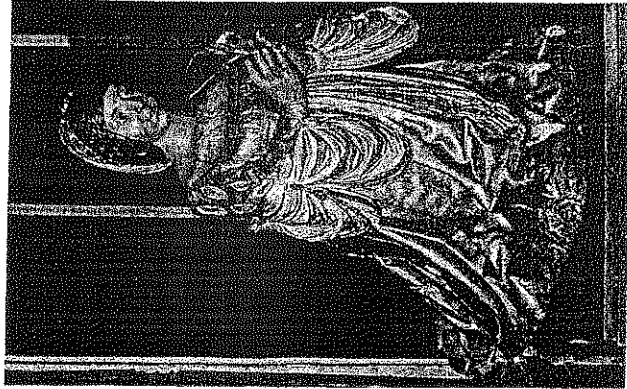
Mas outras razões menos poéticas faziam dessa vitória uma data crucial da história da Espanha. O ano de Granada, 1492, foi também o da expulsão dos judeus, com muitos deles indo para Portugal em busca de uma terra mais hospitaleira. A vitória contra o Islã e a solução da "questão judaica" nos leva às obsessões da época. Os Reis Católicos faziam uma cruzada, tanto quanto uma política de expansão militar.

#### *A idade de ouro do messianismo espanhol*<sup>24</sup>

Nesse fim de século, as expectativas milenaristas do Almirante encontravam, pois, um eco na Espanha de Isabel e de Fernando, onde circulavam inúmeras profecias.<sup>25</sup> Os novos horizontes descortinados pelos descobrimentos atlânticos e a vitória de Granada eram, muito naturalmente, interpretados em termos religiosos. A empresa marítima tinha elementos de sobra para seduzir os Reis Católicos, abridores extraordinárias perspectivas de futuro: converter as almas desses milhões de indígenas escravos do demônio e construir um império transoceânico que se tornasse o primeiro elo de uma soberania indivisível do mundo.

Toda a visão imperialista se expressava na época por meio de uma linguagem metafísica e escatológica que explorava as velhas crenças sobre a dominação do mundo, o fim dos tempos e o triunfo do cristianismo. Já em 1493, em Roma, na corte do papa Alexandre VI — um valenciano da família dos Borja<sup>26</sup> — só se falava do fabuloso destino reservado aos Reis Católicos.<sup>27</sup> A aliança do Leão de Castela e do Cordeiro dos Borja, respectivos emblemas das duas famílias,

evocava uma famosa imagem bíblica que transformava a milagrosa coexistência dos dois animais, "dormindo em el mismo cubil" no sinal precursor da vinda do Messias. Era pelo menos o que afirmava o embaixador dos Reis Católicos ao sumo pontífice, apoiando-se em profecias atribuídas a santo Isidoro e a santa Brígida. O papa, Isabel e Fernando deviam vencer todos os outros monarcas do mundo, e a



8. ISABEL, A CATÓLICA  
NASCIDA EM 1451, ISABEL  
CASA-SE COM FERNANDO DE  
ARAGÃO EM 1469, SOBE  
AO TRONO DE CASTELA EM  
1474 E CONQUISTA O  
REINO DE GRANADA. EM  
1500 TEM 49 ANOS.  
MORRE QUATRO ANOS  
DEPOIS.

descoberta de Cristóvão Colombo, tanto quanto a queda de Granada, eram de fato a prova da missão providencial que os aguardava nesta terra.

Em Roma, as especulações messiânicas circulavam a todo vapor. Inspiravam as arengas dos diplomatas e conferiam às especulações sobre o futuro a força dos textos sagrados. As afirmações feitas diante da Cúria romana repercutiam as pretensões espanholas e encontravam uma acolhida favorável nos meios letrados da capital pontifical. Um orador não chegou até a afirmar que a queda de Granada havia sido o acontecimento mais glorioso ocorrido desde o nascimento de Jesus Cristo? O título de "Reis

Católicos" que o papa outorgara a Isabel e Fernando não significava "monarcas universais"?

Os humanistas que cercavam o marido de Isabel também sabiam cultivar essas ambições messiânicas. Nascido em 1452, três anos depois de sua esposa, Fernando, o Católico, reforçou o poder real, controlou as ordens militares e conquistou Nápoles em 1504. Esse soberano admirado por Maquiavel tinha como emblema o nó górdio desfeito, um símbolo antigo que permitia augurar que ele dominaria a Ásia e faria a reconquista de Jerusalém. Joachim de Flore — um monge do século XII a quem se atribuíam profecias de todo tipo — não chegara a anunciar pessoalmente que a Cidade Santa seria tomada pelos espanhóis?<sup>28</sup> Era essa fabulosa conquista que a queda de Granada prefigurara. Depois da tomada de Málaga, os Reis Católicos teriam apenas de conquistar a África para acabar de vez com o Islã. E Fernando, até a hora de sua morte, viveu convencido de que não morreria sem ter reconquistado a Terra Santa.

Especulava-se sobre o futuro com base nos milagres, lembrando-se os prodígios que haviam acompanhado a guerra de Granada, pois durante a campanha a peste e o frio glacial tinham milagrosamente poupado o campo dos cristãos.<sup>29</sup> Outro personagem do reino, o cardinal Cisneros, iria juntar-se a essa galeria messiânica, por ocasião da expedição a Orã (1509). Profecias de inspiração joachimita anunciavam que o cardeal "estava convocado para se tornar esse *pastor angelicus* que, a partir de Jerusalém enfim libertada, reformaria a Igreja inteira".<sup>30</sup> Mas parece que a opinião pública espanhola não se dispôs a seguir seus dirigentes até o Egito e Jerusalém.<sup>31</sup>

As esperanças políticas e os sonhos messiânicos dos Reis Católicos também eram a tradução dos êxitos que eles acumularam. Excelentes relações com Alexandre VI permitiram-lhes negociar seu futuro império mundial nas melhores condições. Em 28 de junho de 1493, o papa

publicou a bula *Intercaetera*, antedatada de 4 de maio de 1493: ela outorgava a Isabel e Fernando todos os territórios descobertos ou a descobrir em direção das Índias, mais além de uma linha situada a cem léguas a oeste dos Açores e do Cabo Verde.

Mas o rei de Portugal, João II, protestou contra a decisão do papa e conseguiu a abertura de negociações que terminaram com a assinatura do Tratado de Tordesilhas, em 7 de junho de 1494: o mundo foi dividido em dois hemisférios por um meridiano que passava a 370 léguas a oeste das ilhas do Cabo Verde. Portugal obtinha a seção oriental e trancava o acesso da África negra aos castelhanos, enquanto os espanhóis reservavam para si o setor ocidental.<sup>32</sup>

Esse gesto imperialista fora preparado por uma série de bulas dadas pelo papa a Portugal e pelo Tratado de Alcáovas-Toledo, assinado entre Lisboa e Castela (1479-1480). Como divide o mundo de acordo com critérios geométricos — seguindo uma linha que vai de um pólo a outro, sem nenhum respeito pelos direitos dos povos que eram separados —, foi esse tratado, sem a menor dúvida, a certidão de nascimento da globalização. Precisava-se de toda a ciência dos sábios ibéricos, além de todo o entusiasmo messiânico e da sede de poder que animavam seus respectivos soberanos, para imaginar essa decisão de alcance planetário.

Mas os Reis Católicos ignoravam que o futuro iria se encarregar de dar razão às suas mais ambiciosas esperanças. Dessa vez, foi menos a mão da Providência do que os efeitos imprevisíveis de uma política dinástica que ultrapassava as fronteiras da Península.

A bem da verdade, de início esteve-se à beira da catástrofe quando o príncipe herdeiro Juan morreu em 1497, aos dezoito anos, seis meses depois de seu casamento com Margarida da Áustria. As canções de Juan del Enzina, um dos maiores músicos espanhóis da época, exprimem com um desespero contido a tristeza que se apodera da corte e de Castela.



*Toda España sin ventura,  
todos te deven llorar.  
Despoblada de alegría,  
para nunca en ti tornar,  
tormentos, penas, dolores te vinieron a poblar...*<sup>33</sup>

Quem herdará o trono de Castela? Miguel, filho do rei de Portugal, que iria reunir sob seu manto os três reinos de Portugal, Aragão e Castela? O destino decidiu de outra forma. Miguel morreu em 1500 e é Joana, a Louca, filha dos Reis Católicos, que se torna a herdeira das duas coroas. Em 1496, ela se casara com o arquiduque Filipe, o Belo, herdeiro dos poderosos duques de Borgonha. Em 1500, em Gand, nasce Carlos, filho dessa união. Só vinte anos depois se saberá que essa data é capital. Em 1506, o jovem príncipe herdava os Países Baixos, Luxemburgo, Artois, Flandres e a Borgonha. A morte de Fernando de Aragão, em 1516, fez dele o rei de Castela, Nápoles e Aragão; três anos depois, seria eleito rei dos romanos, o que lhe valeria cingir a coroa do Sacro Império Romano-Germânico. A herança espanhola passava às mãos daquele que, para nós, se tornará o impedor Carlos V. No seu distante México, um século mais tarde, o cronista mestiço Alva Ixtlilxóchitl saberá rememorar a importância desse nascimento.

#### *A Itália dos negócios e do humanismo*

A aliança de Castela e Aragão aproximara a Itália da península Ibérica, pois desde a Idade Média os aragoneses nutriam uma vocação mediterrânea e de longa data estavam implantados no sul da Itália e no reino de Nápoles.

Em 1494, franceses e aragoneses tinham lutado para conquistar esse reino meridional, que resolveram dividir entre si em 1501. Nesse ano, o filho de Frederico de Nápoles foi exilado para a Espanha, onde

acabou seus dias cercado por uma corte brilhante. Alguns anos depois, esmagados em Gaeta, os franceses renunciavam ao reino e se contentavam com o Milanes. Com seus 150 mil habitantes, Nápoles era a cidade mais povoada da Europa do Renascimento. Os navios se amontoavam na baía, à sombra de seus castelos onde tremulavam centenas de ouro-péis, enquanto a fumaça do

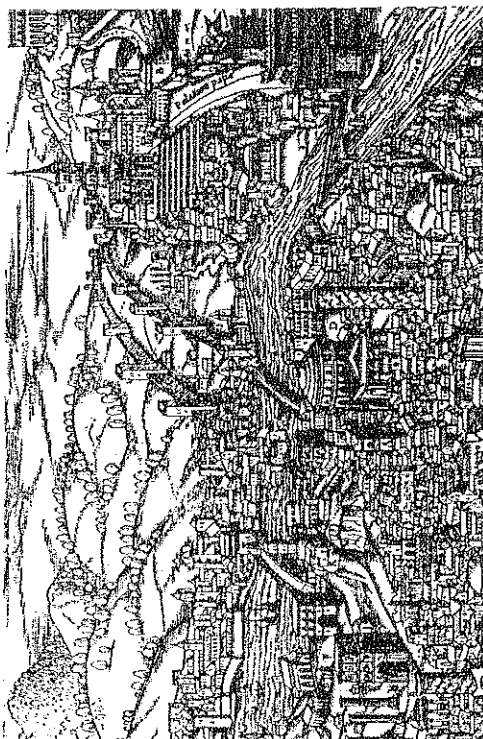


#### 9. ROMA: O PAPA

ALEXANDRE VI BORGIA  
RODRIGO BORGIA FOI UM DOS GRANDES PAPAS DO RENASCIMENTO. NASCIDO EM 1431, PAPA EM 1492, TEM 69 ANOS EM 1500. FOI ELE QUEM FEZ A PARTILHA DAS TERRAS DO OCEANO ENTRE CASTELA E PORTUGAL.

Vesúvio, com suas encostas cobertas de vinhedos, impressionava os visitantes. Mas Nápoles também era uma cidade de humanistas e letrados, como prova o papel desempenhado por Sannazaro ou pela academia fundada por Pontano no final do século XV: "En aquella sazon era tenido por uno de los literatissimos y doctos hombres de Italia".<sup>34</sup>

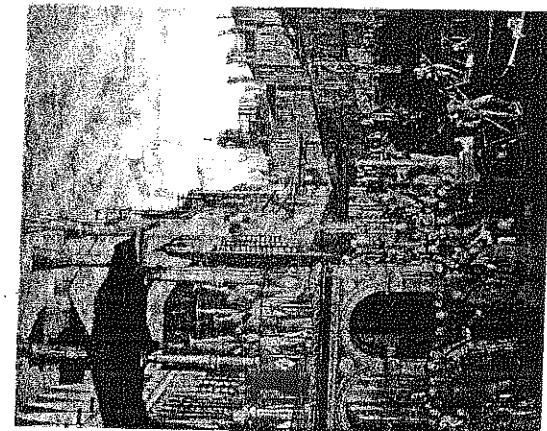
Em 1500 Roma tem trinta mil habitantes. É a capital da cristandade, um dos focos mais ativos do Renascimento, e tem ruínas antigas que ninguém deixa de visitar. Um papa valenciano, Alexandre VI Borgia, uma forte colônia espanhola, embaixadores de Castela apaixonados pelo humanismo comprovam as relações estreitas que unem a capital pontifical e a península Ibérica. Entre um escândalo e outro,



10. VISTA DE ROMA  
EM MEADOS DO  
SÉCULO XVI.

ressoavam na corte pontifícia os apelos para a cruzada contra os turcos, procurando o papa Borgia mobilizar os príncipes da cristandade. Em 1500, as festas do Jubileu atraíram uma multidão de europeus, católicos devotos, mas também curiosos, bandidos e prostitutas, ávidos para aproveitar uma ocasião tão excepcional de ver gente e encher os bolsos. Cidade piedosa ou nova Babilônia? Em todo caso, Roma continua a ser uma cidade de arte: aquela em que Alexandre VI confia a Pinturicchio a decoração das seis salas do apartamento Borgia no Vaticano, aquela em que, em 1506, abrem-se os canteiros de obras da nova **basílica de São Pedro** sob a direção de Bramante.

Mais ao norte, da Toscana a Veneza, de Pisa a Génova, agita-se uma Itália dos negócios cuja influência é tão internacional quanto a da Igreja dos papas. Banqueiros genoveses, mer-



11. VENEZA NO FIM  
DO SÉCULO XV

O QUADRO DE CARPACCIO,  
*O MILAGRE DA RELÍQUIA DE  
SANTA CRUZ*, MOSTRA A  
CIDADE TAL COMO ERA NO  
FIM DO SÉCULO XV.

cedores florentinos e venezianos estendem sua teia econômica e financeira sobre toda a Europa e penetram até no Egito e no Oriente Médio. Bem implantados, eles dominam os circuitos comerciais, as frotas e as redes de informação da Europa medieval.

Veneza, com cem mil habitantes em 1500, é o maior arsenal da Europa. Cidade que tem uma base em suas possessões na terra firme, ela continua a ser, antes de mais nada, a porta do Oriente, cuja evolução política acompanha com a maior atenção. A capital da Laguna vive do comércio de produtos orientais e da venda das especiarias que consegue no Egito e no Levante. Nesse fim de século, a progressão inexorável dos turcos no Mediterrâneo oriental e no Adriático é alarmante, assim como breve será a irrupção dos portugueses no oceano Índico. Mas Veneza também é a cidade do pintor Bellini e de Aldo Manuzio, cuja gráfica publica nada menos do que 27 edições *prints* de autores gregos entre o fim do século XV e início do XVI. Refúgio dos letrados bizantinos que fugiram da conquista turca, a cidade da Laguna está em via de se tornar um dos

centros mundiais para onde convergem e onde se imprimem as notícias trazidas pelos exploradores atlânticos.

Gênova, a grande rival de Veneza, dominava o Mediterrâneo ocidental. Que se poderia compreender da carreira de Cristóvão Colombo sem a implantação de seus compatriotas genoveses nos portos da Europa atlântica? Mas também convém lembrar que desde 1440 os genoveses se interessam pelas expedições portuguesas na costa da África. Instalados em Lisboa, Sevilha, Madeira e nas Canárias, os genoveses acompanham a expansão marítima dos ibéricos e se interessam pelas finanças dos Estados da península. Gênova é a primeira praça bancária da Europa.

Por último, a Itália do Renascimento também exporta artistas e letrados para reinos à cata de cultura humanista e de novidades. É o caso de Leonardo da Vinci, atraído pela corte do rei da França, e é o caso, bem antes dele, do cronista milanês Pedro Martyr d'Anghiera, que aceitou de bom grado a oferta que lhe fizera um aristocrata castelhano para se estabelecer na Espanha.

Essa onipresença dos italianos explica que sejam encontrados tanto em Sevilha, assistindo de camarote ao descobrimento do Novo Mundo, como em Lisboa, onde embaixadores e espiões recolhem todo tipo de notícia sobre a África negra e a Índia. Na corte dos Reis Católicos ou confortavelmente instalado em sua casa de Sevilha, a partir de 1493, o milanês Pedro Martyr d'Anghiera segue com regularidade os acontecimentos do outro lado do Atlântico. O humanista que ele é coleta informações de primeira mão e também encontra os marinheiros, interroga os navegadores e os descobridores; enquanto passam entre suas mãos os primeiros produtos trazidos do Novo Mundo, Pedro Martyr não para de escrever. Suas cartas difundem, primeiro em Roma e na Itália, as notícias da expansão castelhana. Logo serão traduzidas em todas as grandes línguas européias. Pelo tom da correspondência, a vivacidade e a curiosidade de seu espírito, esse

milanês se comporta como um jornalista *avant la lettre*, sempre preocupado em abordar todos os assuntos, sempre com pressa de informar o quanto antes seus ilustres correspondentes italianos. Pedro Martyr é, sem nenhuma dúvida, uma das testemunhas privilegiadas dessa época de mudanças e descobrimentos.

Junto com Colombo, um outro italiano — o florentino Américo Vespúcio — teve participação direta nas expedições castelhanas e portuguesas. Mas também teve um papel essencial para difundir as descobertas. Foi ele, muito em especial, que lançou o termo "Novo Mundo", antes de dar seu nome à América. Como explica em sua carta *Mundus Novus*, em agosto de 1504: "Es lícito llamarlo Nuevo Mundo, ya que nuestros antepasados no tuvieron de él conocimiento alguno y es cosa muy nueva para todo el que la oye".<sup>35</sup> A Vespúcio atribuíram-se até mesmo textos que, tudo indica, vinham de oficinas florentinas já especializadas na fabricação, impressão e venda de informações sensacionalistas sobre o Novo Mundo. Foram elas que forneceram aos italianos, e depois aos europeus, as notícias exóticas que o público adorava.<sup>36</sup> Essa manipulação das informações também é um dos avanços da modernidade no limiar do século XVI. Em 1500, as redes de comunicação ocidental são fundamentalmente italianas, e conseguirão responder aos desafios apresentados pelos novos mundos que os navegadores exploram e descrevem.

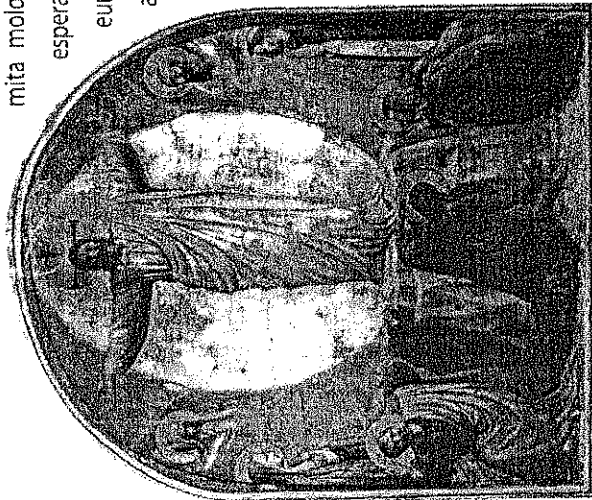
#### *A febre apocalíptica do ano 1484*

Nesse fim de século, as expectativas milenaristas que floresciam na Castela dos Reis Católicos não poupavam a Itália dos humanistas e do Renascimento. Seria falso opor uma Espanha mística a uma Itália entregue de corpo e alma ao culto da mercadoria, das artes e da razão. Na verdade, é em Florença, em pleno coração da Península, nos últimos anos do século XV, que eclode o movimento espiritual do dominicano Savonarola, a partir do famoso convento de San Marco

que o pintor Fra Angelico decorara tão magnificamente.

Antes de nos debruçarmos sobre as previsões do monge de Florença, e mais ainda sobre seu alcance político, examinemos as esperanças messiânicas e milenaristas da Itália do Quatrocentos. Elas constituíam uma tradição muito bem arraigada na península italiana. Fazia dois séculos que, baseadas nos ensinamentos do monge franciscano Joachim de Flore — morto em 1202 —, as crenças e profecias não paravam de proliferar. Esse monge anunciava que uma Nova Era do Espírito precederia as convulsões do final dos tempos. Suas previsões milenaristas inspiraram uma série de textos que lhe foram atribuídos e, em seguida, se espalharam por toda a Europa. Até mesmo se chegou a escrever que o pensamento joachimita moldara os temores e as esperanças da humanidade europeia durante séculos a fio.<sup>37</sup> Outros ensinamentos apocalípticos se ligavam aos textos do profeta Daniel ou ao Apocalipse de São João — que era chamado *Livro da Revelação*. Essas leituras se impunham a qualquer um que quisesse decifrar os sinais

12. FLORENÇA:  
TRANSFIGURAÇÃO,  
AFRESCO DO CONVENTO  
DE SAN MARCO  
DECORADO COM AFRESCOS  
DE FRA ANGELICO, ESSE  
MOSTEIRO FOI UM  
DOS CENTROS  
DA ESPIRITUALIDADE  
FLORENTINA. SEU PRIOR FOI  
O MONGE JERÔNIMO  
SAVONAROLA.



dos tempos a fim de descobrir a data do fim do mundo e prever a forma que ela assumiria.

Na Itália, como no resto da Europa, duas visões do futuro dividiam os espíritos. Alguns sustentavam a idéia de um milênio que seria marcado pelo reino de Cristo na Terra. Essa visão otimista do milenarismo coexistia com uma interpretação mais francamente pessimista, que anunciava a iminência do fim dos tempos e recusava a idéia do milênio de paz. São Vicente Ferrer fazia parte dos pessimistas que procuravam obstinadamente identificar a presença do Anticristo no mundo, já que ele seria o sinal precursor do fim dos tempos.

Mas não era o ano 1500 que iria excitar as especulações e despertar as angústias, pois para muitos italianos e europeus outra data parecia fatídica. Uns vinte anos antes, astrólogos, santos, sábios, tinham anunciado que o ano 1484 seria de convulsões que mudariam a história do cristianismo e do mundo. Paradoxalmente, foi uma fonte não cristã que determinou o ano 1484 como o da grande transformação. Traduziram-se em latim os textos de um astrônomo árabe do século IX, Albumasar. Seus leitores, no final do século XV, estavam convencidos de que a conjunção de Júpiter e Saturno anunciava para esse ano um acontecimento extraordinário ou inovações espetaculares que afetariam o cristianismo. A Internacional dos sábios — que reunia astrólogos como Paul de Middelburg ou Johannes Lichtenberger, a serviço da corte do imperador Frederico III, humanistas como Marsilio Ficino, filósofos neoplatônicos como Cristoforo Landino — tinha especulado a não mais poder sobre os efeitos dessa conjunção astral.

Um erudito, hoje bastante esquecido, mas na época famoso na península italiana — Giovanni Nanni, também conhecido com o nome de Annus de Viterbo —, teve aqui um papel de primeiro plano. Esse dominicano, que por volta de 1500 tinha fama de ser o melhor especialista em Anticristo,<sup>38</sup> foi um teólogo influente nos pontificados

de Sisto IV e Alexandre VI. Nomeado em Roma chefe do Palácio Sacro em 1499, foi encarregado pelo papa de vigiar a ortodoxia de todos os textos preparados pela administração pontifical. Em 1480, Annius de Viterbo publicara uma obra intitulada *Dos futuros triunfos dos cristãos contra os sarracenos*.<sup>39</sup> O texto foi uma espécie de best-seller em seu gênero: oito edições se sucederam no final do século XV. Reúne os medos e as obsessões da época, abordando figuras maiores da literatura apocalíptica, como o Imperador do fim dos tempos e o Papa angélico. Ali estão lado a lado tanto as especulações astrológicas de Albumasar, uma seleção das profecias de Joachim de Flore, as reflexões do misteriosíssimo Hermes Trismegisto, como a interpretação que o autor dava dos textos do Apocalipse. Annius de Viterbo explicava que os turcos eram a Besta do Apocalipse, e Maomé, o Anticristo. O Islã castigava a Igreja para punir a dos cismas que a tinham dividido e das heresias que haviam proliferado. Annius predizia sucessivamente a derrota dos maometanos, a ressurreição universal, a regeneração da Igreja e o início de um milênio terrestre que veria "um novo céu e uma nova terra sob a forma da santa cidade de Jerusalém e do Tabernáculo de Deus".<sup>40</sup> Segundo Annius de Viterbo, o milênio seria seguido de uma nova ressurreição dos mortos, logo antes do fim do mundo.

Não é de espantar se aqui encontramos as fórmulas que entusiasmaram Cristóvão Colombo e seus partidários mais chegados: "um novo céu e uma nova terra". Da mesma forma, o apelo à cruzada contra os turcos coincidia com as preocupações dos Reis Católicos e as intenções do papa Alexandre VI. Na sua bula da Cruzada de 1500, o pontífice não hesitava em castigar os turcos com epítetos demoníacos: "inimigos do nome de Cristo, gente muito pérfida, sedenta de sangue cristão".<sup>41</sup> Os textos de Annius de Viterbo tiveram tanta repercussão que influenciaram os grandes pintores da época, como Luca Signorelli, ao decorar a catedral de Orvieto, Pintoricchio, quando pin-

tou os apartamentos Borgia no Vaticano (1492-1494), e até as cenas apocalípticas de Rafael na *Stanza de Eliodoro*.

Mas outros monges também tinham se especializado no fim dos tempos e na chegada do Anticristo: santo Antonino, arcebispo de Florença (1446-1449), são Vicente Ferrer, a quem se atribui *De fine mundi*. Nessa compilação publicada em 1477, o santo descrevia a época que a Igreja então vivia como uma "Idade de ferro", um tempo degenerado, povoado de prelados ímpios e impiedosos. Como Annius de Viterbo faria algum tempo depois dele, o santo atacava os judeus, esses servidores do Anticristo "que se misturam com as mulheres cristãs e fazem tanto mal". Aliás, é para evitar semelhantes "contaminações" que, em 1492, os Reis Católicos expulsam os judeus de Castela.

Ao lado das especulações dos monges, letrados e filósofos, florescem as previsões dos astrólogos e dos profetas de rua que cruzam a península. Esse clima era contagioso. De resto, não seria específico da Itália, já que a França, a Alemanha e Castela também estavam impregnadas pelo mesmo ambiente. Mas em Florença, a capital dos Medici, ele assumiu um aspecto bem particular.

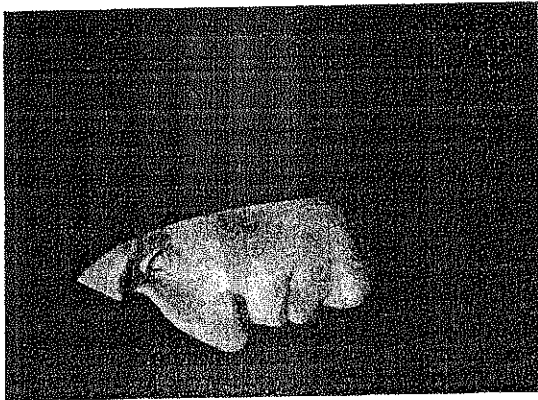
### *O monge de Florença*

Em julho de 1490, os monges do convento de San Marco elegeram um dominicano, Savonarola, como prior do convento. Desde os anos 1480, esse pregador já famoso havia multiplicado os sermões apocalípticos: foi possível ouvi-lo em San Gimignano, na Toscana, mas também em Brescia e em outras cidades do Norte da península. Ele imaginava ser o encarregado de uma missão divina e ameaçava seus ouvintes com a destruição da Itália. No início dos anos 1490, começou a denunciar as injustiças sociais e os excessos dos *grandi*, esses exploradores dos pobres que se entregavam aos prazeres da carne e aos jogos. Para Savonarola, o Juízo Final era iminente. Seus sermões suscitaram a admiração de inúmeros humanistas que circulavam pela



corde de Lourenço, o Magnífico, como Marsilio Ficino e Pico della Mirandola.

Alguns anos mais tarde, as palavras do monge passaram a ter uma orientação francamente messiânica e milenarista. As idéias messiânicas de Savonarola eram as de um reformador visionário que não se preocupava muito com a coerência nem com a continuidade de suas idéias e



### 13. JERÔNIMO SAVONAROLA

NASCIDO EM FERRARA EM 1452, SAVONAROLA ENTRA NA ORDEM DOS DOMINICANOS EM 1475 E SE TORNA PRIOR DO CONVENTO DE SAN MARCO, EM FLORENÇA. ENFORCADO E QUEIMADO EM 1498, NÃO VERÁ O ANO DE 1500.

análises. Mas o messianismo e o milenarismo não se prestavam a pensar as situações mais diversas e mais antagônicas? Como muitos de seus contemporâneos, Savonarola concebia a história do mundo como uma sucessão de eras que chegariam inelutavelmente ao Juízo Final. Preocupado desde 1490 com a chegada próxima do Anticristo e dos Últimos Dias, chegara ao ponto de acreditar que o mundo se aproximava de sua última era, a da ressurreição universal. Seria uma época de regeneração mundial que se apoiaria nas instituições humanas como a monarquia francesa e a cidade de Florença.

De fato, foi no fim do ano 1494 que o pregador começou a fazer de Florença a cidade gloriosa, a Eleita de Deus. A cidade do Arno devia ser a Nova Jerusalém, a capital da Re-

novação. Depois de ter sofrido sessenta anos de cativo sob o governo dos Medici, ela ainda seria perseguida antes de conhecer o triunfo. O Senhor em pessoa proclamava: "Devo retornar à Igreja de Florença para aí construir meu Templo. Jerusalém será de novo visitada e a perversidade de Roma, reprovida".<sup>42</sup> Centro, cabeça e coração da Itália, Florença tinha a missão de renovar toda a península. A cada messianismo seu etnocentrismo.

Já em 1495 o dominicano se felicitava pelos bons resultados da renovação da cidade: as mulheres casadas viviam com seus esposos respeitando a castidade, as moças só saíam cobertas de véus, as viúvas mantinham-se virtuosas, a sodomia e o jogo tinham desaparecido. Diante de uma Florença renovada e triunfante, Roma logo seria destruída e despojada de suas riquezas. Escolher Florença era escolher de novo Jerusalém. Os florentinos seriam os judeus dos Últimos Tempos: eram, como eles, os eleitos de Deus e, também como eles, sofreriam diversas tribulações. O dominicano anunciava o advento do amor de Cristo, que se tornaria o fundamento de um novo milênio de espiritualidade. Seria nesse momento que "os anjos iriam vir com os humanos e que a Igreja Militante se juntaria à Igreja Triunfante".<sup>43</sup>

Na interpretação de Savonarola, um rei apoiaria os esforços de Florença. No entanto, dessa vez o rei messiânico não era o de Castela, mas Carlos VIII, o monarca francês. Deus o escolhera "para ser seu ministro na empresa de renovação da Igreja que se iniciava nesse instante preciso".<sup>44</sup> Carlos VIII é que subjugaria os muçulmanos e os converteria ao cristianismo. Savonarola, nesse ponto, apenas retomava as profecias que corriam a respeito da Casa da França. Dizia-se que breve ela geraria um novo ou um segundo Carlos Magno, que reformaria a Igreja, conquistaria o Oriente, converteria os infiéis e unificaria o mundo. Só restaria a esse novo imperador depositar sua coroa no Monte das Oliveiras.

Como se percebe, nesse fim de século as expectativas messiânicas e os sonhos imperialistas eram os mesmos por todo lado, mas sua encarnação política mudava segundo os países e ao sabor dos interesses dinásticos. Tanto quanto Castela, a França não escapava das esperanças messiânicas, mas tentando aproveitá-las em benefício próprio. No discurso que faz para Carlos VIII, o grande humanista Marsilio Ficino tratou de lembrar essas crenças que convinhavam tão bem aos interesses de Florença. A aliança feita entre o rei da França e a cidade do Arno oferecia aos florentinos um protetor dotado do mais brilhante futuro.

Assim, foi uma mistura de imperialismo florentino e de republicanismo messiânico que terminou, progressivamente, formando a ideologia de Savonarola. Há de se notar o paralelismo com as crenças cas-teihanas ou até mesmo com as da Moscóvia, que, no mesmo período, se apresenta como a concretização da terceira Roma. Tudo se passa como se esse fim de século fosse favorável a construções religiosas e intelectuais que explorassem a linguagem do milenarismo e do messianismo para expressar novas realidades políticas, conferindo-lhes pretensões universais. Como se o nascimento do Estado moderno só pudesse ser verbalizado numa linguagem antiga e aparentemente intemporal. Também por isso a figura carismática de Savonarola tem algo em comum com a de outro italiano, Cristóvão Colombo, igualmente convencido de ser portador de uma missão divina. Veremos mais adiante que o Portugal do rei Manuel também se vincula a essas correntes.

A tentativa de Savonarola fracassou e o monge pagou com a própria vida os seus ensinamentos. Seus ataques contra o papa Alexandre VI e as lutas políticas dentro da cidade de Florença causaram sua perda. Abateu-se o interdito sobre a cidade. Savonarola foi enforcado e queimado em 1498. A opinião pública se voltou contra ele e, por uma triste ironia, o tratou de Anticristo. Contudo, mesmo depois de

sua morte seus partidários continuaram a defendê-lo. Em 1498, poetas ainda acreditavam que Florença seria chamada de "Cidade de Deus" e que seria a "Nova Jerusalém resplandecente".<sup>45</sup> Em 1500, Bartolomeo Redditi, um doutor em direito canônico, reiterava seu apoio às idéias de Savonarola: "Creio e creio firmemente porque sua prédica fez de Florença um paraíso na Terra".<sup>46</sup>

A passagem do século não desfez os medos milenaristas. Em 1513, Fra Francesco da Meleto prega na Igreja de Santa Croce: "Por todo lado haverá sangue. Haverá sangue nas ruas, sangue nos rios, as pessoas navegarão em ondas de sangue, lagos de sangue, rios de sangue [...] Dois milhões de demônios serão largados no céu [...] porque mais mal foi cometido durante estes últimos dezoito anos do que durante os cinco mil que os precederam".<sup>47</sup> Por mais que o V Concílio de Latrão tentasse, em 1516, acalmar os delírios dos pregadores, parecia certo que a plenitude dos tempos era iminente.

#### *A Europa de Erasmo e dos Fugger*

Será que a Europa do Norte escapa dessas obsessões quando tantos laços históricos a unem à Itália? Pensemos na famosa Querela do Papado e do Império, que ocupou uma parte da Idade Média e opôs os dois poderes supremos da cristandade, o papa de Roma e o chefe do Sacro Império Romano-Germânico. Pensemos, sobretudo, nas inúmeras relações econômicas, financeiras e artísticas que a península mantém há vários séculos com a Alemanha e os países do Norte.

É o caso de Veneza, que recebe os mercadores alemães no seu *Fondaco dei Tedeschi*, uma imensa construção que é um misto de entreposto e hotel. Veneza, cujas terras se estendem, por cima dos Alpes e da garganta do Brenner, até as cidades da Alta-Alemanha, até Augsburg, a cidade do pintor Holbein, e Nuremberg. A prosperidade desses centros vitais situados no coração da Europa vem das indústrias têxteis da região, dos minerais do Tirol, do comércio com

a Moscúvia e da Polónia. Eles compram e revendem géneros alimentícios que descem do Báltico. Em 1500, a *Grande Sociedade de Ravensburgo* está presente na Suíça, em Lyon, Avignon, Marselha, Milão e Génova, Barcelona, Saragoça, Antuérpia, Colónia e Nuremberg...

Mas os comerciantes italianos também frequentam há muito tempo os Países Baixos e Bruges, essa Veneza do Norte em via de ser definitivamente ultrapassada pelo porto da Antuérpia. Conhecem bem essa região densamente povoada, sua agricultura de rendimentos altos e as oficinas têxteis instaladas por todo lado nos burgos e no campo. Também conhecem as dificuldades de Bruges, cujos canais se enchem de lodo à medida que o mar se retira para longe da cidade mercantil. Em outubro de 1492, magistrados e funcionários de Bruges tinham ido à Antuérpia suplicar aos comerciantes estrangeiros que voltassem para a cidade do Zwin e ali residissem, como faziam antes. Em vão. Contudo, a Bruges ainda restam coisas boas. Continua a ser uma praça bancária ativa e a cabeça-de-ponte das cidades hanseáticas que controlam as trocas desde o mar do Norte até o fundo do Báltico.

Os entrepostos das velhas cidades da Hansa estão abarrotados de mercadorias: peixes salgados, ferro e cobre da Suécia, cinzas, pez e alcatrão, âmbar, peles preciosas, sal marinho vindo das praias atlânticas. Os ingleses e os holandeses ainda estão longe de privar Lübeck, Hamburgo ou Bremen de sua supremacia comercial e marítima.

Mais a oeste, a Inglaterra que prospera em torno do porto de Londres — seis mil habitantes — e de sua indústria da lã, a França do Norte, com Rouen e sua fachada atlântica, completam o panorama de uma Europa nórdica, rica graças a seus peixes, suas madeiras, suas produções têxteis, ávida pelos metais que a Europa central lhe manda e por produtos preciosos e exóticos que os comerciantes italianos lhe vendem a preço de ouro.

O culto ao dinheiro e à mercadoria é acompanhado de uma vida intelectual e artística de grande intensidade. Por todo lado, pintores e músicos flamengos estão na moda: as obras destes são tocadas em Burgos, Lisboa, Paris; os reis, as igrejas e os mosteiros da península Ibérica compram os quadros e esculturas que lhes levam os mercados nórdicos: é o filho do mestre-de-obra bruxelense da catedral de Toledo, Enrique de Egas, que realiza a fachada da Universidade de Salamanca, uma obra-prima de estilo plateresco.<sup>48</sup> É também nessa época que Jerónimo Bosch pinta a *Nave dos Loucos*, seus infernos e suas *Tentações de Santo Antão*, em que se expressam as angústias causadas pelo mundo demoníaco e que fazem eco aos afrescos italianos de um Luca Signorelli. As florestas enfeitadas, os peixes estranhos, os horizontes avermelhados das paisagens infernais inventadas por Jerónimo Bosch conseguirão tocar os corações dos europeus, de Flandres a Castela, de Bruxelas a Lisboa.

Em 1500, dois nomes encarnam esse mundo do trabalho, do ganho, do estudo e da criação: Jakob Fugger e Erasmo. Jakob Fugger é o famoso banqueiro de Augsburg. Formou com os irmãos "a maior firma comercial e bancária de toda a Europa, graças à mestria que demonstra Jakob, o Rico, muito em especial na qualidade de principal financiador dos Habsburgo".<sup>49</sup> Os Fugger são onipresentes: nas minas de prata do Tirol e da Hungria, nos Países Baixos, na Itália, em Roma, onde sua feitoria é responsável pelas transferências de dinheiro dos países germânicos para a Cúria, na Alta-Alemanha, onde suas oficinas de fustões e veludos trabalham para a clientela holandesa e italiana. Os Fugger são todo-poderosos:

Os nomes de Jakob Fugger e de seus sobrinhos foram conhecidos em todos os reinos e países, igualmente entre os pagãos. Imperadores, reis, príncipes e senhores lhe enviaram embaixadas. O papa o saudou e beijou como seu filho querido, os cardeais se levantaram diante dele. Todos os comerciantes do mundo o consideraram um



14. JAKOB FUGGER,  
o Rico

UM DOS GRANDES HOMENS  
DE NEGÓCIOS DO SÉCULO  
XVI. ESTÁ PRESENTE EM  
QUASE TODOS OS MERCADOS  
EUROPÉUS.

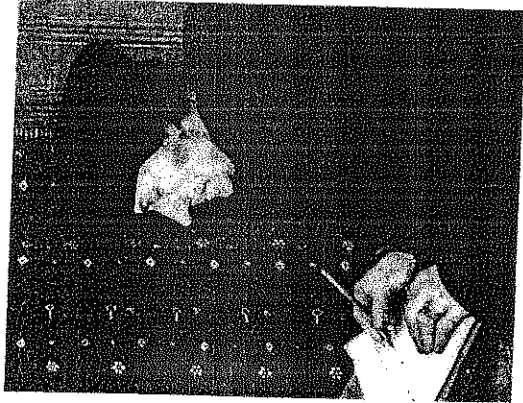
homem inspirado e ele maravilhou os pagãos.<sup>50</sup>

O outro nome que gostaríamos de lembrar é o do "príncipe dos humanistas". Enquanto Jakob, o Rico, acumulava dinheiro e títulos de nobreza, em janeiro de 1500 Erasmo de Roterdã passa uma temporada em Londres. Tem 32 anos. Na capital inglesa, encontra um jovem jurista, Thomas More — o futuro autor da *Utopia* —, com quem faz amizade. No início do ano 1500, Erasmo resolve voltar a Paris para acompanhar a impressão de uma de suas grandes obras, os *Adágios* — na qual são reunidos cerca de oitocentos provérbios gregos e latinos. Se é Jakob Fugger que financiará a eleição imperial de Carlos V, comprando os grandes eleitores, é Erasmo que servirá de conselheiro ao jovem imperador. O humanista holandês iria exercer uma influência considerável no Renascimento europeu e sobretudo nos países da península Ibérica, onde lhe ofereceram um bispado que ele recusou. Seus livros, entre os quais os *Colóquios* e *Elogio da loucura*, sua correspondência, sua presença nos negócios da época o tornaram um ator fundamental da primeira metade do século XVI.

### O imperador da Floresta Negra

Em sua face visível, "moderna", capitalista e humanista dessa Europa nórdica, não se percebem os mesmos sussurros de Castela ou da Toscana de Savonarola? Se Lutero — que só se tornará muito conhecido em 1517 — é tão obcecado pelo Anticristo e pela chegada do Último Dia é porque a Alemanha e os futuros protestantes estavam submersos num clima apocalíptico. Já em 1485, um franciscano da Turingia, Jean Hiltten, anunciava a queda do papado para 1514-1516, a destruição de Roma para 1524 e a do mundo para 1651. Quis o acaso que Hiltten morresse justamente em 1500. Lutero se referia a isso com frequência, e em 1520 proclamara: "O Último Dia está nas portas".<sup>51</sup>

Na Alemanha, o messianismo também assumiu dimensões fortemente populares: foi o que aconteceu com o movimento de Niklashausen, que eclodira em 1476 perto de Wurzburg e que, sob a direção de Hans Böhm, por muito tempo daria o que falar. A Virgem aparecera a Böhm, o pastor que começara a pregar um messianismo igualitarista que atraía as massas para a pequena igreja de



15. ERASMO DE ROTERDÃ  
UM DOS HUMANISTAS MAIS  
PRESTIGIOSOS DA EUROPA  
RENAASCENTISTA, NASCEU EM  
1469 E TEM APENAS 31  
ANOS EM 1500, ANO EM  
QUE PUBLICA SEUS ADÁGIOS.

Niklashausen. Milhares de pessoas vinham da Renânia, dos Alpes, da Turingia para escutá-lo. Böhm atacava violentamente o papa e o imperador, acendendo as mais loucas esperanças. A repressão logo se abateu sobre o pastor e ele morreu na fogueira.

Mas outros iriam se seguir. Nos anos 1480 e 1490, foi reimpressa várias vezes uma obra escrita por volta de 1439, *Reformation Kaiser Sigmund's*, que encorajava os pobres a pegarem a espada e seguirem um rei-padre de nome Frederico, que reinaria sobre o mundo. Outros textos, mais radicais e, como se pode imaginar, nunca reimpressos, como o *Livro dos cem capítulos*, profetizavam a vitória contra o Anticristo, o reino do "imperador da Floresta Negra" e o advento de um mundo justo e igualitário. O Imperador dos Últimos Dias reinaria por mil anos. Os céus se abririam para ele e seu povo. O mundo, do Ocidente ao Oriente, seria submetido à força de seus exércitos. Em diversas regiões da Alemanha, agitações e levantes se seguiram aos textos milenaristas. Em 1502, um movimento popular eclodiu na diocese de Speyer. Era um desses *Bundschuh* que prometiam a abolição dos impostos, o extermínio dos ricos e a reconquista do Santo Sepulcro.<sup>32</sup> Espalhou-se o boato de que 1515 seria o ano apocalíptico. Profecias atacavam o imperador Maximiliano, que na época reinava, e exigiam sua morte; em compensação, outras previsões davam a entender que o imperador era secretamente favorável aos amotinados. Muitos, artesãos e camponeses, tentavam descobrir em cada novo imperador a encarnação tão esperada do imperador Frederico II, que se tornara uma figura mítica cuja reaparição era aguardada com impaciência. Esse clima de exasperação e de revoltas germinais culminará com o famoso movimento dos Anabatistas, que será liderado por Thomas Müntzer.

Como na Itália ou em Castela, nessa Europa do Norte e do Centro o final do século XV e os começos do XVI misturam de forma inextricável as angústias milenaristas e as esperanças das massas, o pragma-

tismo dos comerciantes e as especulações dos humanistas. Também se evocava, cada vez mais, a urgência de uma reforma da Igreja.

### *Às margens do Tejo*

Na Europa do Norte ou na Europa central, várias pistas nos levam ao país mais atlântico da península Ibérica. Por que se manda tanto crédito para Portugal? Por que os Fugger, os florentinos, os genoveses são tão ativos em Lisboa? Por que os normandos de Dieppe e de Rouen perambulam pelos cais do Tejo e pelas tabernas de marinheiros?

Nossa viagem ao seio da península Ibérica nos fez esquecer um reino cujo destino é indissociável do de Castela. As relações de Colombo com a coroa de Portugal, os laços entre as nobrezas dos dois países, o casamento do rei Manuel com uma filha dos Reis Católicos, as idas e vindas dos marinheiros, embaixadores e comerciantes proclamam em todos os tons os laços que unem os dois reinos e as dissensões que os opõem.

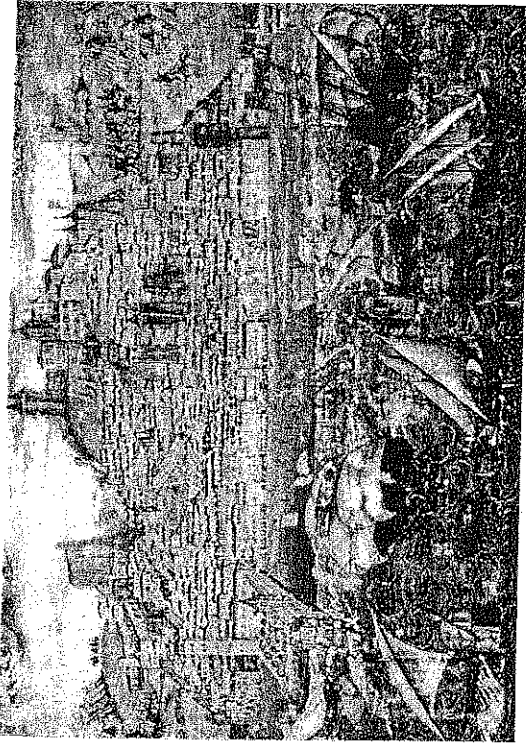
Como é Lisboa na passagem do século? Uma das cidades mais populosas da Europa: por volta de 1500, ela teria abrigado quase cinquenta mil habitantes, dentre os quais vários milhares de escravos. É uma das primeiras metrópoles comerciais do século XVI, antes de Sevilha e de Londres. "Essa cidade, louvado seja Nosso Senhor, cresce todos os dias em população e torna-se cada vez mais bonita."<sup>33</sup> É um porto muito ativo freqüentado pelos comerciantes flamengos e italianos, e também aonde vão parar marinheiros vindos de todos os mares europeus e onde trabalham milhares de escravos africanos. A expansão da indústria naval não deixa de impressionar os visitantes estrangeiros. Fundições e fornos de Lisboa fabricam as âncoras, os canhões e todas as peças indispensáveis aos grandes navios que zarparam para a África. "Havia tantos operários enegrecidos pelos fornos que imaginávamos facilmente estar entre as Cíclopes nas forjas de Vulcano." Um conhecedor, o viajante alemão



No tempo de João II, a cidade ainda possuía seus bairros judeus e mouros. Até 1496, fato excepcional no Ocidente cristão, Lisboa terá suas sinagogas, seus banhos e suas mesquitas. Nesse ano, o decreto de expulsão dos judeus e dos mouros se traduzirá pelo aparecimento de uma população muito importante de judeus *conversos* aumentada pelos refugiados da Espanha. Ainda por muito tempo, ao contrário de Castela, Portugal não conhecerá a Inquisição. O ambiente da cidade de Lisboa era colorido e multiétnico, o que a tornava única na Europa. Falavam-se várias línguas nessa cidade mestiça igualmente aberta aos artistas flamengos como aos africanos que trabalhavam o marfim. Na corte do rei, encontravam-se príncipes negros a quem os clérigos ensinavam o cristianismo e o latim na esperança de fazê-los aliados fiéis e preciosos intermediários — e aqui aculturação e cristianização rimavam com expansão. No início do século XVI, os comerciantes estrangeiros davam à cidade seu aspecto cosmopolita: os italianos, com os Affaitati de Cremona, os Marchionni de Florença, os espanhóis, com os Haro, os alemães, com os Rem, os Welsler, os Hochstetter. Os representantes das grandes firmas de Bruges estavam presentes nas margens do Tejo: ali expediam os têxteis dos Países Baixos e compravam o açúcar português.

E, além disso, cruzava-se com todo tipo de curiosos e aventureiros, dispostos a qualquer coisa para recolher informações sobre as riquezas da Índia e da África. As línguas dos pilotos portugueses se soltavam nas tabernas da Alfama, mapas e relatos circulavam de mão em mão, sob os olhares indiscretos dos estrangeiros. Foi o caso desse capitão normando, Paulmier de Gonneville, que, a exemplo de vários compatriotas seus, negociava com Lisboa, trocando trigo e tecidos da província francesa por laranjas, vinho e uvas. Essas conversas de bar a respeito das terras novas também eram típicas de Lisboa em 1500.

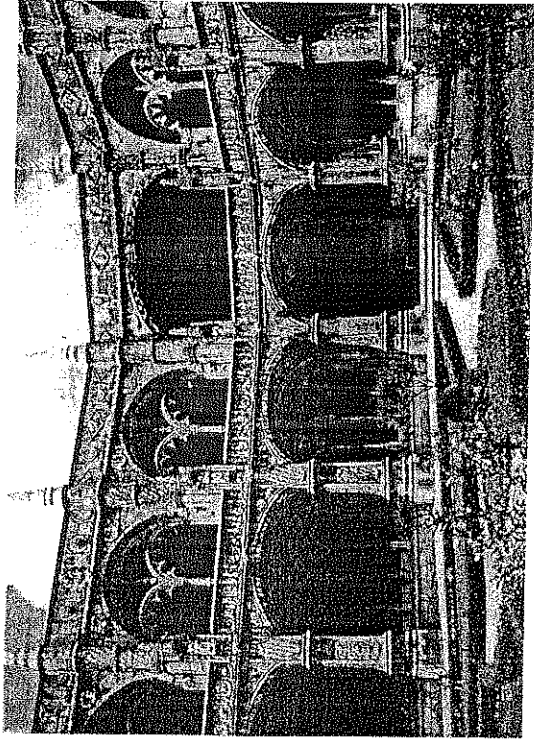
Lisboa é ainda uma cidade de saberes e de cultura. A arte da navegação, o que se chamava então *marinharia* ou *sabedoria do mar*, assim



16. VISTA DE LISBOA NO INÍCIO DO SÉCULO XVI.

Münzer, anotava em seu diário: "Em comparação, as instalações e as fábricas de Nuremberg não são quase nada".

Nos cais de Lisboa acumulam-se cobre, potássio, enxofre, mas também pimenta, malaqueta, marfim. Lisboa é rica graças ao ouro da África, que lhe rende 120 mil ducados por ano. Abunda em curiosidades trazidas das terras longínquas: arcos e flechas da África, marfins finamente talhados, crocodilos empalhados — Münzer vê um deles suspenso na abóbada de um mosteiro —, macacos, papagaios, lobos-marinhos, camelos, sem contar todo tipo de répteis e, logo depois, as grandes "plumagens" despachadas do Brasil. Na *Casa da Mina* havia entrepostos das mercadorias que eram trocadas com os africanos, o que maravilhava ainda mais os visitantes da época.



17. LISBOA: MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS  
O MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS, EM BELÉM, É UMA  
UMA DAS MAIS  
SURPREENDENTES  
REALIZAÇÕES DA ARTE  
MANUELINA; TRADIÇÕES  
MEDIÉVAS, INFLUÊNCIAS  
ITALIANAS E EXÓTICAS SE  
MISTURAM PARA CRIAR UMA  
ARTE TÃO SEDUTORA  
QUANTO SINGULAR.

como a cartografia, eram altamente desenvolvidas: o *Planisfério Cantino*, que hoje é conservado na biblioteca Estense de Módena, é uma eloquente prova disso. Mesmo se os grandes textos sobre a Ásia e a África e os tratados impressos só iriam aparecer mais adiante, no século XVI, Portugal já é, em 1500, um fabuloso reservatório de conhecimentos sobre os mares e os mundos distantes.

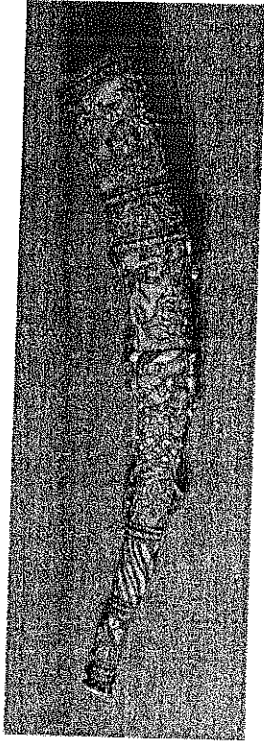
As belas-artes tampouco estão ausentes de Portugal. A construção do mosteiro dos Jerónimos e o aterro do Terreiro do Paço transformam alguns aspectos da cidade. Como em Castela, a influência nórdica é notável. Os portugueses importam pinturas, tapeçarias e madeiras policromadas dos Países Baixos. Desde o fim do século XV, pintores portugueses se inspiram nos flamengos, ao passo que os flamengos que moram em Portugal se adaptam

ao gosto local. Na época de Manuel I, Portugal se tornou importador de livros com iluminuras, também vindos de Flandres. Por fim, a música que se ouve em Lisboa é a de Josquin Desprez e dos polifônicos flamengos. Cultiva-se um estilo musical internacional que sabe aliar as técnicas do contraponto e da imitação, e no qual se inspirou o mestre da catedral de Coimbra, Vasco Pirez.<sup>54</sup>

### *A rota da África e da Ásia*

Mas em Lisboa, mais ainda que em Sevilha, tudo gira mesmo em torno do mar. Lisboa é, antes de mais nada, a base da primeira expansão marítima europeia para a África e a Índia.

Em 1500, a expansão oceânica de Castela ainda está embrionária. As dimensões imperiais e planetárias que lhe trairão as coroas de Carlos V, a conquista do México e a do Peru ainda são inimagináveis. Por outro lado, desde o século XV o controle do Atlântico está nas mãos dos portugueses, que descem as costas da África e são os primeiros a navegar nas águas do hemisfério sul, antes de penetrar no oceano Índico dobrando o cabo da Boa Esperança. Desde 1434 e a ultrapassagem do cabo Bojador, apesar da violência das correntes e dos terrores que suscita o "Mar Tenebroso", os portugueses avançam inexoravelmente ao longo do litoral africano. As expedições se aceleram nos dois últimos decênios do século XV. De 1482 data a construção da fortaleza de São Jorge da Mina, apoio essencial ao comércio do ouro que completa os lucros da caça aos escravos iniciada em 1441.<sup>55</sup> Nesse ano de 1482, Diogo Cão explora a foz do rio Zaire e, no ano seguinte, acredita ter atingido a extremidade da África. A rota portuguesa para a Ásia é e continuará a ser obstinadamente africana. Quando em 1484 Colombo propõe ao rei de Portugal chegar à ilha de Cipango pelo oeste, os conselheiros do monarca o despacham, embora diversos portugueses acreditem que existam ilhas ou até um continente do outro lado do Atlântico.



18. MARFIM DA ÁFRICA PORTUGUESA

### *Rumo à Ásia*

Em 1487, o rei de Portugal monta duas expedições, uma marítima, outra terrestre, com destino ao reino do misterioso "Preste João" para recolher informações sobre a Índia. Ainda em 1487, Bartolomeu Dias chega ao extremo sul do continente africano. No ano seguinte, descobre o cabo das Tormentas — que o soberano rebatiza de cabo da Boa Esperança — e desemboca no oceano Índico. Ironia do destino, no dia do regresso de Bartolomeu Dias a Lisboa, Colombo está justamente no porto do Tejo. Ele é informado, ao mesmo tempo que os portugueses, de que agora é possível a ligação marítima direta com a Ásia.

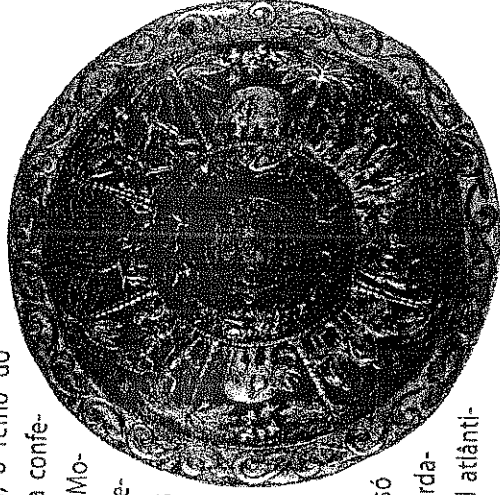
Portanto, é na segunda metade do século XV que a África negra descobre os portugueses. Ela se compõe de um mosaico de povos, Estados e impérios animistas ou islamizados que nem a coroa nem os marinheiros de Lisboa jamais conseguirão dominar. O fim do século XV é marcado, entre outras coisas, pela expansão do império de Gao e pela ascensão da dinastia dos Askya no Sudão ocidental. Mas seria preciso lembrar o papel intelectual de

Tombuctu, a Etiópia, o reino do Benim, o do Congo, a confederação de Lunda, o Momotapa e as inúmeras redes comerciais que não haviam esperado os europeus para promover a circulação de escravos.

Os portugueses só se implantaram de verdade em terras do litoral atlântico. Não conquistaram o continente.

No máximo, o cercaram. Assim, o reino do Benim manteve-se impermeável ao cristianismo, surdo às pressões dos portugueses que exortavam os negros a abandonar seus ídolos e suas feitiçarias. A receptividade do reino do Congo foi menos decepcionante. Dois anos depois de um primeiro contato em 1483, o Manicongo, ou seja, o rei do Congo, teria pedido o batismo e o envio de carpinteiros e pedreiros para construir igrejas. Em 1491, o soberano tornou-se cristão e tomou o nome de João I. De início, o Manicongo lutou, e com sucesso, empunhando o estandarte da cruz, até que suas relações com os portugueses se deterioraram e ele acabou renegando o cristianismo e retomando suas práticas animistas.

Um de seus filhos, batizado com o nome de Afonso, irá recolocar o Congo na via cristã e



19. SALVA COM MOTIVOS AFRICANOS EM COBRE DOURADO E ESMALTE ESTA PEÇA DE OURIVESARIA FOI REALIZADA AO REDOR DE 1500.

está na origem de uma experiência bastante excepcional que merece ser mencionada aqui. Essa experiência fazia do Congo um reino cristão submetido à órbita de Portugal. Afonso aprendeu português e mandou várias cartas a seu protetor, o rei dom Manuel. Um de seus filhos, dom Henrique, tornou-se inclusive bispo *in partibus* de Utica, em 1518. Ressaltemos, de passagem, o caráter extraordinário dessa promoção eclesiástica. Sabe-se que, aos olhos dos europeus, os africanos eram, em princípio e na realidade, criaturas fadadas à escravidão e que, mesmo livres, conservavam os estigmas de suas origens e deviam ser excluídas de um certo número de profissões, e sobretudo do sacerdócio. Os príncipes negros foram tratados como se fossem iguais aos nobres portugueses.

A história do reino cristão do Congo não prova apenas a variedade das estratégias coloniais desenvolvidas pelos portugueses.<sup>56</sup> Revela o papel fundamental que cabia ao cristianismo no dispositivo de penetração ocidental. Um cristianismo muito fortemente reinterpretado pelos congolezes e sempre associado a poderosos interesses econômicos: Afonso não tinha reservado para si mesmo o tráfico dos escravos que despachava para São Tomé e até para o Benim? Da mesma forma, ele controlava o comércio do cobre que circulava do norte do Zaire para as regiões dominadas pelos europeus. Por último — o que só fazia ajudar aos portugueses —, o reino de Afonso ficava num território perto da estrada que levava ao reino do Preste João, o qual eles não tinham perdido a esperança de encontrar.<sup>57</sup>

Castela bem que tentara penetrar no Atlântico dos portugueses e até mesmo multiplicar incursões por essa África dos escravos, do ouro e do marfim. Vizinhos do Algarve, o condado de Niebla, na Andaluzia, e sobretudo a região de Palos formavam uma base cômoda para os embarques para a África negra: dali partiam navios que iam clandestinamente à Guiné, e os marinheiros andaluzes haviam aprendido a rota de retorno deixando-se levar pela força dos alísios. O cronista fla-

mengo Eustache de La Fosse conta inclusive como, em 1479, ele viajou num navio espanhol para São Jorge da Mina antes de ser capturado pelos portugueses. A pirataria andaluza encarna a vontade dos castelhanos de não serem excluídos do domínio marítimo e compreve a excelente escola que foi a aventura africana para todos os espanhóis preocupados em aprender o mar e suas técnicas, de que Colombo e os marinheiros andaluzes foram os primeiros e mais felizes beneficiários.

Lisboa pretendia fazer respeitar seus direitos sobre a África conseguindo o apoio da Santa Sé. Já em 1455, pela bula *Romanus pontifex*, o papa Nicolau V reconhecera os direitos de Portugal sobre a Guiné. Mas o Tratado de Tordesilhas (1494), conforme vimos, é que definiria a divisão do mundo. Se os castelhanos tinham se atribuído a rota ocidental para o paraíso terrestre e as costas da Ásia, os portugueses reservavam a África para si mesmos e barravam o acesso ao oceano Índico pelo cabo da Boa Esperança. Por vezes a história gosta das simetrias: em 20 de maio de 1498, Vasco da Gama, que partira para a Índia, tocava o litoral de Calicute, e apenas umas poucas semanas mais tarde, em julho, Cristóvão Colombo alcançava as costas da América do Sul. *Mutatis mutandis*, a rivalidade entre Castela e Portugal prefigurou a corrida espacial em que se atirariam os Estados Unidos e a União Soviética nos anos 60 do nosso século.

Aliás, os portugueses não descuidavam do Atlântico Norte. Já em 1452, Diogo de Teive teria avistado o litoral da Terra Nova. Em 1487, João II encarregara o flamengo Fernand von Olmen de explorar as águas do oeste, onde ele se perdeu. Várias expedições demonstram a vontade dos portugueses de estarem presentes em toda a extensão da zona que o Tratado de Tordesilhas lhes outorgara. Pêro de Barcelos e João Fernandes descobriam a Groenlândia em 1495. Cinco anos depois, seguindo de perto João Cabot — um veneziano que navegava por conta de Bristol —, Gaspar de Corte-Real chegava à Terra Nova e

reconhecia a costa da América do Norte, do Hudson ao Labrador. Atribuem-lhe inclusive a descoberta da Flórida, em 1499. Ainda em 1500 — voltaremos a isso — Cabral atinge a costa do Brasil antes que o rei Manuel encarregasse Vespúcio de explorar a costa da América do Sul.

#### *As esperanças messiânicas de dom Manuel*

Portugal estaria esperando impaciente o final do século? É indiscutível que dom Manuel, que reinava desde 1495, nutria esperanças inspiradas em velhas correntes milenaristas. O monarca tinha consciência de que conheceria um destino excepcional. Nada, em princípio, o predestinava ao trono de Portugal. Só um concurso de circunstâncias verdadeiramente providencial — a morte inesperada e sucessiva de vários herdeiros — colocara a coroa portuguesa em sua cabeça. A situação política do país era instável. O rei devia estar à altura de uma nobreza todo-poderosa cujos representantes mais prestigiosos, os Bragança, acabavam de reconquistar, em 1495, seus direitos e privilégios. Aliás, foi dom Manuel que tomou essa decisão conciliadora.

Diante desses obstáculos, o rei estava convencido de que fora escolhido por Deus para realizar uma grande missão. Certo de estar guiado pelo Espírito Santo, também sonhava em reconquistar Jerusalém e libertar a Terra Santa. A destruição de Meca completaria a empreitada e permitiria a dom Manuel proclamar-se "Imperador do Leste".<sup>58</sup> Desde o regresso de Vasco da Gama a Lisboa, o soberano passou a ter o título de "Senhor da navegação, do comércio e da conquista da Etiópia, da Arábia, da Pérsia e da Índia". Em 1506, dom Manuel aceita entrar no projeto de cruzada montado pelo cardeal Cisneros, por Fernando, o Católico, e por Henrique VII, da Inglaterra. Estava disposto a fazer uma guerra contra o Egito, enviando seus soldados portugueses do mar Vermelho. Quando vencessem, só restaria aos três reis receberem a comunhão em Jerusalém, na *Santa Casa*, das mãos do cardeal Cisneros. O mirífico projeto gorou, mas seria retomado mais tarde.<sup>59</sup>

Essas idéias tinham origens múltiplas, entre elas, raízes familiares que podemos datar da época de dom João I, avô de Manuel, pois a influência franciscana que marcara a adolescência do futuro rei certamente devia tê-lo familiarizado com os ensinamentos, autênticos ou apócrifos, do monge Joachim de Flore. Tinham também origens ibéricas e mediterrâneas, as mesmas que encontramos na Espanha e na Itália. Como em Castela e em Florença, as idéias joachimitas provocavam a imaginação dos franciscanos. Como na Castela dos Reis Católicos e de Cristóvão Colombo, a reconquista da Terra Santa era uma obsessão. Mas os sonhos messiânicos de dom Manuel apoiavam-se em mais outras crenças: em Lisboa tinha-se certeza de que havia reinos cristãos na Ásia e depositavam-se grandes esperanças no reino do Preste João, que estaria situado para os lados da Etiópia: uma aliança com esse soberano ou seus descendentes permitiria derrotar os muçulmanos do Cairo. A viagem que dom João organizara em 1487 deveria supostamente transformar essa esperança em realidade: dois emissários, Afonso de Paiva e Pêro de Covilhã, pegaram o caminho do Oriente. De 1488 a 1492, o segundo explorou as costas do mar Vermelho, parou em Ormuz, chegou a Calicute e a Sofala antes de partir para a Etiópia do Preste João, onde anos depois encontraram-se vestígios de Covilhã.

Essas preocupações e expectativas eram disseminadas na corte de Lisboa e nos círculos mercantis, ou eram exclusivas de dom Manuel? Seja como for, o sucesso da expedição de Vasco da Gama era uma realidade palpável. O discurso que o embaixador de Veneza, Pasqualigo, faz ao rei Manuel em 20 de agosto de 1501 é eloquente: "What is greatest and most memorable of all, you have brought together under your command peoples whom nature divides and with your commerce you have joined two different worlds".\* Ao enviar

(\* ) O que é mais grandioso e mais notável é terdes reunido sob vosso comando povos a quem a natureza divide e, com vosso comércio, terdes aproximado dois mundos distintos.



barcos para a Índia e ao criar o início de uma ligação marítima regular com a Ásia, o rei de Portugal superara as proezas dos cartagineses, dos romanos e até de Alexandre, o Grande. "You, invincible King, are entitled to take pride in having advanced your power to the lower hemisphere and to the Antipodes."<sup>150\*</sup>

Assim, as explorações portuguesas, a instalação nas costas africanas, os contatos feitos em Calicute davam um conteúdo concreto às pretensões universalistas do rei Manuel, que sonhava em reconquistar Jerusalém. As expedições africanas e asiáticas não devem jogar no esquecimento as guerras mais próximas, como a que Portugal fazia contra o Marrocos muçulmano ou contra os turcos. Em 1501, no limiar do novo século, o rei enviou uma frota ao Mediterrâneo, cerca de trinta navios e três mil homens, contra os otomanos, para socorrer a República de Veneza. Como em Castela e em Roma, a idéia de cruzada estava mais presente que nunca nos espíritos, na medida em que para todos esses países os turcos representavam uma potência temível e ameaçadora.

A Índia e suas riquezas estavam prestes a cair nas mãos de dom Manuel? Uma afirmação dessas seria um pouco prematura. Mas o fato é que, nesse fim de século, apesar do retorno glorioso de Cristóvão Colombo, Lisboa estava convencida de que a Índia das especiarias e das riquezas localizava-se depois da África e lhe pertencia: "A Índia procurada pelos portugueses não se confundia com a Índia achada pelos espanhóis".<sup>61</sup> A bem da verdade, o subcontinente mal fora tocado pelas expedições portuguesas, e essas empreitadas longínquas eram dispendiosas e arriscadas. Mas os primeiros resultados obtidos pelos navegadores contavam menos que as perspectivas que abriam. A irrupção de Portugal no oceano Índico podia revolucionar as rotas tradicionais das especiarias, rotas que, pelo mar Vermelho, Egito e Veneza, transportavam as drogas tão cobiçadas da Ásia distante para a Europa ocidental.

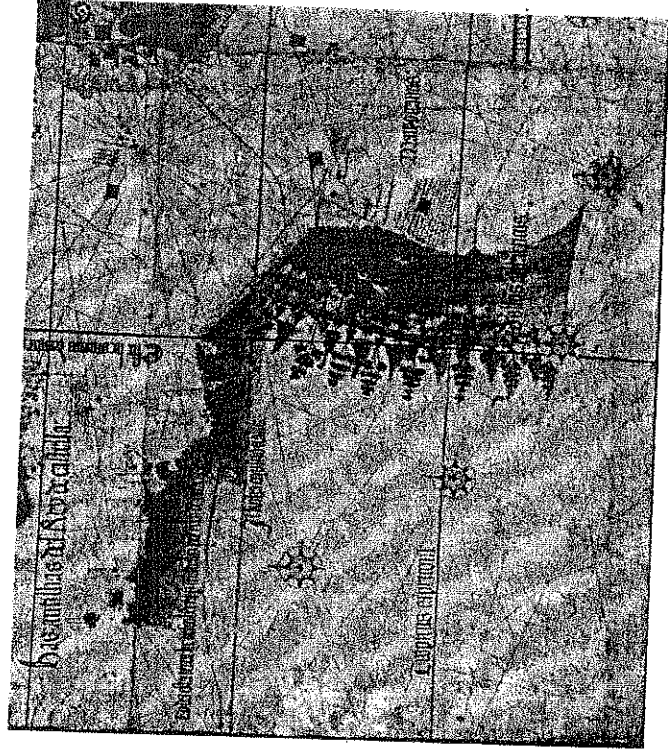
(\*) Vós, invencível Rei, tendes por que orgulhar-vos de haver estendido vossa poder até o hemisfério inferior e os Antípodas.

Que aconteceria com o Cairo? Os comerciantes europeus desertariam Veneza para se instalar em Lisboa? Por volta de 1500, ninguém podia dizer se esses prognósticos tinham fundamento. Tudo dependia da tenacidade do rei e dos navegadores portugueses. O empreendimento valeria a pena? Quem deveria comandar as expedições? Seria preciso apelar para os capitais italianos? Diversas questões ainda permaneciam em suspenso.

### O "descobrimento" do Brasil

O lugar do Brasil parece bem discreto no meio dessas preocupações e dessas expedições. Rememoremos os fatos. Em 9 de março de 1500, Pedro Álvares Cabral sai do cais de

20. A COSTA DO BRASIL  
ESTE DETALHE DO  
PLANISFÉRIO DE CANTINO  
DEVE MAIS À IMAGINAÇÃO  
DE SEU AUTOR DO QUE ÀS  
REALIDADES DA GEOGRAFIA.



29

Belém à frente de uma frota de treze navios e 1500 homens. Destino: a Índia de Vasco da Gama. Franciscanos comandados por frei Henrique de Coimbra acompanham a expedição. Em 22 de abril, à tarde, avistam uma terra: "Houvemos vista da terra: primeiramente dum grande monte mui alto e redondo e doutras serras mais baixas do sul dele, e de terra chã com grandes arvoredos, ao qual monte alto o capitão pôs nome monte Paschoal".<sup>62</sup> Pouco depois, o português Nicolau Coelho desembarca e faz contato com os índios. Mais adiante, a frota atraca no local de Porto Seguro, e no domingo de Páscoa, numa ilha da baía, o franciscano Henrique celebra a primeira missa e comenta os acontecimentos: "tratou da nossa vinda e do achamento desta terra".<sup>63</sup> Em 1<sup>a</sup> de maio, uma cruz é erguida para marcar a posse dos portugueses.

No dia seguinte, parte um barco para levar a boa nova a Lisboa, enquanto a frota de Cabral prossegue viagem em direção da Índia. Cabral deixa em terra dois degredados, como fará em Sofala, um hábito que revela que não se dá nenhuma importância particular ao "descobrimento", a não ser essa preocupação de saber mais sobre a terra e de marcar data deixando ali um rastro humano.

Portanto, aqui não há nenhum desembarque importante como na costa da Índia e nenhuma conquista como a que faziam os castelhanos no Caribe. Trata-se de uma terra que nosso melhor informante, Pero Vaz de Caminha, acha que é uma ilha, e que se afigura, no máximo, como "uma possibilidade de etapa para a travessia até Calicute". A famosa carta que ele escreve ao rei Manuel insiste, porém, sobre a necessidade de evangelizar a região, pois "o melhor fruto que n'ella se pode fazer me parece que será salvar esta gente", e sobre o mistério que paira quanto aos recursos potenciais: "Até agora não podemos saber que haja ouro, nem prata, nem nenhuma cousa de metal, nem de ferro lho vimos".<sup>64</sup> Vaz de Caminha garante que os indígenas logo se tornarão bons cristãos e que não adoram

ídeos, expressando um otimismo que parece, a ponto de se confundir, com o de Cristóvão Colombo em 1492, como se a descoberta do Brasil repetisse, nesse aspecto, o primeiro roteiro antilhano. Aliás, a região é agradável e "em si é de muitos bons ares, assim frios e temperados como os de Entre Douro e Minho".<sup>65</sup>

Conquanto a notícia se espalhe muito depressa — o mapa do espanhol Juan de la Cosa já registra essa terra em outubro de 1500 —, a ocupação portuguesa será progressiva.<sup>66</sup> O Brasil assiste a sucessivas expedições que não têm a menor repercussão imediata se comparadas com as dos espanhóis às Grandes Antilhas. Em 1500, o espanhol Vicente Yañez Pinzón chega ao nordeste do Brasil antes de reconhecer a foz do Amazonas.<sup>67</sup> Em 1501, a primeira expedição portuguesa zarpa para a América sob o comando de Gonçalo Coelho. Por ora, trata-se de explorar o que ainda parece ser apenas uma ilha, "a nova ilha da Cruz ou Vera Cruz".<sup>68</sup> A flotilha, que leva a bordo Américo Vespúcio, toca o litoral brasileiro na altura do Rio Grande do Norte, chega ao cabo de São Roque, ao rio São Francisco, às margens de São Vicente e Cananéia.<sup>69</sup>

A exploração econômica se iniciou em 1501 quando Fernando de Noronha, associado a comerciantes cristãos-novos, recebe a concessão para explorar o pau-brasil. No ano seguinte, o contrato inclui o tráfico de escravos. Quatro anos depois, o acordo é renovado. É também Fernando de Noronha quem obtém a primeira capitania, a da ilha de São João Quaresma. Assim se instaura, nos primeiros anos do século XVI, um esboço de exploração econômica e de colonização baseada no tráfico do pau-brasil, cujo nome terminará se confundindo com o velho termo geográfico *Brasil* para designar a Terra de Santa Cruz.

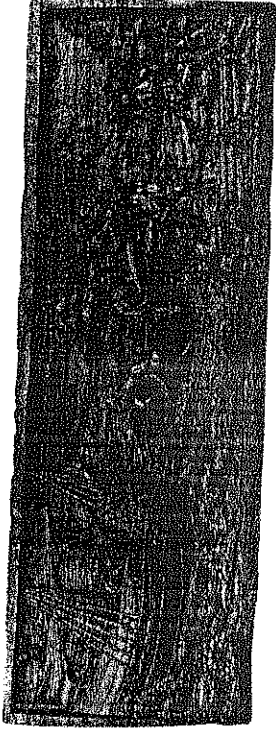
Em 1503, novas expedições portuguesas prosseguem o reconhecimento dessa costa interminável.<sup>70</sup> Na mesma época, outros estrangeiros, além dos espanhóis, põem o pé nas novas terras. Paulmier de Gonneville é um deles. Esse normando vai para o mar em junho de

1503, passa pelas Canárias em julho, chega ao Cabo Verde, cruza a linha do Equador e se perde no Atlântico Sul. Em janeiro de 1504, desembarca ali onde acredita ser uma ilha do oceano Índico e que era, na verdade, um ponto da costa brasileira, perto do rio São Francisco do Sul.<sup>71</sup>

Nos anos seguintes, o Brasil desaparece dos itinerários dos "descobridores" genuínos. É depois de um naufrágio, em 1509, que Diogo Álvares Correia, o Caramuru, se instala entre os índios da região da Bahia. Portugueses como o famoso João Ramalho e espanhóis vítimas das tempestades se fixam na zona de São Vicente. Mas a costa é frequentada sobretudo pelos contrabandistas de pau-brasil — normandos, bretões, alemães, espanhóis ou portugueses. Em 1511, Américo Vespúcio funda a feitoria de Cabo Frio na baía do Rio de Janeiro, e cinco anos depois um outro estabelecimento do mesmo tipo nasceria no litoral de Pernambuco.

#### *Madeira, plumas e alguns escravos*<sup>72</sup>

Se o Brasil não está, pois, totalmente ausente do horizonte português, ocupa em todos os planos um lugar secundário. Por duas razões. A primeira é que a terra que os contemporâneos chamam de Terra de Santa Cruz, e depois de Brasil, é uma migalha na escala do que hoje chamamos subcontinente brasileiro.<sup>73</sup> O essencial do Brasil, inclusive todo o seu litoral, não se inclui no descobrimento mais ou menos acidental de 1500. A segunda é que Lisboa, nessa época, concentra todas as suas forças na Ásia. Lembremos que, um ano antes da criação da feitoria de Vespúcio, Portugal organiza a conquista de Goa e a transforma em sede de sua administração na Ásia. Lembremos que em 1511 Lisboa lança uma primeira expedição rumo ao oceano Pacífico e conquista Málaca, um Estado vassalo da China. Nesse mesmo ano, Castela funda em São Domingos a primeira *audiencia* das Índias, uma instituição maior no mundo espanhol, enquanto Diego Colombo recebe o título de vice-rei.



No Brasil, ou pelo menos em alguns pontos da costa visitados pelos portugueses e por outros, tudo ainda permanece em estado embrionário, tanto a exploração econômica como a evangelização, pois é preciso esperar 1515 para que desembarquem dois franciscanos italianos em Porto Seguro, onde se dedicam à construção de uma ermida.

As primeiras feitorias datam dessa época: depois da de Porto Seguro, serão as de Cabo Frio, da qual se encontra uma referência na *Utopia* de Thomas More, a da Bahia (1510) e a de Pernambuco (1520).<sup>74</sup> As feitorias eram apenas pequenos estabelecimentos frequentemente implantados nas ilhas, que serviam ao embarque de madeira para Lisboa. No máximo, eram entrepostos com estacas ao redor, onde se guardavam as mercadorias necessárias ao escambo e a madeira trazida pelos índios: "caixas ou cercas, próprias apenas para guardarem os gêneros dos resgates". Acrescentavam-se às vezes *escravos indígenas como os que a Bretão embarcou em Cabo Frio, em 1511*.<sup>75</sup> Algumas plantas europeias eram cultivadas nos arredores das barracas e cercados serviam

21. TRANSPORTE DE MADEIRA DO BRASIL, BAIXO-RELEVO EM MADEIRA  
ESSAS ESCULTURAS PERMITEM IMAGINAR OS ÍNDIOS DO BRASIL TRABALHANDO PARA FORNECER A MADEIRA PRECIOSA AOS NAVIOS EUROPEUS.

para guardar os animais domésticos que sobreviviam à travessia atlântica. Uma ocupação quase sempre precária e sem futuro: em 1519, quando começava sua volta ao mundo, Fernando de Magalhães teria localizado algumas pequenas plantações de cana-de-açúcar abandonadas nas paragens do Rio de Janeiro.

Os primeiros europeus são portugueses exilados, náufragos ou aventureiros dispostos a tudo para sobreviver. As relações com os índios se limitam ao escambo: madeira, escravos, papagaios, macacos em troca de bugiungas de metal ou bonés, ao mesmo tempo em que nascem os primeiros mestiços, como esse filho de João Lopes de Carvalho que acompanhou Fernando de Magalhães em sua volta ao mundo. Os portugueses se transformam em intérpretes e em intermediários obrigatórios: sabem onde se acha o melhor pau-brasil, conhecem os índios, ensinam sua língua aos papagaios, estocam plumas e algodão, à espera da chegada dos navios. Para alguns, é grande a tentação de se misturar com os índios e se integrar à natureza brasileira: vários europeus, que ficaram anônimos para sempre — com raras exceções —, aprenderam a furar os lábios e as orelhas, a guerrear à moda indígena, a sacrificar os prisioneiros e a comê-los. Outros conseguiram manter o contato com a Europa, como esse bacharel de Cananéia — Duarte Peres — que forneceu várias centenas de escravos aos exploradores do rio da Prata.

É de imaginar que nem todos esses europeus eram portugueses. Franceses, a exemplo de Paulmier de Gonneville, aproveitavam os milhares de quilômetros de costa inocupada para desembarcar e criar laços com os indígenas. Em vez de ensinar português aos papagaios, ensinavam-lhes francês, a fim de satisfazer sua clientela metropolitana. Como ressaltava Capistrano de Abreu, "durante anos ficou indeciso se o Brasil ficaria pertencendo aos Peró (portugueses) ou aos Mair (franceses)".<sup>76</sup> Foi essa presença alarimante que terminou convencendo Lisboa a povoar a terra antes que ela caísse nas mãos

dos Mair, que era como os índios do litoral chamavam os súditos do rei da França.

Essa época de indeterminação iria durar até o fim dos anos 1520, quando Lisboa resolveu enviar uma frota sob o comando de Cristóvão Jaques para expulsar os estrangeiros instalados entre Pernambuco, Bahia e, talvez, Rio de Janeiro. Foi só então que se pensou em expedições de povoamento. Cristóvão Jaques propôs fixar mil pessoas, João de Melo de Câmara fez o mesmo. Finalmente, foi a frota de Martim Afonso de Sousa que zarpou para Pernambuco, levando, entre outras, a missão de povoar o Brasil.

A fundação de uma primeira vila — São Vicente (1532) — e depois de uma segunda, "na borda do campo de Piratininga",<sup>77</sup> marcam muito bem, desta vez, o início de uma colonização no sentido que os castelhanos lhe haviam dado nas Antilhas desde o fim do século XV: Martim Afonso

repartiu a gente nestas duas vilas e fez nelas oficiais, e pôs tudo em boa obra de justiça de que a gente toda tomou muita consolação, como verem povoar vilas e ter leis e sacrifícios e celebrar matrimônios e viverem em comunicação das artes, e ser cada um senhor do seu e vestir as injúrias particulares, e ter todos os outros bens da vida segura e conversável.<sup>78</sup>

Instala-se localmente um quadro institucional e vozes autorizadas se elevam, como a de Diogo de Gouveia, para encorajar essa política de presença ativa: "quando lá houver sete ou oito povoações, estas serão bastantes para defender aos da terra que não vendam o Brasil a ninguém e não o vendendo as naus não hão de querer lá ir para vir de vazio".<sup>79</sup> A criação das capitânias (1532) significará uma etapa decisiva na ocupação do país. Mesmo se só existe no papel, a posse do espaço brasileiro inscreve em perspectivas totalmente diferentes a intrusão dos portugueses na América do Sul. "Assiste-se então ao nas-

cimento de um concorrente para a Ásia portuguesa, no plano dos recursos humanos e financeiros." 80

#### *Um sossego para os índios*

Durante quase trinta anos, a lentidão da colonização portuguesa, a precariedade das ocupações, a modéstia dos empreendimentos ofereceram uma sobrevida às populações indígenas do litoral brasileiro, as únicas envolvidas na história que aqui retraçamos. Nesse sentido, a passagem de um século a outro praticamente não teve repercussão entre os autóctones, com exceção dos que foram testemunhas da chegada de Cabral ou da passagem de Pinzón, ou dos que, já em 1499, haviam entrevisto o espanhol Alonso de Hojeda na região do Rio Grande do Norte.

Relendo a carta de Pero Vaz de Caminha, pode-se tentar imaginar as reações dos índios, nas praias brasileiras, à chegada dos europeus. Primeiro, é a perplexidade diante dessas montanhas flutuantes que eram as caravelas, depois, a curiosidade diante do espetáculo desses visitantes de pele branca cujo corpo inteiramente vestido não estava tingido de preto ou vermelho, nem tinha plumas multicoloridas, e cujos gestos pareciam tão esquisitos, cujos gritos eram incompreensíveis e freqüentemente abafados pelo barulho das ondas que estouravam na praia. Visivelmente os recém-chegados ignoravam a arte de preparar o urucum, assim como a dos enfeites de plumas ou a caça aos papagaios coloridos. Os visitantes não sabiam cortar os cabelos nem pintar a testa de preto. Não dormiam em redes, passavam a noite amontoados, a bordo de seus navios, um pouco como faziam os indígenas em suas malocas. Aparentemente, não tinham mulheres com eles. Em compensação, possuíam poderosos instrumentos talhados num material duro desconhecido dos índios — o ferro — e essas ferramentas maravilhosas que cortavam e recortavam a madeira a toda velocidade.

Os índios que se arriscavam nas naus descobriam bichos extra-

nhos e monstruosos: carneiros e galinhas que os navegadores embarcavam para melhorar a comida do dia-a-dia. Os alimentos que lhes serviam a bordo daquelas gigantescas pirogas lhes pareciam imundos: um caldo preto — o vinho — provocou-lhes engulhos, e eles rejeitaram os bolinhos cozidos — que podiam ser pão ou pão de mel. Por outro lado, os colares de contas brancas causaram a imediata curiosidade e cobiça dos indígenas, que os experimentaram em volta do pescoço e depois em volta do braço: na verdade, eram terços. Os índios achavam curioso os olhares penetrantes que os portugueses não paravam de fixar em seus sexos e pêlos pubianos, como se estivessem exibindo suas vergonhas, e, em contrapartida, se perguntavam o que os recém-chegados teriam para esconder debaixo dos tecidos e das peles que lhes cobriam os quadris e as coxas. Os intrusos usavam colares, mas não furavam o lábio inferior para prender lindas jóias de osso. Seja como for, era evidente que procuravam viveres, madeira e água pura, e os indígenas os ajudaram a carregar suas chalupas com cabaças cheias do precioso líquido.

Eles se entendiam sem se entender. Se os bonés vermelhos, os chapéus de linho, os guizos, os anéis de metal e os terços de contas brancas que os portugueses distribuíam os deixavam muito felizes, os índios não entendiam por que os visitantes obrigavam alguns dos seus, que aliás tratavam com a maior brutalidade, a passarem a noite em suas aldeias. Os indígenas ignoravam que se tratava de degredados, esses condenados de direito comum que deviam se meter na vida dos indígenas para arrancar deles o máximo de informações. Uma assembléia solene dos portugueses feita numa pequena ilha provocou o interesse de uma multidão de índios do Brasil, que, amontoados na praia, assistiram de longe, sem saber, à primeira missa católica. Para marcar sua participação distante numa cerimônia que parecia tão importante para os portugueses, os indígenas começaram a dançar, pular, tocar corneta.

Esse convívio teve outras ocasiões de se manifestar. Era preciso encher as longas horas em que ficavam frente a frente nas praias, e matar o tédio de todo esse tempo ocioso. Tanto mais que qualquer comunicação verbal estava excluída. Os intrusos não tinham apenas objetos para distribuir, possuíam também instrumentos musicais. E os índios que apreciavam os concertos de trombetas, gaitas de foles e tambores não hesitavam em se divertir com os portugueses que desciam dos barcos para ir dançar com eles. A exemplo do que fazia Diogo Dias, um ex-intendente de Sacavém, os estrangeiros lhes ensinavam danças novas, em que se davam as mãos, e ritmos até então desconhecidos. Os índios riam dos pulos perigosos e das piruetas que faziam certos portugueses particularmente hábeis e joviais. Mesmo sem se entenderem com palavras, compartilhavam de divertimentos e jogos. Os espanhóis de Cortés tiveram experiências parecidas no início da conquista do México.

Nem por isso a maioria dos índios deixava de lado a prudência e a desconfiança ao julgar esses recém-chegados cujas intenções era impossível perceber e que pareciam obcecados pelos objetos de pass-metal amarelo e metal branco. Seriam simples visitantes de passagem? Ou enviados de um pajé especialmente poderoso? Ou guerreiros que queriam pegar suas aldeias e suas mulheres?

Os anfitriões de Paulmier de Gonneville, que viviam muito mais ao sul, na região do rio São Francisco do Sul, devem ter tido as mesmas impressões e as mesmas curiosidades. O rei Arosca, cercado de seus filhos, gostava de visitar o navio do normando. Apreciaria muito se os visitantes participassem ativamente da guerra que estava fazendo contra seus inimigos e que o ajudassem com seus "paus de fogo". De início, o tamanho dos navios e os efeitos da artilharia surpreenderam os indígenas, que porém logo perceberam o partido que podiam tirar de aliados tão poderosos. Os normandos utilizavam papéis que falavam e comunicavam os pensamentos: esse prodígio devia maravilhar

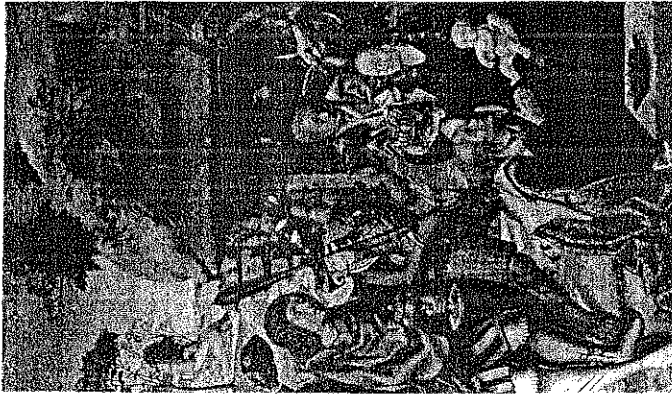
seus anfitriões assim como maravilhariam, anos depois, os índios do México. Como conseguir parcelas desse saber dos visitantes a não ser pelo escambo? Um escambo que lhes parecia extremamente vantajoso, pois em troca de peixes e frutas ou de objetos corriqueiros como arcos, flechas e plumas, os indígenas conseguiam peças de uma raridade excepcional, coisas nunca vistas cuja fabricação era fantástica: facas, machados, espelhos que refletiam as imagens dos homens. Todos esses objetos eram feitos com materiais mais sólidos e mais resistentes que as madeiras. Mas os portugueses não eram oniscientes. Se os indígenas ignoravam os segredos da navegação das grandes pirogas e os "paus de fogo", deslocavam-se pela floresta como se estivessem em sua própria casa, conhecendo seus menores atalhos, todos os bichos e todas as plantas, e se divertiam ao ver os estrangeiros se perderem ou correrem o risco de se envenenar como crianças indefesas.

Como conhecer a terra de onde vinham os normandos? A curiosidade acabou vencendo o medo e a desconfiança. Os viajantes se mostravam muito amáveis. O chefe Arosca aceitou deixar seu filho Essomericq partir com os normandos, contanto que lhe ensinassem a artilharia, a confecção de espelhos, facas e machados, e que ele estivesse de volta dali a vinte luas.<sup>81</sup> Essomericq partiu na companhia de Namoa, um índio que tinha quase quarenta anos. Foram carregados de arcos e plumas maravilhosas que ofereciam ao rei da França. Até lá, Arosca e os seus guardariam preciosamente a cruz que os normandos haviam erguido em sua terra. O resto é conhecido: levado por uma febre maisã, Namoa morreu durante a travessia e Essomericq nunca mais voltou para sua terra natal. Morreu em 1583, aos 95 anos, sem que jamais se tenha sabido o que pensava de sua terra de adoção.<sup>82</sup>

Assim, a passagem de Cabral em 1500 não significou o início de uma conquista e nem sequer o prelúdio de uma catequese. Logo nos primeiros anos do século XVI, para a maioria dos índios do litoral o con-

24





22. REI MAGO OU ÍNDIO DO BRASIL?

CÍRCULO DE FRANCISCO HENRIQUES, *ADOÇÃO DOS MAGOS*, ANTIGO

RETÁBULO DA SÉ DE VISEU, C. 1505. ACREDITA-SE QUE

O MAGO AJOELHADO RETRATA PÉDRO ÁLVARES CABRAL.

tato com os brancos se limitou ao espetáculo estranho das frotas que iam margeando a costa e provocando o espanto e a preocupação das populações.

A profundidade das terras e das florestas, a imensidão das distâncias deixou as outras tribos ainda mais tempo protegidas contra as incursões dos europeus, embora isso não as protegesse necessariamente das epidemias que portadores invisíveis podiam espalhar no interior do

continente. Os povos que ocupavam esses espaços ainda viam os europeus ignoravam que o Tratado de Tordesilhas selara seu destino antes mesmo que tivessem explorado o litoral de seu continente.

Nada sabemos sobre essas populações. Ou muito pouca coisa, se quisermos evitar a projeção sistemática, sobre esse passado para sempre obscuro, das observações feitas na costa do Brasil ao longo de todo o século XVI. O Brasil de Jean de Léry, o dos jesuítas portugueses ou o dos etnólogos de ontem não poderia ser o de Cabral. No máximo somos capazes de lançar hipóteses, que quase sempre, porém, pecam por suas generalidades e por serem abstratas demais.

Da foz do Amazonas ao rio Paraná viviam populações tupis que pertenciam a uma mesma família lingüística, o tupi-guarani. Os tupis exploravam a floresta; praticavam uma divisão do trabalho baseada na idade e no sexo, uns se dedicando à horticultura, outros à caça e à pesca; moravam em grandes casas coletivas, as malocas; possuíam chefes e escravos. Pajés os guiavam na celebração dos rituais. Com seus vizinhos, esses grupos alternavam a guerra e as trocas. É possível, mas as opiniões divergem, que os tupis tenham progressivamente entrado para agrupamentos políticos em escala regional, dominados pelos "reyezuelos", que praticavam uma política de expansão e conquista de fundo religioso. É provável também que esses agrupamentos tenham sempre tido limites muito flexíveis, evoluindo ao sabor das circunstâncias e das alianças.<sup>83</sup>

Esse mundo teria conhecido tensões no início do século XVI: de um lado, grupos cada vez mais poderosos mantendo guerras permanentes e afirmando sua autoridade; de outro, profetas sem qualquer vínculo com a comunidade, pretendendo conduzir os índios para uma terra melhor. O resultado desses êxodos de dominante religiosa teria sido conter os esforços dos grandes guerreiros, minando as fidelidades tradicionais e arrastando os índios em marchas exaustivas na direção do Leste e, mais raramente, do Oeste.

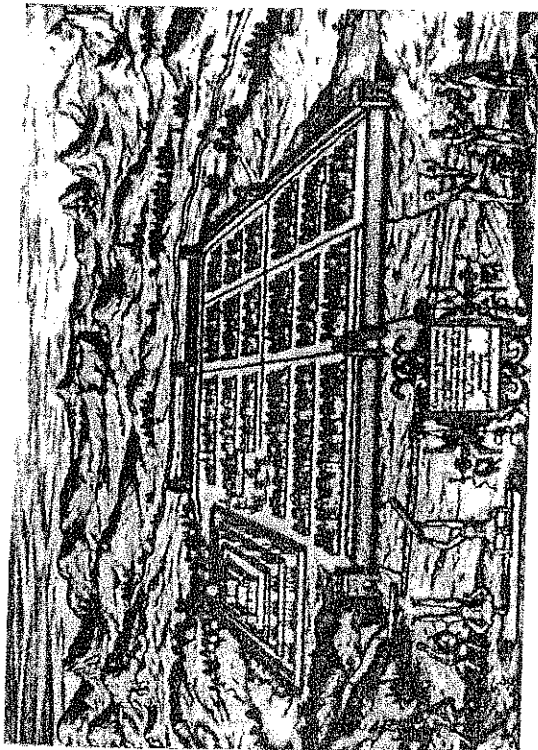
Reconheçamos, porém, que esses roteiros sedutores continuam a ser um tanto duvidosos, e que outros especialistas afirmam "não ter encontrado nada de significativo nos cronistas sobre articulação dos grupos locais em unidades mais amplas".<sup>84</sup> Seria tentador ver nesses profetas, pajés, *caraiabas*, o *pendant* indígena daqueles com quem cruzamos nas ruas da Itália e da Europa do Renascimento. Dos dois lados do Atlântico, teria o mundo sentido simultaneamente uma necessidade súbita de se projetar em universos melhores, para sempre livres do mal? A não ser que os deslocamentos brasileiros e o profetismo dos índios tenham sido apenas o contragolpe das primeiras intrusões européias no subcontinente.

30

Esse outro mundo era o dos incas e dos povos a eles submetidos. A respeito dessas populações, os testemunhos da arqueologia, as declarações dos sobreviventes e as crônicas escritas pelos espanhóis refletem alguma luz, embora se deva desconfiar dos relatos forjados depois da conquista espanhola, demasiado esquemáticos ou idealizados, e não haja como evitar as sérias lacunas. A conquista espanhola e as guerras civis que se seguiram destruíram as memórias, e as elites peruanas deixaram pouquíssimos testemunhos escritos para que possamos satisfazer com exatidão as curiosidades que nos provoca a história dos Andes e dos incas.

Os incas primeiro formavam uma tribo vinda talvez da Amazônia. No século XIII, começaram a se afirmar na região de Cuzco. Mas no século XV é que chegaram ao apogeu: no reino de Pachacútec, "o reformador do mundo", e de seu filho Tupac Yupanqui (1471-1493), a dominação dos incas alcançaria suas gigantescas dimensões. O exército inca conquistara o altiplano onde está o lago Titicaca, as terras que separam Cuzco de Cajamarca, e, ao norte, o império chimu. Afirma-se até que uma frota organizada por Tupac Yupanqui teria saído de Tumbes, na costa do Pacífico, e zarpado até os Galápagos ou talvez até a longínqua Polinésia. Assim, sem saber, no momento em que os portugueses exploravam o Atlântico Sul e os castelhanos se preparavam para descobrir as Antilhas, navios incas iriam reproduzir no oceano Pacífico a façanha dos europeus no Atlântico.

Desde essa época, o império se tornara uma teia gigantesca que cobria quase novecentos mil quilômetros quadrados, um conjunto de vários milhões de habitantes cuja eficácia e coesão não era fácil manter. O império inca era composto por um mosaico de povos e de paisagens naturais, dispersos num quadro montanhoso que dificultava a comunicação. Sua expansão encontrava obstáculos. "Enquanto no norte e no sul o império dominava imensas regiões, era detido a oeste e a leste por duas fronteiras: uma, oceânica [...], outra, geopolítica,



23. CUZCO, A CAPITAL DOS INCAS

A CIDADE ESPANHOLA DESTRUÍU EM GRANDE PARTE ESTA, QUE FOI A CAPITAL DO IMPÉRIO DOS INCAS.

### *O império do Sol*

Muito longe na direção oeste, para além dos piemontes tépidos, instalado na Cordilheira e nas costas do Pacífico, estendia-se um outro mundo, o Tahuantinsuyu, cujos rumores chegavam abafados ao coração da grande floresta amazônica. Era um império repleto de cidades imponentes — enormes cidadelas, onde circulava um exército de funcionários —, cortado por estradas que passavam por cristas e abismos graças a inúmeras pontes de cipós e milhares de escadarias de pedra. Por todo lado havia postos de parada, que eram ao mesmo tempo albergues e depósitos, à beira desses itinerários trilhados pelos correios oficiais ou *chasqui*, enviados pelos representantes do Inca. Todas as estradas terminavam na capital do império, Cuzco.

onde elementos naturais e pessoas resistiam melhor que em outro lugar à política expansionista imperial.<sup>185</sup> Os povos do piemonte amazônico, os temíveis antís, mostraram-se capazes de enfrentar o exército do Inca, que, demasiado longe de suas bases logísticas, arriscava-se à derrota na imensa floresta. E, ainda assim, o império edificado era suficientemente sólido para se fazer respeitar do Chile ao Equador. Como explicar isso?

A força dos incas é primeiramente o império de uma língua, o quéchua, imposta às populações tributárias e ensinada aos chefes dos grupos derrotados. É também o resultado de um centralismo estatal e de uma política de deportação que fixava nas regiões controladas pelo Inca as etnias oriundas das regiões insubmissas. É a eficácia de uma rede viária de vinte mil quilômetros que cobria a maior parte do país. Por fim, é um laço ideológico e religioso, o culto ao Sol Inti, que não parava de reafirmar a superioridade do Inca.

No momento em que Colombo chegou às Antilhas, Huayna Cápac, o décimo primeiro Inca, sucedia ao pai Tupac Yupanqui, que morrera assassinado. O reino de Huayna Cápac (1493-1527) seria movimentado. O Inca acrescentaria algumas novas conquistas a seu império, mas as rivalidades entre seus dois filhos, Huáscar e Atahualpa, perturbariam o fim de seu governo e teriam repercussões dramáticas para o Peru muito tempo depois da conquista espanhola.

Segundo os cronistas da época colonial, os últimos incas teriam tido conhecimento do fim de seu império. Viracocha predissera a conquista espanhola. "Tupac Yupanqui falava com os huacas, as pedras e os demônios, e sabia, graças a eles, o passado e o futuro. Soube assim, antecipadamente, da invasão e da vitória dos espanhóis. Por isso é que o chamavam Vira Cocha Inca (o Poderoso Inca)."<sup>186</sup> Seu sucessor, Huayna Cápac, teve uma visão em 1525 que lhe revelou a chegada dos conquistadores. A huaca Paria Caca, que o Inca consultara, explicou "que não valia mais a pena falar nem reinar porque, no tempo de



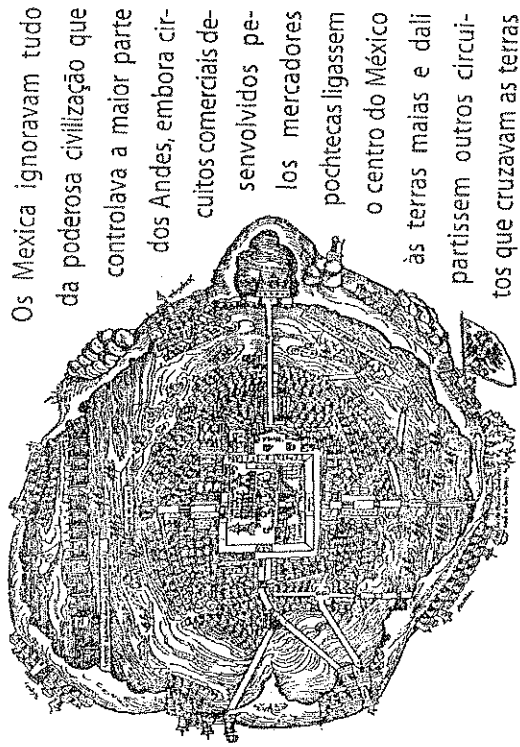
Huayna Cápac, ou mais tarde, homens chamados Vira Cocha ('os poderosos') deviam governar e trazer um senhor muito poderoso".<sup>87</sup> Acreditar nessas informações, os incas teriam, pois, vivido como os europeus a expectativa do fim dos tempos. Veremos mais adiante, no caso do México, o que se deve pensar desse tipo de previsões.

#### *Esplendor do México-Tenochtitlan*

Em 1500, a América tem um outro gigante. Ao sul do Trópico do Câncer, no hemisfério norte, os Mexica\* eram uma jovem potência

(\*) Nome real dos "Astecas"; termo utilizado preferencialmente hoje em dia pelos historiadores do México. Na realidade, "Asteca" é um termo inventado pela historiografia do século XIX, sem fundamento histórico. Os habitantes do México eram os Mexica, pertencentes à família lingüística dos Nahua. (N. A.)

que nada parecia ser capaz de deter. Sobre o passado deles sabemos mais do que sobre o dos andinos, pois as crônicas espanholas, indígenas e mestiças da época colonial nos permitem recuar mais longe e com maior segurança na memória do México e da Guatemala.



25. MÉXICO-TENOCHTITLAN

A MAIOR CIDADE DA AMÉRICA EM 1500 ERGUE-SE NO MEIO DE LAGOS QUE OCUPAM GRANDE PARTE DO VALE.

Os Mexica ignoravam tudo da poderosa civilização que controlava a maior parte dos Andes, embora circuitos comerciais desenvolvidos pelos mercadores pochtecas ligassem o centro do México às terras maias e dali partissem outros circuitos que cruzavam as terras

quentes da América Central para chegar ao norte da Colômbia. Pode-se imaginar que, de intermediário em intermediário, essas vias acabassem chegando aos povos da Grande Cordilheira. Mas nada prova a existência de laços diretos ou de trocas regulares entre os habitantes da Mesoamérica e os do Peru ou do Equador. Aliás, por em contato México e Peru será um dos resultados da conquista espanhola.

Construída a mais de dois mil metros de altitude, em cima de um lago onde se refletem as silhuetas nevadas dos vulcões Iztaccihuatl e Popocatepetl, a cidade de México-Tenochtitlan

era a capital do império mexica. Fundada no século XIV, ela se emancipava progressivamente da tutela das cidades das redondezas antes de se lançar na conquista do México central. Campanhas coroadas de êxitos e feitas na segunda metade do século XV estenderam a influência mexica até as costas do Atlântico e as do Pacífico.<sup>88</sup>

Esse império é muito diferente do inca. O soberano mexica, que se chama *huey tlatoani*, não mantém guarnições fixas entre as populações que derrotou. Estas se contentam em pagar um tributo em sinal de obediência, sem por isso perderem suas instituições, seus cultos e seus santuários. Quando eclodem revoltas, os Mexica mandam um exército destruir os rebeldes e eliminar seus líderes. A prática sistemática do sacrifício humano, supostamente para perpetuar o movimento do cosmo, serve então também para decapitar as resistências.

A cidade de México-Tenochtitlan tem várias centenas de milhares de habitantes. É provavelmente, em 1500, a maior do planeta. Sua existência demonstra que civilização urbana — com todas as tecnologias que ela supõe — e sociedade indígena podem conviver na América antiga. Todo dia, para abastecer a imensa cidade, milhares de barcos trazem alimentos, objetos de primeira necessidade e os produtos de luxo exigidos pelos moradores. No centro da cidade, estende-se um vasto centro de cerimônias organizado em torno de um imponente santuário, o *Templo Mayor*, e composto de 78 edifícios. Cerca de dez mil pessoas, sacerdotes e sacerdotisas, cantores, bailarinos, nobres e oficiais de todo tipo podem viver ali e se reunir para sacrificar, dançar e cantar.

*A catástrofe de 1500*

Em 1500, o *tlatoani* Ahuizotl reinava no México. Foi com ele que o império mexica conheceu sua maior extensão. Nesse ano, Ahuizotl dirigiu uma campanha militar contra o Soconusco, uma província distante situada nos confins da Guatemala. A distância era gigantesca para um exército que devia atravessar montanhas e não dispunha de

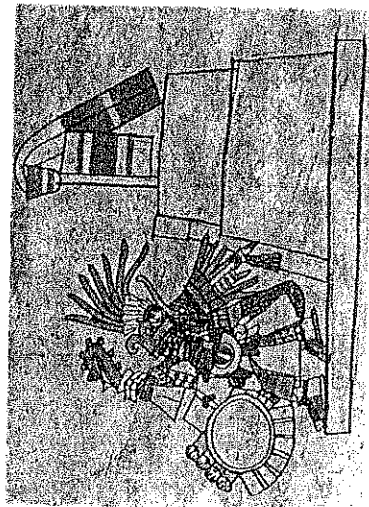
roda para transportar armas e mantimentos. Apesar dos obstáculos e depois de uma breve escala em Tehuantepec, no istmo mexicano, as tropas mexicas jogaram-se sobre o Soconusco e tomaram as praças do inimigo.

A expansão continua dos territórios controlados pelos Mexica se acompanhara de um crescimento ininterrupto da cidade do México. A pressão demográfica obrigava a aumentar a produção agrícola e a introduzir nos lagos quantidades cada vez maiores de água doce. O *tlatoani* Ahuitzotl tomou a decisão de ca-

nalizar as nascentes de Coyoacán, contra a opinião do senhor local, que temia uma catástrofe. Nada adiantou. Ahuitzotl mandou construir um aqueduto para transportar a água de

Coyoacán até o lago do México, e cerimônias em homenagem ao deus da Chuva, Tlaloc, e à deusa da Água, Chalchiuhtlicue, comemoraram o fim das obras. Numa esbórnica de rituais, danças e cantos que os Mexica conheciam tão bem, entre os adornos de plumas e jades preciosos, um grão-sacerdote vestido com os enfeites da deusa da Água saudou a chegada da corrente cristalina aos canais da cidade mexica. Oferen-

26. O CÓDICE BORBOHICUS; HUITZILPOCHTLI ESSE CÓDICE MEXICANO REÚNE UM CALENDÁRIO RITUAL E UMA ENCICLOPÉDIA DAS FESTAS QUE RITMAVAM O ANO NO VALE DA CIDADE DO MÉXICO.



das de milho e sacrifícios de crianças, depósitos de objetos de ouro e de pedras preciosas ritmaram as diferentes etapas da cerimônia.

Apesar de todas essas precauções, os *chinampas*, esses "jardins sobre a água" que alimentavam a cidade, foram inundados e a água afogou grande parte da cidade do México. Barreiras foram inutilmente levantadas e os moradores tiveram de fugir de suas casas devastadas. Não se podia mais circular na cidade, a não ser em botes. "Estaban los patios de las casas y templos con dos palmos largos de agua cubiertos." Ahuitzotl aceitou ir pedir conselho ao soberano de Texcoco, Nezahualpilli, que lhe pediu para destruir o aqueduto e oferecer à deusa da Água codornas, penas, pedras, incenso e "algunos niños para sacrificar".<sup>89</sup>

A reconstrução da cidade foi uma obra de todas as províncias subjugadas pelo México, que forneceram botes, homens e materiais. Aproveitou-se para construir novos palácios e destruir os edifícios mais antigos que datavam do início da cidade e tinham sido erguidos "en tiempos de su pobreza y poco valor". O resultado foi um sucesso:

Así quedó de aquella vez México muy ilustrado y curioso y vistoso, con casas grandes e curiosas, llenas de grandes recreaciones de jardines y patios muy galanos; las acequias muy estancadas y cercadas de arboledas de sauces y álamos blancos y negros, con muchos reparos y defensas para el agua, que aunque fuesen muy llenas, no hiciesen ningún perjuicio [...] Con lo qual todos quedaron muy satisfechos y la ciudad de México muy ilustrada.<sup>90</sup>

É essa cidade splendidamente restaurada que, dezoito anos depois, os conquistadores contemplarão, maravilhados.

*"Y nuestras ciudades seram destruidas..."*

Ahuitzotl iria morrer em 1502, pouco depois de ter voltado da campanha do Soconusco. Seu sobrinho Moctezuma Xocoyotzin iria suceder-lhe. Tinha trinta e quatro anos. O homem que levaria a grandeza



27. O CALENDÁRIO  
ASTECA

ESCULPIDO NO REINADO DE  
MOCTEZUMA II  
XOCOYOTZIN (1466-1520),  
TRAZ NO CENTRO O ROSTO  
DE TONATLIUH, O  
DEUS-SOL.

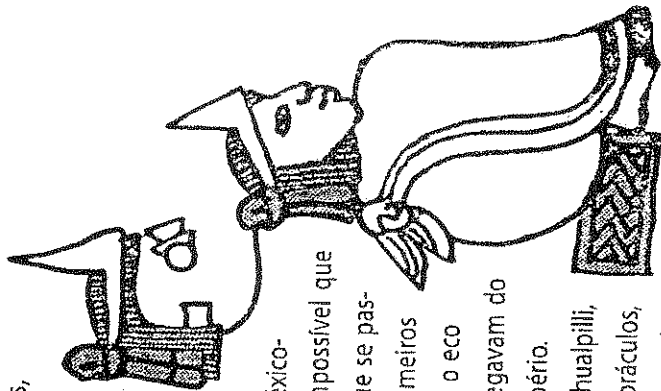
mexica a seu apogeu seria também a testemunha e a vítima da invasão dos espanhóis. O novo soberano começou modificando a composição de sua corte, só admitindo cortesãos de alta estirpe. Ainda restavam ao México dezessete anos de independência. Dezessete anos durante os quais Moctezuma faria guerras, consagraria templos, celebraria os sacrifícios e se comportaria como um verdadeiro homem-deus.<sup>91</sup> Dezessete anos que seriam conturbados por prodígios a respeito dos quais os índios afirmaram, depois da conquista espanhola, que anunciavam a queda de México-Tenochtitlan.

É muito provável que esses acontecimentos extraordinários tenham sido reunidos e interpretados *a posteriori* para explicar a irrupção do imprevisível, do inefável: a conquista espanhola e a ruína da potência mexica. Mas não é por isso que se deve afastar outra hipótese: a presença de seres desconhecidos nas águas do Caribe desde 1492 poderia passar despercebida indefinidamente? Os Mexica teriam ouvido rumores sobre a circulação de europeus pelas ilhas? Sabe-se que a primeira expedição espanhola só tocará as

costas do México em 1517, mas, anos antes, náufragos tinham sido recolhidos pelos povos maias da península de Yucatán. E os maias faziam comércio com os povos do golfo do México que pagavam tributo a México-Tenochtitlan! Portanto, não é impossível que os acontecimentos estranhos que se passavam no vale do México nos primeiros anos do século XVI tenham sido o eco deformado das notícias que chegavam do mar do Caribe ao coração do império.

Um dia, o rei de Texcoco, Nezahualpilli, sempre pródigo em matéria de oráculos, foi visitar Moctezuma para lhe comunicar que "aquí a muy pocos años nuestras ciudades serán destruidas y asoladas; nosotros y nuestros hijos, muertos, y nuestros vasallos apocados y destruidos".<sup>92</sup> Uma outra vez, foi um cometa que apareceu no céu acima da cidade do México, provocando a consternação do soberano. O prognóstico era igualmente calamitoso:

Ha de haber cosas espantosas y de admiración grande; habrá en todas nuestras tierras y señorios grandes calamidades y desventuras; no quedará cosa con cosa; habrá muertes innumerables; perderse han en todos nuestros señorios, y esto será por permisión del Señor de las alturas, del día, de la noche y del aire.<sup>93</sup>



28. MOCTEZUMA II

ACIMA, À ESQUERDA, O  
HIERÓGLIFO DE SEU NOME.



O *tlatolani* teve dificuldades para dissimular seu medo: "¿Que haré? ¿Dónde me esconderé? ¿Dónde me irá a meter?".

Esses relatos nos dão uma ligeira noção do clima que reinava no México antes da conquista espanhola. Mas também nos informam sobre a força contaminadora das crenças europeias. É evidente que esses prodígios que conhecemos graças às crônicas da época espanhola — escritas pelo menos quarenta anos depois dos fatos — foram reinterpretados pelos índios cristianizados, e que os medos pré-hispânicos são percebidos pelo prisma dos medos veiculados pela evangelização do México: na verdade, são muito parecidos com os temores dos cristãos do Velho Mundo a respeito do Juízo Final e do fim dos tempos. As reações apavoradas do soberano mexica são uma prova eloquente disso.

Assim, depois da conquista espanhola a memória indígena sobrepos as obsessões do cristianismo às angústias da época de Moctezuma, unindo definitivamente os dois mundos num mesmo terror coletivo diante da iminência de uma destruição próxima e inevitável. Além do mais, assim como nos Andes, essas previsões garantiam que as sociedades antigas tinham de fato previsto a conquista, embora não pudessem impedi-la, e que a derrota, longe de ser vergonhosa, era inevitável.

Se os impérios dos Andes e do México nos transmitiram diretamente e, mais ainda, indiretamente o relato de seus passados, graças aos testemunhos espanhóis, outras Américas — a das florestas tropicais e equatoriais, a das planícies dos Estados Unidos e das neves do Canadá — parecem ter definitivamente escapado de nossa curiosidade. No entanto, tinham histórias tão diversas e tão complicadas quanto as do México ou as do Peru dos incas, quer se tratasse dos herdeiros das civilizações maias da América Central, das grandes tribos amazônicas ou ainda dos guerreiros iroqueses e hurões do Canadá. Lá também, nessas imensas regiões de neve e florestas, as expedições portuguesas, bascas e inglesas apenas afioraram seus litorais, concedendo sem saber uma longa sobrevivência aos povos ameríndios.

### *A ascensão da Europa e a expansão ibérica*

Em 1500, e ainda por vários anos, Portugal e Castela não sabiam praticamente nada da América. Para quem ignora o que vai se passar depois, as conquistas dos impérios mexicano e inca podem parecer objetivos exagerados para as ambições de uma Castela ancorada a milhares de quilômetros dali. O México da época contava de vinte a 25 milhões de habitantes, contra os cinco milhões de Castela, e o milhão de Portugal.<sup>84</sup> Em outras palavras, em 1500 nada indica que os lan-ces mundiais já estejam decididos no tabuleiro do planeta. E, supondo que o inacreditável, ou seja, a conquista da América, possa se realizar — e se realizará —, nem o México, nem o Peru, nem sobretudo as minas de prata cairam por enquanto nas mãos dos castelhanos. E os portugueses tampouco já pisaram na China ou no Japão. Os dois impérios marítimos e extra-europeus ainda estão para ser construídos.

Mesmo assim, não obstante se faça um inventário ligeiro do mundo do início do século XV, a conjuntura mundial parece em toda parte favorável à expansão desses Estados médios que são Castela e Portugal.

### *O outro mundo em 1500*

A China é, na época, o maior Estado do mundo. Uma civilização fantástica, inventiva e antiga, uma política de grandes obras, expedições marítimas lançadas até as costas da África oriental, a construção de duas capitais, Nanquim e Pequim, a expansão das artes comprovam os recursos e o vigor desse subcontinente. No entanto, podem-se ler no final do século XV os sinais de uma perda de fôlego, de uma crise administrativa, militar e financeira provocada pela monetização dos impostos e das corvéias. As expedições ao oceano Índico montadas entre 1405 e 1433 não têm futuro. Contudo, eram dirigidas por Cheng He, um almirante muçulmano originário do Yunan, e poderiam

ter sido o prelúdio de um império marítimo que teria bloqueado o acesso do oceano Índico aos portugueses e aos europeus em geral.

Como explicar que essas tentativas que mobilizaram energias consideráveis tenham sido abandonadas? A derrota enfrentada no Vietnã não explica tudo. Também a falta de interesse da burocracia imperial pelo comércio marítimo, julgado muito pouco rentável, e menos ainda um desprezo atávico pelo resto do mundo. Seja como for, os relatos das viagens de Cheng He foram quietos por volta de 1480 e, quando os portugueses chegaram ao oceano Índico, não encontraram no mar nenhuma potência do tamanho da China. O futuro confirmaria que não haveria rival chinês e nenhuma frota de guerra capaz de enfrentar as naus de Lisboa.<sup>29</sup>

O Japão, nessa época, também está fora de combate. É um arquipélago urbanizado, de velha cultura, nascido de um enxerto da civilização chinesa. No início do século XVI, Kyoto tem mais de 150 mil habitantes, o que faz com que seja uma das cidades mais povoadas do mundo. No entanto, apesar de uma economia

dinâmica, o país está mergulhado em plena instabilidade social e política, indo conhecer, durante décadas, a era do "Mundo pelo avesso" e dos "Senhores da guerra". Sem recursos, a corte imperial está reduzida a pouca coisa. Os xoguns, que até então haviam encarnado a realidade do poder, começaram a ver sua autoridade desmoronar depois da guerra de Onin e da morte de Ashikaga Yoshimasa, em 1490. Desde então, os chefes de clãs se lançaram em intermináveis guerras civis. Será preciso esperar o último terço do século XVI e a ascensão de um chefe de guerra, Oda Nobunaga, para que reapareça um Estado centralizado.

Conviria prosseguir esse percurso, parar no Vietnã, na Birmânia, descrever o reino hindu de Vijayanagar, o sultanato muçulmano de Delhi... O mapa asiático em 1500 é inesgotável. Limitemo-nos aqui a assinalar os rivais com que os portugueses cruzarão em sua passagem e, sobretudo, esses Estados cuja prosperidade se funda no comércio marítimo, como o sultanato de Kilwa, na África oriental, ou o de Malaca, no Sudeste da Ásia.

No início do século XVI, Malaca dominava o arquipélago indonésio e constituía uma encruzilhada estratégica maior entre a China, a Indonésia, a Índia e o golfo Pérsico. Seu príncipe era vassalo do imperador da China. Malaca era uma cidade muito povoada, pois tinha entre cem mil e duzentos mil habitantes. Além de sua população malaia, a cidade abrigava comerciantes indianos originários do Gujerate, tâmulos, javaneses e também chineses do Fujian. O sultano tirava a quase totalidade de suas rendas das taxas comerciais e dos direitos alfandegários.

A milhares de quilômetros dali, no mar Vermelho e no golfo Pérsico, dois outros Estados aparentavam-se com Malaca: o Iêmen e Ormuz, que eram potências comerciais vivendo da taxa das mercadorias que transitavam na região. Com suas colônias de comerciantes da Índia, Aden, no mar Vermelho, era um centro cosmopolita como

29. CHINA: VIGILIA NOTURNA DE SHEN ZHU NASCIDO EM 1427, SHEN ZHU É UM DOS PINTORES MAIS NOTÁVEIS DA CHINA NO SÉCULO XVI. SUA OBRA MAIS FAMOSA É MONTE LU, DE 1467.



Málaca: "tem esta cidade gram tracto asy como os do Cairo com toda a Índia e os da Índia com ella. Tem dentro fermosos mercadores de grandes fazendas e muiotos estamtes doutros reinos." % Aden parecia-se com Jarun, a capital insular do reino de Ormuz, onde se amontoavam, no fim do século XV, cinqüenta mil habitantes. De Ormuz partiam caravanas que atravessavam o Irã em direção dos entrepostos do Levante, ao passo que a Índia comprava os cavalos — quase dois mil por ano — e os metais preciosos que lhe expedia o sultanato.

O reino de Calicute tinha pontos em comum com o sultanato de Ormuz. Dominava as costas do sudeste da Índia. Foi seu soberano, o rajá Samudri — que era chamado de Zamorin — que recebeu a visita repentina de Vasco da Gama em 1498. Seu comércio estava em mãos das comunidades estrangeiras como os mappilas, que eram muçulmanos de Malabar.

A Ásia é nessa época uma zona de intensas trocas comerciais baseadas em numerosas comunidades mercantis, quase sempre muçulmanas ou islamizadas. As trocas Norte—Sul estão em nítida expansão desde o século XIV: ligam a Índia à África oriental e ao Sudeste asiático, ou este à China. Os produtos tropicais, as especiarias, as madeiras de lei são trocados por tecidos da Índia, porcelanas e sedas da China. Com a expansão dos Estados portuários, como Aden ou Málaca, o comércio de grãos e de produtos alimentícios também ocupa um lugar notável nas trocas. Por isso é que os portugueses, quando se aventuraram no oceano Índico, tiveram de enfrentar uma região do globo não só fortemente povoada, mas com uma terrível complexidade política, linguística e religiosa. Contavam, porém, com dois trunfos: as divisões políticas da Índia e da Ásia, e circuitos comerciais já bem conhecidos, que eles apenas precisavam trilhar.

Nesses mundos asiáticos, os italianos talvez fossem os europeus mais bem informados e os únicos a possuir os meios de se comunicar com os adversários dos portugueses. Sabe-se que Veneza apressou-se

em aconselhar o Zamorin de Calicute a se opor à penetração dos marinheiros de Lisboa. Essas informações, porém, tinham muitas lacunas, o que explica que Vasco da Gama tenha confundido os hindus de Calicute com cristãos de ritos estranhos. Quanto aos letrados europeus, conforme vimos com Cristóvão Colombo, não podiam imaginar a Ásia sem misturar as informações transmitidas pelos antigos com os relatos medievais deixados por Marco Polo ou Nicolo de Conti.

### *O Islã e a ascensão do Império Turco*

Os europeus não admitiam que o perigo pudesse vir da Ásia longínqua. Por outro lado, o Islã era uma de suas obsessões diárias, em todas as nações. Durante a segunda viagem à Índia, Vasco da Gama exige, pura e simplesmente, a expulsão de "tutti i mori della Mecca".<sup>97</sup> Para os contemporâneos, era evidente que a queda de Granada, em 1492, concluiu a *Reconquista* em terra ibérica, mas de jeito nenhum a luta contra o Islã. Os textos de Annius de Viterbo, os sonhos de Cristóvão Colombo ou os de dom Manuel evidenciavam a urgência da luta contra os maometanos.

Mas o que representava o Islã no fim do século XV, além de uma quantidade de Estados pequenos e médios, espalhados desde a África até o Sudeste asiático, e de uma presença comercial onipresente nessa parte do mundo, acompanhada de um incontestável avanço da fé muçulmana? Havia algum Estado muçulmano de ambições planetárias capaz de barrar o caminho aos ibéricos? Que potências tinham envergadura para fazer contrapeso às frotas de Sevilha e Lisboa? Em 1500, a Pérsia dos safévidas e a Índia dos mongóis ainda eram potências embrionárias ou inexistentes. E quando fossem se firmar, durante o século XVI, não compartilhariam necessariamente desassas ambições imperialistas e marítimas.

A tomada de Delhi e de Agra por Báber (1483-1530) só ocorreu em 1526. O episódio marcou o início do império mongol da Índia.

Antes de se voltar para o subcontinente, esse descendente de Tamerlão perdera seu reino do Ferghana, conquistara e perdera três vezes Samarcanda, aliara-se aos persas e combatera os sunitas. Uma tática fora do comum, baseada numa artilharia turca de rara eficácia, garantiu imensa superioridade a este que se proclamava "imperador do Hindustão". Mas será preciso esperar o fim do século XVI e a conquista do Gujerate e de Bengala por Akbar para que o império mongol se implante nas costas da Índia.

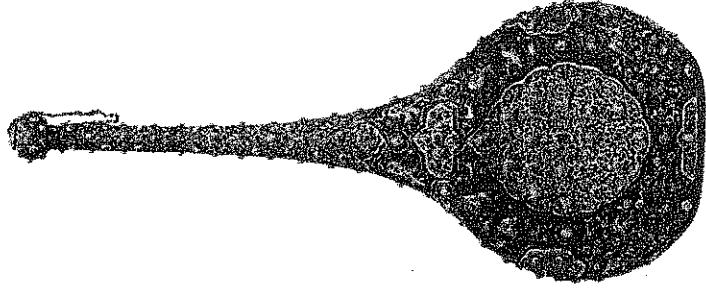
Na Pérsia, o xá Ismail (1499-1524) fundou a dinastia XII no início do século XVI. Entrando em cena em 1499, o jovem sefévida tomou Tabriz na primavera de 1501 e Bagdá sete anos depois. Era o chefe de uma ordem religiosa cuja doutrina messiânica se baseava nas tradições pré-islâmicas e galvanizava grupos de partidários, os "Cabeças Vermelhas", dispostos a tudo para garantir a vitória do chefe.

O xá Ismail dedicou sua vida a consolidar um poder que só conheceria o apogeu na época de seus sucessores, em particular do xá Abas I, o Grande (1587-1629). A tarefa não era fácil. Ele teve de repelir as invasões turcas a oeste, combater os usbeques, tomar deles o Khorassan e enfrentar os portugueses que conquistaram Ormuz em 1515, onde construíram uma cidadela. O xá levava uma vida nômade, passando o inverno nas planícies do Tigre e o verão nas florestas mais frescas do mar Cáspio. A manada de sete mil camelos, as centenas de tendas, os tapetes preciosos e os brocados de ouro formavam um conjunto esplêndido e impressionante, mas um tanto distante do que se podia esperar de um Estado moderno. O que não impediu o ingresso do império iraniano na cena internacional. Preocupado em conseguir armas de fogo para melhor armar suas tropas, o xá tentou se aliar com os venezianos, provocando o descontentamento de seus vizinhos turcos e o desespero dos mamelucos do Egito.

Os impérios persa e mongol estavam, pois, ainda no limbo, e a única potência muçulmana em condições de enfrentar o Ocidente era

justamente a que os cristãos mais temiam e que estava logo ali, às suas portas. No fim do século XV, Istambul tinha apenas cem mil habitantes. Era dirigida por um dos homens fortes da passagem do século, Bajazé II. Em 1503, o representante de Veneza faz dele um impressionante retrato: "Nada em seu rosto carnudo e gordo denota um homem cruel ou temível; ao contrário, vê-se dominar uma expressão de melancolia, de superstição e teimosia, não sem um toque de avareza. Ele ama de paixão as artes mecânicas e tem um gosto muito acentuado pelas cornalinas bem talladas, a prata lavrada e os objetos feitos no torno. É muito versado em teologia e astrologia, que estuda sem parar. Ninguém sabe melhor que ele esticar um arco. Há vários anos renunciou ao vinho, sem no entanto se abster dos prazeres de outra natureza: assim sendo, as farras fizeram dele um velho prematuro".<sup>98</sup>

Bajazé governava um império que dava cada vez mais preocupações às potências cristãs do Mediterrâneo ocidental e da Europa central. Todas tinham de enfrentar um inimigo comum cuja ascensão reativou as crenças

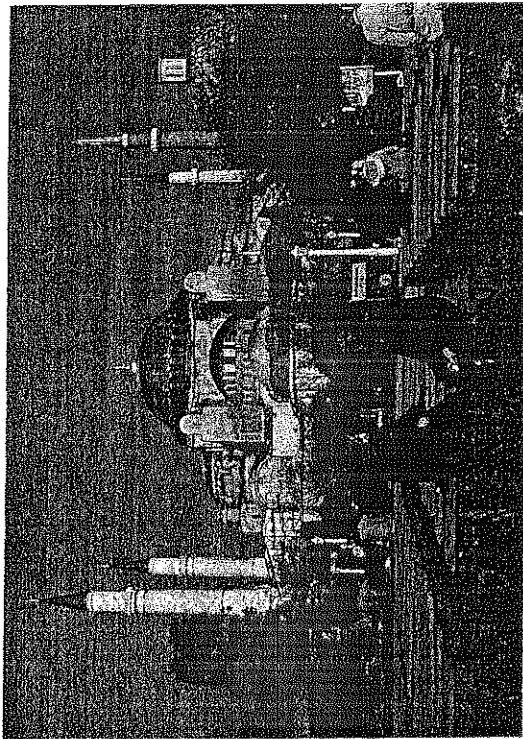


30. FRASCO PERSA,  
c. 1500

milenaístas e messiânicas. Recordemos que os otomanos desembarcaram em Otranto em 1480. Os turcos em Otranto, ou seja, às portas de Roma! Razão de sobra para fazer os cristãos tremerem e para convencê-los de que o Anticristo estava acampado nas ruínas de Constantinopla. Compreende-se que a ameaça turca e a fobia pelo Anticristo terminaram significando a mesma coisa. Um perigo tão próximo justificava os apelos periódicos às cruzadas, lançados pelo papado. Preocupava a República de Veneza, pois ela se via inexoravelmente expulsa do Mediterrâneo oriental, que por muito tempo fora sua seara exclusiva.

A queda de Constantinopla, em 1453, significara de forma espetacular o tiro de largada dessa nova potência destinada a se estender pela Europa, África e Oriente Médio. Instalando-se em Constantinopla, que virou Istambul, os otomanos se gabavam de ter fundado um novo império de "Rûm" (Roma), como Bajazé I sonhara. Ainda sem chegar ao apogeu que conhecerá no reinado de Suleyman, o Magnífico (1520-1566), já em 1500 a potência otomana é um dos protagonistas do cenário mundial. Apóia-se na força militar — os otomanos são antes de mais nada um exército — e num poder que talvez seja o mais absoluto do Velho Mundo.

Em 1500, os otomanos dominam o Mediterrâneo oriental — com exceção de Chipre, Creta e Rodas —, ameaçam o coração da Europa, avançam para os confins da Dalmácia veneziana e observam o fim do Egito dos mamelucos depois de terem ocupado a Mesopotâmia. O desmantelamento do tráfico comercial entre o Levante e Veneza traz um grande prejuízo ao Egito.<sup>98</sup> De 1499 a 1502, na frente ocidental, a guerra contra Veneza é violenta. O conflito termina com a derrota da República: Veneza tem de ceder Coron, Modon, Lepanto e Durrês. Mas ela conseguia ter em Istambul um representante permanente, renovável a cada três anos. Magro consolo comercial diante de um Império Otomano que se afirmava como a primeira potência naval do



31. IMPÉRIO OTOMANO:  
A IGREJA DE SANTA SÓFIA,  
EM CONSTANTINÓPLA,  
É TRANSFORMADA  
EM MESQUITA  
DESDE A CONQUISTA DA  
CIDADE PELOS TURCOS  
(1453), A Suntuosa  
IGREJA BIZANTINA  
TORNOU-SE A MESQUITA  
DOS SULTÕES.

Mediterrâneo oriental. Florença, indiferente a qualquer solidariedade cristã, aproveitara-se dessa situação para, desde 1499, obter privilégios comerciais no Império Otomano.

Além de suas ambições e de sua fé muçulmana, havia algo inquietante no Império Otomano: a atração que exercia sobre os excluídos da cristandade. Os turcos praticavam uma relativa tolerância religiosa, acolhendo os judeus perseguidos pela Inquisição espanhola, deixando os cristãos praticarem sua religião e protegendo o patriarcado ortodoxo de Constantinopla contra as pressões da Igreja romana. O império do Crescente era uma terra aberta aos trânsfugas de todo tipo, aos quais podia oferecer uma brilhante carreira mediante a renegação da fé cristã.

Mas se os turcos são ameaçadores, é na Europa que eles são temidos. Até sua abdica-

ção em abril de 1512, Bajazé tem de enfrentar a agitação na Anatólia e a revolta de seus filhos. Na Pérsia, o xá Ismail, estrela ascendente, é tema de constante preocupação para Istambul.

Na passagem do século, o grande "jogo" asiático entre os portugueses e turcos ainda estava longe de estar decidido: é só em 1538, com a tomada de Aden, que o mar Vermelho vai se tornar um lago turco e que Istambul começará a agir no oceano Índico. Até lá, Lisboa terá tido tempo de sobra para se familiarizar com essa região do globo, conquistar os aliados locais e ocupar posições.<sup>100</sup> Se se acrescentam a conquista de Orã (1509) e a de Trípoli (1510) pelos espanhóis à conquista portuguesa de Ormuz e à vitória naval de Diu, percebe-se que nesse início do século XV os ibéricos parecem estar concretizando seu programa de estrangulamento do Islã. As profecias irão se realizar?

#### *As primícias da globalização*

Que significa o advento do século XVI? A viagem planetária que esboçamos nos fornece alguns elementos de resposta. Por muito tempo os historiadores europeus confundiram século XVI e Renascimento, Renascimento e Europa ocidental, interrogando-se sobre a revolução dos preços no século XVI, sobre o nascimento do Estado moderno ou sobre a modernidade do Renascimento, sem no entanto sair do quadro europeu.

Diante dessa visão eurocentrista do passado, existia e existem abordagens mais reductoras ainda: por exemplo, a que opõe a história espanhola à história portuguesa a fim de determinar quem, entre Sevilha ou Lisboa, detém a primazia no Atlântico; ou a que se limita a ler o nascimento do Estado moderno na França das guerras contra a Itália, dos castelos do Loire e de Francisco I. Esse olhar "local" costuma ter o defeito de ignorar a história dos países vizinhos ou, na melhor das hipóteses, de minimizar sua importância. Européias ou nacionais,

continentais ou locais, mesmo se essas diversas abordagens chegam a parecer legítimas, elas são tão parciais que hoje as consideramos cada vez mais ultrapassadas.

Todavia, bastaria sair do quadro estritamente nacional ou europeu? É evidente que o ingresso no século XVI marca o início da expansão européia pelo mundo afora. Os "descobrimientos" dos portugueses e dos espanhóis, seja qual for o significado que se dê a esse termo, projetam a Europa para fora de seu quadro continental e revolucionam os conhecimentos que os sábios europeus acreditavam ter sobre o globo desde a Antiguidade. Mas centrar-se na expansão ibérica é, mais uma vez, reproduzir uma história carregada de eurocentrismo, no sentido em que a história dos outros continentes só existiria em relação à que é construída pelos povos da Europa. Nessa toada, o México ou o Brasil só emergiriam à tona da História quando descobertos e conquistados pelos europeus.

Se essa passagem de século tem hoje um sentido para nós, um sentido que talvez não tinha nos séculos anteriores, é porque vemos que aí é que surgem as primícias da globalização. E essa globalização é mais que um processo de expansão de origem ibérica, mesmo se o papel da península foi dominante. A globalização que se esboça entre o fim do século XV e o início do século XVI corresponde a um fenômeno global de "desencravamento", como bem mostrou Pierre Chaunu quando propôs uma "problemática nova e objetiva da comunicação".<sup>101</sup> Em 1500, embora o inferno do Caribe, os escravos da Guiné e os canhoneiros de Vasco da Gama não possam ser eliminados com uma simples canetada, esse processo ainda não se resume ao que se tornará nos decênios e nos séculos vindouros: ou seja, a conquista, a colonização e a ocidentalização do mundo.<sup>102</sup>

Em 1500, ainda estamos bem longe de uma economia mundial. No limiar do século XVI, a globalização corresponde ao fato de setores do mundo que se ignoravam ou não se freqüentavam diretamente



serem postos em contato uns com os outros. É um feito dos portugueses estabelecer a comunicação entre a Europa e a África, e depois entre a Europa e a África e a Ásia. É obra conjunta dos ibéricos pôr em relação a Europa com a América — Labrador, Caribe, costa da América do Sul, Brasil — e a América com a África, decorrência do início do tráfico de escravos transatlântico. Inconscientemente, Colombo realiza, assim, o "desencravamento" de uma América isolada do resto do mundo há milênios, ao passo que Vasco da Gama faz da África o elo que une Portugal à Ásia. Conforme vimos, essas duas operações se passam, com poucos anos de intervalo, no último decênio do século XV.

É verdade que uma primeira globalização precedeu a que se esboça em 1500, e facilitou enormemente o avanço dos portugueses: o Islã conseguiu federar em nome da religião espaços tão díspares como o ex-império Bizantino, o Magreb, a África negra, o Oriente Médio, a Índia e a Indonésia, e os sábios árabes tiveram muita influência nesses avanços da navegação de longo curso. Mas é incontestavelmente a cristandade ibérica que toma o lugar do mundo muçulmano em 1500.

Esse "desencravamento" do mundo é contemporâneo a uma revolução mental e científica cuja paternidade cabe aos portugueses, mas da qual bem depressa os castelhanos participam. Graças a eles e a seus predecessores judeus e árabes, a globalização também inventa uma língua única, a dos algarismos e do cálculo astronômico. Se bem que a posse do mundo continue a ser algo virtual, ela se torna uma operação geométrica: lembremo-nos das decisões do Tratado de Tordesilhas (1494) que divide o mundo traçando uma linha meridiana situada a 370 léguas a oeste dos Açores. Numa escala totalmente diferente, quando, em abril de 1500, Cabral chega à costa do Brasil, o primeiro gesto dos portugueses é de extrema simplicidade, pelo menos na aparência. Trata-se de uma medição: Mestre João, um dos

navegadores, "bacharel em artes e medicina, físico e cirurgião de sua alteza"<sup>103</sup>, calcula a latitude do lugar baseando-se na posição do Sol. E é esse cálculo que funda a descoberta e que registra o ato de posse.

Esse procedimento tem duas implicações essenciais: por um lado, liga diretamente o domínio tecnológico, o reconhecimento cartográfico e a supremacia política; por outro, prefigura a possibilidade de se estender um controle abstrato sobre o mundo inteiro, independentemente dos obstáculos físicos, históricos e humanos. Nos dois casos, o conhecimento científico, expresso em algarismos e baseado nos cálculos feitos com instrumentos apropriados, está no centro do processo de contato e de globalização.

A esse respeito, se é incontestável que o "descobrimento" do Brasil não terá implicação imediata, também é verdade que marcará data na história da astronomia ocidental. De fato, é nessa ocasião que o Cruzeiro do Sul será desenhado corretamente pela primeira vez. Se os portugueses tinham sido os primeiros europeus a observar essa constelação no Atlântico Sul, restava-lhes fornecer uma imagem satisfatória a um soberano ávido por precisões astronômicas. O que foi feito por Mestre João.<sup>104</sup>

Vê-se que essa forma de apreender o mundo pelas cifras — *máticas y mapamundi*, para repetir a fórmula de Colombo — é contemporânea de um imperialismo de raízes messiânicas. Não que os dois objetivos sejam contraditórios: muito pelo contrário, a ciência aqui vem ajudar a religião, que, ela mesma, é indissociável do terreno da política.

As expedições ibéricas inauguram de outra forma o processo de globalização: aceleram e intensificam os contatos com as populações distantes. Se os europeus da Idade Média leram com paixão os relatos de Marco Polo ou de Nicolo de Conti, devemos admitir que o número de textos de que dispunham era muito limitado e que sua abordagem sempre foi tão livre quanto imaginária. Em compensação,

num curtíssimo lapso de tempo, entre o fim do século XV e o início do século XVI, os ibéricos e os italianos tiveram de aprender a se adaptar a contextos radicalmente desconhecidos e extraordinariamente variados. Em cerca de cinquenta anos os portugueses adquirem um conhecimento mais ou menos satisfatório da costa da África ocidental, entram em contato com países tão diversos como a Guiné e o Congo. Com Vasco da Gama, é a África oriental que se abre aos navegadores, e em seguida a costa ocidental da Índia. São ainda os mesmos portugueses que chegam ao Brasil em 1500 e se estabelecem no Sudeste da Ásia em 1511, com a conquista de Malaca. Seis anos depois, Tomé Pires chefia a primeira embaixada à China, no mesmo ano em que os espanhóis lançam sua primeira expedição ao México.<sup>105</sup> A redação da primeira carta de Hernán Cortés também é contemporânea da carta *Verdadera informação da terra do Preste João*, que Francisco Álvares dedica à Etiópia. A aceleração, a intensificação e a diversificação dos contatos são os traços essenciais da globalização.

As notícias circulam de boca em boca, de porto em porto. Essa avalanche súbita de informações explica que muito depressa tenham se instalado redes de informação e de espionagem cobrindo extensões cada vez mais vastas. Aqui, os italianos, com seu apetite de comerciantes e sua curiosidade de humanistas, suas tipografias, seus representantes nos portos do mundo ocidental e do Levante, desempenham um papel essencial. Recordemos como os venezianos respondem à chegada dos portugueses na Índia, tentando de imediato convencer os enviados de Cananor e Cochim a se virarem contra Lisboa.<sup>106</sup> E a circulação dos cartógrafos e dos navegadores portugueses em toda a Europa, assim como a dos castelhanos que passam para o serviço de Lisboa, constituem redes igualmente ativas e disseminadoras.<sup>107</sup>

Essa revolução da informação gera mapas-múndi que não param de registrar os novos conhecimentos, como os de Henricus Martellus (1489), do italiano Giovanni Matteo Contarini (1506), do

holandês Johannes Ruysch (1507), de Martin Waldseemüller, sem esquecer o famoso globo do cartógrafo de Nuremberg, Martin Behaim (1492-1493).<sup>108</sup>

A mais espetacu-

lar dessas imagens do mundo é a que Alberto Cantino manda fazer para o duque de Ferrara, Hércules I d'Este, na passagem do século. Depois de uma temporada de dois anos em Lisboa (1500-1501), Cantino consegue um mapa do mundo que mostra os descobrimentos na América, na África e na Ásia. Dá para imaginar os avanços consideráveis realizados numa dezena de anos, desde o mapa de Martellus. Em poucos decênios, a visão do mundo se transforma, o que o planisfério de Cantino traduz exemplarmente.<sup>109</sup> Tradução exemplar, mas manipulada, já que o cartógrafo teve o cuidado de situar as costas da América do Norte, da Terra Nova e do Labrador — "Terra del rey de Portugall" — a leste do meridiano de Tordesilhas, o que atribuiu sua posse à coroa de Portugal. A manipulação foi do próprio Cantino ou do cartógrafo português? Cantino se comportava como embaixador ou espião? Isso nos lembra que não há globalização sem um pano de fundo político.<sup>110</sup>



32. MAPA-MÚNDI DE HENRICUS MARTELLUS, FLORENÇA, C. 1489. UMA IMAGEM DO MUNDO SEM A AMÉRICA DOS CASTELHANOS E PORTUGUESES.



33. O PLANISFÉRIO DE  
CANTINO, 1502  
UM DOS PRIMEIROS MAPAS  
DO MUNDO A INTEGRAR OS  
NOVOS CONHECIMENTOS  
TRAZIDOS PELOS  
NAVEGANTES.

Essa explosão de conhecimentos — que leva Duarte Pacheco a dizer: "Sabe-se mais agora num dia graças aos portugueses do que se aprendeu em cem anos com os romanos"<sup>111</sup> — não se limita aliás à cristandade. No mundo otomano, a curiosidade pelo Novo Mundo se manifesta com a feitura, em 1513 e 1528, dos mapas de Piri Ra'is. A legenda do primeiro mapa não deixa de registrar as riquezas consideráveis que a Espanha iria tirar das novas terras. E seu desenho se baseia provavelmente num mapa de Colombo, feito depois da terceira viagem e hoje perdido. Piri Ra'is é também o autor de uma enciclopédia marítima, *Kitah-i bahriye*, que apresenta um resumo dos conhecimentos turcos na matéria.

Vejam os fontes de que podia dispor a Sublime Porta uns poucos anos depois dos primeiros descobrimentos: "From about twenty charts and mappamundi [...] from the maps just drawn by four Portuguese [...] and from a map drawn by Columbus in the western region,

I have extracted my map"<sup>112\*</sup> Bastava circular pelos arsenais de Galipoli para encontrar portugueses, castelhanos, judeus vindos da península Ibérica, mas também para ver os produtos do Novo Mundo. E os portos de Argel ou de Alexandria, mais ainda, iriam acolher marinheiros que tinham circulado por Lisboa e Sevilha, aventureiros de passagem ou renegados definitivamente convertidos ao Islã.

Da mesma maneira, as informações sobre as artimanhas dos portugueses circulam depressa na China dos Ming. Vários anos antes da chegada a Pequim de uma embaixada de Tomé Pires, os mandarins de Cantão e os chineses de Málaca tinham avisado seus compatriotas do perigo que representavam os recém-chegados: acusavam-nos de serem ladrões, saqueadores, vigaristas e traficantes de escravos. Assim, mundos que ainda na véspera — os últimos anos do século XV — ignoravam tudo uns dos outros subitamente se confrontaram e se opuseram apenas vinte anos depois.

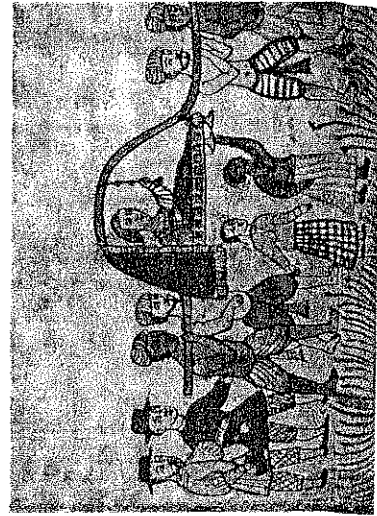
Essa extensão contínua e precipitada das áreas de contato não deixa de provocar mal-entendidos, equívocos e deformações: em Calicute, Vasco da Gama começará achando que os hindus eram cristãos e não perceberá de imediato que a Índia exige outras abordagens e outros modos de agir diferentes dos empregados na África. Quando ele retorna a Lisboa, dom Manuel explicará ao cardeal de Portugal que a maioria dos trinta e oito reis da Índia eram cristãos! As relações podem azedar facilmente, e Tomé Pires morrerá na prisão chinesa sem ter sido recebido pelo imperador. Os adversários chegam a se detestar, os chineses que passam por "presunçosos, soberbos e cruéis" vêem nos portugueses "diabos dos mares". Em 1509, em Málaca, negociantes muçulmanos põem o sultão de sobreaviso contra os portugueses, ladrões que foram pegar a Índia inteira. Os olha-

(\*) De cerca de vinte cartas e mapas-múndi [...] dos mapas recém-desenhados pelos portugueses [...] e de um mapa desenhado por Colombo na região ocidental, extrai meu mapa.

res se cruzam e os mal-entendidos proliferam: quando em Calicute, durante a primeira viagem de Vasco da Gama, os portugueses rezam num templo hindu que eles confundem com uma igreja, os indianos ficam impressionados com essa tolerância, quando na verdade era apenas o fruto de uma confusão passageira. Algum tempo depois, os malaios assimilam os portugueses a comerciantes das ilhas Ryukyu, enquanto os birmaneses acham que eles são indianos brancos.<sup>113</sup>

Mas o fato é que o contato é feito, o palco dos encontros mundiais é progressivamente armado, os continentes deixam definitivamente de se ignorar ou de viver à distância. Incontestavelmente, essa é uma das novidades decisivas que traz a passagem do século XV ao século XVI.

#### Os primeiros "passadores" planetários



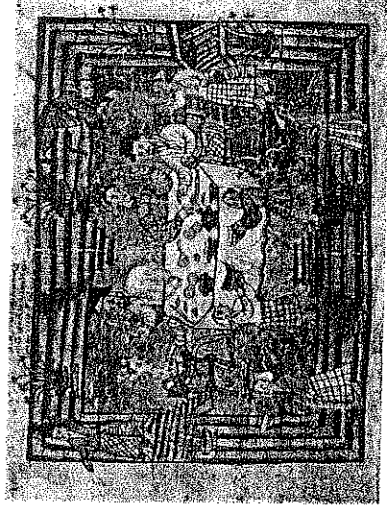
34. NOBRES PORTUGUESES EM GOA

Homens e mulheres desempenham nesse contexto agora planetário o papel de "passador" entre as sociedades e as culturas. E, em primeiro lugar, os próprios navegadores, ibéricos ou italianos, com suas audácias e seus equívocos.<sup>114</sup> Mas tam-

bém os viajantes mais solitários abrem novos caminhos, quando não desaparecem tragados pelos mares, pelas areias ou pelas florestas. A lista desses pioneiros é longa: no século XIV, Giovanni da Montecorvino, que chega a Pequim, no século XV, o siciliano Piero Ram-berto, que põe o pé na Etiópia, os venezianos Josafat-Barbaro e Nicolo de Conti — que visitou grande parte da Ásia —, o genovês Girolamo da Santo Stefano, que se aventurou até Sumatra entre 1493 e 1499, ou ainda Pêro de Covilhã e Afonso de Paiva, os enviados de dom Manuel que foram em busca do Preste João, os quais mencionamos mais acima. E, com eles, quantos judeus, gregos, armênios, árabes ignorados dos historiadores ou esquecidos dos arquivos!

A odisséia de Pêro de Covilhã é exemplar em muitos aspectos. Falando árabe corrente-mente, o viajante português passou dois longos anos espionando o tráfego dos navios no oceano Índico e morou em Cananor e Calicut. Explorou depois as margens da África oriental e foi até Sofala, o porto do ouro do Monomotapa. De volta ao Cairo, pre-

35. GENTE PORTUGUESA DE ORMUZ ESTÃO COMENDO DENTRO D'ÁGUA POR SER A TERRA MUITO CALMOSA. OS PORTUGUESES DA ÁSIA SÃO OS PRIMEIROS ARTÍFICES DAS MISTIFICAÇÕES PLANETÁRIAS.



te português passou dois longos anos espionando o tráfego dos navios no oceano Índico e morou em Cananor e Calicut. Explorou depois as margens da África oriental e foi até Sofala, o porto do ouro do Monomotapa. De volta ao Cairo, pre-

parava-se para pegar o caminho de Lisboa quando soube da morte de Afonso de Paiva. Depois de ter informado por carta ao rei João II os resultados de sua missão asiática, pegou a estrada da Etiópia, onde terminou se instalando. Com quantas línguas, civilizações, religiões Pêro de Covilhã não terá convivido em seu caminho?

Mas esses viajantes de longo curso são, quase sempre, visitantes de passagem. Não são eles que tecem dia após dia a trama das relações entre os mundos. Esses artesãos quase sempre permaneceram anônimos: intérpretes nas costas da África e da Ásia, degredados abandonados em praias inóspitas, judaizantes que foram respirar na África, na Ásia ou na América um ar mais saudável do que o ar que soprava na península Ibérica; intermediários de todo tipo que, na África, se chamam *tangomau* ou *pombeiros*; técnicos portugueses instalados na capital do Congo... Evidentemente, é impossível calcular o tamanho dessa população. No máximo podemos fazer uma estimativa global dos ibéricos que migram na passagem do século, acrescentando aos portugueses que partiram para a África as trinta mil partidas recensadas para a Ásia entre 1497 e 1530, e levando em conta os 25 mil espanhóis que foram para o Novo Mundo mais ou menos entre esses mesmos anos.

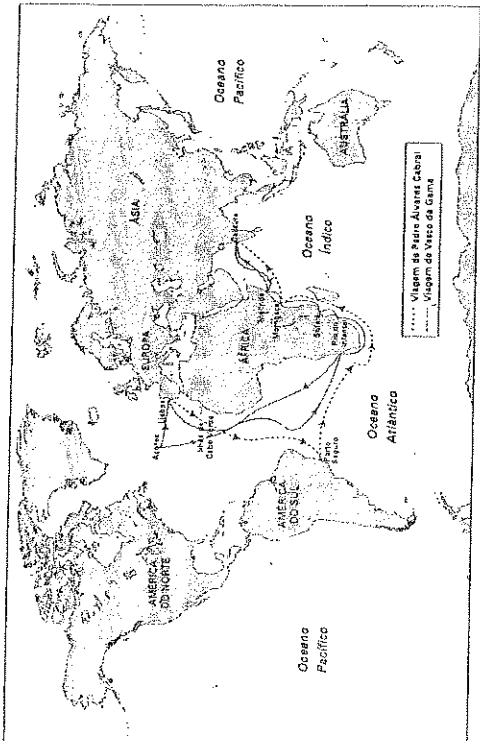
Mas é a África, antes da Ásia de Vasco da Gama e da América de Colombo, que faz as vezes de laboratório e de campo experimental. É lá que os portugueses desenvolvem seus métodos de invasão e de coleta de informação. *Pombeiros* e *tangomau* são cobaieas que aprendem a viver simultaneamente com vários sistemas de crenças e valores. Sempre próximos dos africanos, cujas mulheres eles apreciam, sempre dispostos a se substituírem aos europeus de passagem, elaboram um *savoir-faire* que logo se transforma numa cultura da margem e da ambigüidade, na qual desempenham ao mesmo tempo o papel de "passadores" e de filtros entre os mundos.

A bem da verdade, os emissários do Ocidente às vezes acabavam

escapando de todos os controles. De volta à África, os escravos, que em Lisboa tinham se tornado intérpretes, retomavam depressa o caminho da selva. Aventureiros portugueses e degredados desapareciam no outro mundo, trocando a religião, os trajes e os costumes dos cristãos pelos de sua comunidade de adoção. Inúmeros europeus — genoveses, catalães, venezianos ou até portugueses — moravam no reino do Preste João, a Etiópia, onde alguns tinham se refugiado tentando escapar dos mamelucos e do Islã, enquanto outros ali estavam retidos contra sua vontade. Da mesma forma, as primeiras frotas portuguesas levarão de volta para a Europa valencianos e venezianos que viviam na Índia havia dezenas de anos, às vezes com mulher e filhos.<sup>115</sup>

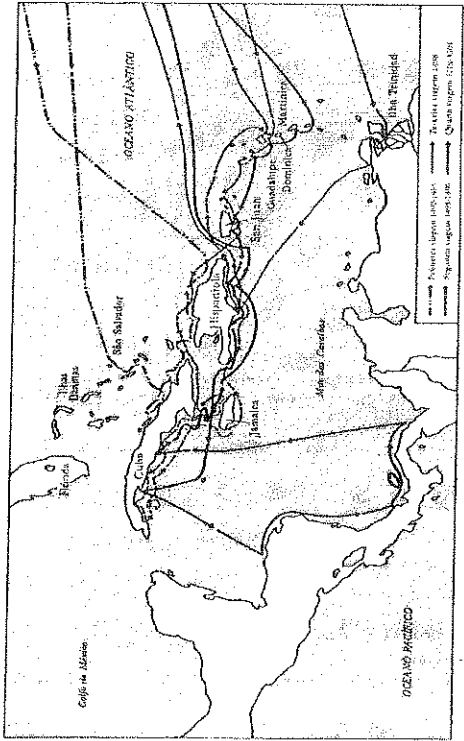
É impossível contabilizar essas passagens, e as fontes só levam em conta os que ficaram no campo certo, o dos europeus, ou que acabaram, mais ou menos voluntariamente, se juntando a eles. Mas conhecemos várias histórias exemplares dessas imersões e desses vaivéns entre os mundos. É, em primeiro lugar, na costa do Brasil. É logo no começo do século que Diogo Álvares Correia, sobrevivente de um naufrágio na ilha de Itaparica, instala-se entre os índios da Bahia. Esse português aprende tupi, adota o nome indígena de Caramuru e até acabará se casando com uma princesa indígena, Paraguaçu. Idêntica imersão na sociedade indígena ocorre com João Ramalho, que se casou com a filha do chefe indígena Tibiriçá. Um de seus compatriotas, Aleixo Garcia, que também morava no litoral, teve um destino ainda mais extraordinário: em 1526, levou um exército indígena até os confins do império inca, aonde seria o primeiro europeu a chegar.<sup>116</sup>

Casos semelhantes se produziram na mesma época ali, na futura Nova Espanha. O cronista Bernal Diaz del Castillo relata a história de dois espanhóis que tinham naufragado em 1509 nas costas de Yucatán e sobreviveram integrando-se na sociedade maia. Um deles, Jerónimo de Aguilar, encontrado oito anos depois pelos companheiros



36. MAPA DAS VIAGENS DE VASCO DA GAMA E DE PEDRO ÁLVARES CABRAL

de Cortés, aceitou voltar para o seio dos cristãos embora já estivesse com todas as aparências de um índio maia: "Lo tenían por indio proprio por que de suyo era moreno y tresquilado a manera de indio esclavo, y traía un remo al hombro".<sup>117</sup> Em compensação, outro sobrevivente se recusou a voltar atrás: Gonzalo Guerrero "estaba casado y tenía tres hijos, y tenía labrada la cara y horadadas las orejas y el bezo de abajo, y era hombre de la mar de Palos y los indios lo tenían por esforzado".<sup>118</sup> Sua temporada forçada entre os maias se concluiu por uma integração tão completa que Gonzalo Guerrero tomou o partido dos maias contra os conquistadores e liderou a resistência à conquista espanhola. Aguilar, por outro lado, pôs seu conhecimento da língua maia e do mundo indígena a serviço dos conquistadores e começou a evangelizar os índios: "Les aconsejaba que siempre tuviesen acato y reverencia a la santa imagen de Nuestra Señora



37. AS VIAGENS DE CRISTÓVÃO COLOMBO

y a la cruz y que conocieran que por ello les venía mucho bien".<sup>119</sup>

Poderíamos encontrar facilmente outros Caramuru, Aguilar e Guerrero nas costas da África e da Ásia. Criaram pontes entre sociedades que, até então, tudo separara. Mesmo os que queriam dar as costas para sempre às suas terras de origem não deixaram de contribuir para essa construção. O espanhol Guerrero, por mais que tivesse tomado o partido dos maias, não deixou de introduzir em seu ambiente de adoção elementos novos, a começar pelos três pequenos mestiços que lhe deu sua esposa indígena. Sem que se devam esquecer os horrores da colonização e os estragos causados pela ocidentalização, a mestiçagem dos seres e das culturas será incontestavelmente uma das heranças mais preciosas e mais duradouras que nos terá transmitido a passagem do século XV para o século XVI.<sup>120</sup>



## Notas

- (1) Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, *Obras históricas*, México, UNAM, t. II, p. 175.
- (2) Juan Gil, *Mitos y utopías del Descubrimiento. 1. Colón y su tiempo*, Madrid, Alianza Editorial, 1989, p. 59.
- (3) Citado em Gil (1989), p. 63.
- (4) Gil (1989), p. 63.
- (5) Gil (1989), p. 97.
- (6) Gil (1989), p. 103.
- (7) Gil (1989), p. 97.
- (8) Gil (1989), p. 104.
- (9) Gil (1989), p. 69.
- (10) Carl Otwin Sauer, *Descubrimiento y dominación española en el Caribe*, México, Fondo de Cultura Económica, 1984 (edição inglesa, University of California Press, 1966), p. 315.
- (11) Sobre a continuação dessa história: Carmen Bertrand e Serge Gruzinski, *História do Novo Mundo*, t. I, *Da descoberta à conquista, uma experiência europeia (1492-1550)*, São Paulo, Edusp, 1997; Manuel Lucena Salmoral (coordenador), *História de Iberoamérica*, t. II, *História moderna*, Madrid, Catedra, 1990.
- (12) Gil (1989), p. 131.
- (13) Gil (1989), p. 131.
- (14) Gil (1989), p. 196.
- (15) Gil (1989), p. 199.
- (16) Gil (1989), p. 207.
- (17) Gil (1989), p. 58.
- (18) Gil (1989), p. 108.

- (19) Gil (1989), p. 207.
- (20) Gil (1989), p. 209.
- (21) Gil (1989), p. 132.
- (22) Gil (1989), p. 132.
- (23) Carta de Pedro Martyr d'Anghiera ao arcebispo Pedro González de Mendoza, *Opus Epistolarum*, carta XCIV, ed. J. López de Toro, Madrid, Imprenta Góngora, 1953-1957.
- (24) Alain Milhou, *Colón y su mentalidad mesiánica en el ambiente franciscano español*, Cuadernos Colombinos XI, Valladolid, 1983.
- (25) Ver Sanjay Subrahmanyam, *The Career and Legend of Vasco da Gama*, Cambridge, Cambridge University Press, 1997, p. 56.
- (26) Borgia, em italiano.
- (27) Gil (1989), pp. 60-1.
- (28) Gil (1989), p. 199.
- (29) Gil (1989), p. 60.
- (30) Alain Milhou, "La chrétienté latine au tournant des XV<sup>e</sup> et XVI<sup>e</sup> siècles", in J. M. Mayer et al., *Histoire du christianisme des origines à nos jours*, Paris, Descleé, 1994, p. 402.
- (31) Sobre os destinos do milenarismo e do messianismo na América hispânica, ver John L. Phean, *El reino milenarío de los franciscanos en el Nuevo Mundo*, México, UNAM, 1972.
- (32) Manuel Lucena Salmerón (coordenador), *Historia de Iberoamérica*, t. II, *Historia moderna*, Madrid, Catedra, 1990, pp. 74-5.
- (33) Vale a pena escutar o lindo disco que Jordi Savall dedicou a Juan del Enzina: *Romances y villancicos. Salamanca 1496*, Hespérion XX, Astrée Auvidis.
- (34) Segundo o cronista Fernández de Oviedo, citado em Antonello Gerbi, *La naturaleza de las Indias nuevas*, México, FCE, 1978, p. 193.
- (35) Gil (1989), p. 205.
- (36) Gerbi (1978), pp. 61-5.
- (37) Gil (1989), p. 205.
- (38) Jonathan B. Riess, *The Renaissance Antichrist. Luca Signorelli's Orvieto Frescoes*, Princeton, Princeton University Press, 1995, p. 91.
- (39) O título em latim é *De futuris Christianorum triumphis in Saracenos*.
- (40) Donald Weinstein, *Savonarole et Florence, prophétie et patriotisme à la Renaissance*, Paris, Calmann-Lévy, 1973, p. 97 (edição inglesa, Princeton, 1970).
- (41) Riess (1995), p. 89.
- (42) Weinstein (1973), p. 176.
- (43) Weinstein (1973), p. 182.
- (44) Weinstein (1973), p. 174.
- (45) Weinstein (1973), p. 327.
- (46) Weinstein (1973), p. 326.
- (47) Jean Delumeau, *La Peur en Occident. XIV<sup>e</sup>-XVIII<sup>e</sup> siècles. Une cité assiégée*, Paris, Fayard, 1978, p. 214.
- (48) Joseph Pérez, *Isabelle et Ferdinand, Rois Catholiques d'Espagne*, Paris, Fayard, 1988, p. 417.
- (49) Pierre Jeannin, *Les Marchands au XVI<sup>e</sup> siècle*, Paris, Seuil, 1967, p. 7.
- (50) Jeannin (1967), pp. 7-8 (citando um cronista de Augsburg).
- (51) Delumeau (1978), p. 215.
- (52) Normal Cohn, *The Pursuit of the Millennium*, Nova York, Oxford University Press, 1974, pp. 118-26.
- (53) *Le Voyage de Gonneville (1503-1505) et la découverte de la Normandie par les Indiens du Brésil*, Estudo e comentário de Leyla Perrone-Moysés, Paris, Chandeigne, 1995, p. 35.
- (54) *Flandre et Portugal. Au confluent de deux cultures*, sob a direção de J. Everaert e E. Stols, Fonds Mercator, Antuérpia, 1991, p. 216.
- (55) Em 1444, 230 escravos da Mauritânia e do Senegal desembarcam em Portugal.
- (56) *As cartas do "Rei" do Congo D. Afonso*, editado por António Luis Ferronha, Ministério da Educação, s. d.
- (57) Stuart B. Schwartz (edit.), *Implicit Understandings. Observing, Reporting and Reflecting on the Encounters Between Europeans and Other Peoples in the Early Modern Era*, Cambridge, Cambridge University Press, 1994, p. 259.
- (58) Subrahmanyam (1997), p. 57.
- (59) Luis Felipe F. Thomaz, "L'idée impériale manueline", in Jean Aubin (edit.), *La Découverte, le Portugal et l'Europe*, Actes do Colóquio, Paris, Centre Culturel Portugais, 1990, pp. 35-103.
- (60) Subrahmanyam (1997), p. 188, citando Donald Weinstein, *Ambassador from Venice: Pietro Pasqualigo in Lisbon, 1501*, Minneapolis, University of Minnesota Press, 1960, pp. 45-6.
- (61) J. Capistrano de Abreu, *Capítulos de história colonial (1500-1800)*, São Paulo, Itatiaia, 1988, pp. 63-4.
- (62) Capistrano de Abreu (1988), p. 65.
- (63) Capistrano de Abreu (1988), p. 65.
- (64) Capistrano de Abreu (1988), p. 66.
- (65) Carta de Pero Vaz de Caminha ao rei Manuel em *O reconhecimento do Brasil*, Lisboa, Alfa, Biblioteca da Expansão Portuguesa, 1989, p. 25.

- (66) Segundo Jorge Couto (1996), o rei Manuel, ao contrário, teria por um ano mantido secreta a notícia.
- (67) Explorado em 1502-1503 por João Coelho e talvez já em 1498 por Duarte Pacheco.
- (68) *Ibid.*, p. 67; Francisco Bethencourt et al., *História da expansão portuguesa*, vol. I, Navarra, Círculo dos Leitores, 1998, pp. 196-7; Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil 1500-1627*, São Paulo, Itatiaia, 1982, pp. 55-61.
- (69) *Cronologia da história do Brasil Colonial (1500-1831)*, Departamento de História, USP, São Paulo, 1994, p. 25.
- (70) As de Américo Vespúcio e de Gonçalo Coelho.
- (71) Subrahmanyam (1997), p. 199.
- (72) Sobre os primórdios do Brasil português, ver Jorge Couto, *Portugal y la construcción de Brasil*, Madri, MAPFRE, 1996.
- (73) Alexandre Marchant, *Do escambo à escravidão*, Brasileira, vol. 225, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1980, p. 11.
- (74) *Ibid.* (1980), pp. 16-7.
- (75) *Ibid.* (1980), p. 21.
- (76) Capistrano de Abreu (1988), p. 68.
- (77) *Ibid.* (1988), p. 76.
- (78) Pedro Lopez, citado em Capistrano de Abreu (1988), p. 76.
- (79) Capistrano de Abreu (1988), p. 76.
- (80) Sanjay Subrahmanyam, *L'Empire portugais d'Asie. 1500-1700*, Paris, Maisonneuve & Larose, 1999, p. 104.
- (81) Gonville (1995), p. 24.
- (82) Gonville (1995), p. 88.
- (83) Carlos Fausto, "Fragmentos de história e cultura tupinambá", in Manuela Carneiro da Cunha (edit.), *História dos Índios no Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998, p. 384.
- (84) Fausto (1998) citando Florestan Fernandes, *A organização social dos Tupinambás*, São Paulo, Difel, 1963, p. 79.
- (85) F. M. Renard-Casevitz, Th. Saignes e A. C. Taylor-Descola, *L'Inca, l'Espagnol et les Sauvages*, Paris, Editions Recherches et Civilisations, 1986, p. 47.
- (86) Antoinette Molinié-Fioravanti, "La Vision incaïque avant la conquête", in Jean-Michel Sallmann et al., *Visions indiennes, visions baroques: les messages de l'inconscient*, Paris, PUF, 1992, p. 158.
- (87) *Ibid.* (1992), p. 159.
- (88) Serge Gruzinski, *Le Destin brisé de l'empire aztèque*, Paris, Gallimard, 1988; Nigel Davies, *The Aztecs*, Londres, Macmillan, 1973.
- (89) Diego Durán, *Historia de las Indias de Nueva España e Islas de la Tierra Firme*, México, Porrúa, 1967, t. II, pp. 378-81.
- (90) Durán (1967), t. II, p. 381.
- (91) Ver também Alfredo López Austin, *Hombre-Dios, religión y política en el mundo náhuatl*, México, UNAM, 1973, e, do mesmo autor, *Cuerpo humano e ideología. Las concepciones de los antiguos Nahuas*, México, UNAM, 2 vols., 1980.
- (92) Durán (1967), t. II, p. 459.
- (93) Durán (1967), t. II, p. 469.
- (94) Pierre Chaunu, *L'Expansion européenne du XIII<sup>e</sup> au XV<sup>e</sup> siècle*, Paris, Presses Universitaires de France, 1969, pp. 361-2.
- (95) Guy Martinière e Consuelo Varela (edit.), *L'Etat du monde en 1492*, Paris, La Découverte, 1992, pp. 101 ss.
- (96) *A suma oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*, Leitura e notas de Armando Cortesão, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1978, pp. 144-5; citado em João Marinho dos Santos, *Os portugueses em viagem pelo mundo*, Lisboa, Ministério da Educação, 1996, p. 277.
- (97) Subrahmanyam (1997), p. 214.
- (98) Robert Mantran, *Histoire de l'Empire Ottoman*, Paris, Fayard, 1989, p. 107.
- (99) Subrahmanyam (1999), pp. 87-9.
- (100) Os limites da força otomana são estruturais? Será essa combinação de feudalismo islâmico e de feudalismo bizantino que freia o crescimento do Estado? Ver Sanjay Subrahmanyam, *L'Empire portugais d'Asie. 1500-1700*, Paris, Maisonneuve & Larose, 1999, p. 24.
- (101) Pierre Chaunu, *L'Expansion européenne du XIII<sup>e</sup> au XV<sup>e</sup> siècle*, Paris, Presses Universitaires de France, 1969, pp. 255-67.
- (102) Ver, para a América espanhola, Carmen Bernard et al., *Descubrimiento, conquista y colonización de América a quifientos años*, México, FCE, 1994.
- (103) Sousa Viterbo, *Trabalhos náuticos dos portugueses, séculos XVI e XVII*, Lisboa, Imprensa Nacional da Moeda, 1988, p. 168.
- (104) Patricia Seed, *Ceremonies of Possession in Europe's Conquest of the New World 1492-1640*, Cambridge, Cambridge University Press, 1995, p. 104; Luis de Albuquerque, *História de la navegación portuguesa*, Madri, 1991, pp. 102-4.
- (105) Francisco Bethencourt, "O contato entre povos e civilizações", in *História da expansão portuguesa*, vol. I, Navarra, Círculo Leitores, pp. 88-115.
- (106) Subrahmanyam (1997), p. 187.
- (107) Armando Cortesão, *Cartografia portuguesa antiga*, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do Quinto Centenário da morte do infante dom Henrique, 1960, pp. 171-2.

(108) Norman J. W. Thrower, "Projections of Maps of Fifteenth and Sixteenth Century European Discoveries", in A. Lafuente, E. Elena e M. L. Ortega. *Mundialización de la ciencia y cultura nacional*, Aranjuez, Doce Calles, 1993, pp. 81-8.

(109) Armando Cortesão, *Cartografia portuguesa antiga*, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do Quinto Centenário da morte do infante dom Henrique, 1960, pp. 169-70.

(110) Nem sem alguma intenção dissimulada de fundo religioso, já que a cidade de Jerusalém ocupa um lugar preeminente no planisfério.

(111) Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo de situ orbis*, edit. Damião Peres, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1988, p. 13-4.

(112) Thomas Goodrich, "Ottoman Views of America and American Things in the Ottoman Empire", in A. Lafuente, E. Elena e M. L. Ortega. *Mundialización de la ciencia y cultura nacional*, Aranjuez, Doce Calles, 1993, p. 115, e, do mesmo autor, *The Ottoman Turks and the New World. A Study of the Tarîh-i Hindi-i Garbi and Sixteenth Century Americana*, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1990.

(113) Stuart B. Schwartz (edit.), *Implicit Understandings. Observing, Reporting and Reflecting on the Encounters Between Europeans and Other Peoples in the Early Modern Era*, Cambridge, Cambridge University Press, 1994, p. 276.

(114) Sobre esses temas e esses personagens, ver os atos dos dois primeiros colóquios "Passadores Culturais": Berta Ares e Serge Gruzinski (edit.), *Entre dos mundos. Fronteras culturales y agentes mediadores*, Sevilha, Escuela de Estudios Hispaoamericanos, 1997, e Rui Manuel Laureiro e Serge Gruzinski (edit.), *Passar as fronteiras*, Lagos, Centro de Estudos Gil Eanes, 1999.

(115) Subrahmanyam (1997), p. 184.

(116) José Maria da Silva Paranhos, Barão do Rio Branco, *Esboço da história do Brasil*, Brasília, IPRI, 1992, p. 19.

(117) Bernal Díaz del Castillo, *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, México, Porrúa, t. 1, 1968, p. 103.

(118) *Ibid.* (1968).

(119) *Ibid.* (1968), p. 104.

(120) Objetos provam esses contatos novos, como os marfins africanos magnificamente trabalhados e que se inspiram nos modelos ibéricos. Não são eles também os primeiros elos de um universo que começa a ignorar as fronteiras das artes, das nações e dos continentes?

## Procedência das ilustrações

1. PIRÂMIDE DA LUA

Foto Rogério Reis/Pulsar.

2. ESCULTURA ENCONTRADA PRÓXIMA À PIRÂMIDE DO SOL

3. JAN MOSTAERT, UM EPISÓDIO DA CONQUISTA DA AMÉRICA, c. 1521  
Jan Mostaert, 1521-1523. Haarlem, Frans Hals Museum.

4. CRISTÓVÃO COLOMBO

Atribuído a Ridolfo del Ghirlandaio, óleo sobre madeira, c. 1525. Museo Civico Navale di Genova-Pegli.

5. COLOMBO APORTANDO

In Christopher Columbus, *De insulis inventis Epistola*, Basileia, 1493 (fol. 1v).  
Xilogravura. Providence, The John Carter Brown Library, Brown University.

6. SEVILHA: A TORRE DEL ORO E AS MARGENS DO GUADALQUIVIR

Foto Cláudio Larangeira/Abril Imagens.

7. GRANADA: O ALHAMBRA

Foto Inge e Arved von der Ropp, In *La España Árabe, Legado de un Paraíso*. Editorial Castigo, Madrid, 1990.

8. ISABEL, A CATÓLICA

Felipe Bigarny, madeira policromada. Capela Real, Catedral de Granada.

9. ROMA: O PAPA ALEXANDRE VI BORGIA

In Bernabei, Roberta, *Roma nel giubileo*. Rizzoli, Milão, 1998.

10. VISTA DE ROMA

Detalhe da planta da cidade de Roma, gravura, 1550. Cosmografia de Munster, Paris, Bibliothèque Nationale.

11. VENEZA NO FIM DO SÉCULO XV

Vittore Carpaccio, 1500, óleo sobre tela. Veneza, Gallerie dell'Accademia.

12. FLORENÇA: TRANSFIGURAÇÃO. AFRESCO DO CONVENTO DE SAN MARCO  
Fra Angelico, afresco. Florença, convento de San Marco.
13. JERÔNIMO SAVONAROLA  
Fra Bartolomeo, c. 1497, óleo sobre madeira. Florença, Museu de San Marco.
14. JAKOB FUGGER, o RICO  
Albrecht Dürer, c. 1520, óleo sobre madeira. Múnaco, Alte Pinakothek.
15. ERASMO DE ROTERDÁ  
Hans Holbein, o Jovem, c. 1523. Paris, Museu do Louvre.
16. VISTA DE LISBOA  
Iluminura, início do século XVI. Crônica de d. Afonso Henriques, de Duarte Galvão. Cascais, Museu Condes de Castro Guimaraães.
17. LISBOA: MOSTEIRO DOS JERÔNIMOS
18. MARFIM DA ÁFRICA PORTUGUESA  
Autor desconhecido, c. 1500, marfim. Turim, Armeria Reale.
19. SALVA COM MOTIVOS AFRICANOS  
Autor desconhecido, c. 1500, cobre dourado e esmalte. Coleção particular.
20. A COSTA DO BRASIL  
Autor desconhecido, 1502. Módena, Biblioteca Estense.
21. TRANSPORTE DE MADEIRA DO BRASIL  
Anônimo, *A Ilha do Brasil*, c. 1550, baixo-relevo em madeira. Rouen, Musées Départementaux de la Seine-Maritime.
22. REI MAGO OU ÍNDIO DO BRASIL?  
Atribuído a Vasco Fernandes, c. 1505, óleo sobre cavalo. Viseu, Museu do Grão Vasco.
23. CUZCO, A CAPITAL DOS INCAS  
Instituto de Etnologia de Génova.
24. MACHU PICCHU  
Foto Daniel Augusto Jr./Pulsar
25. MÉXICO-TENOCHTITLAN  
Mapa de *Praeclara de Nova Maris Oceani Hispania Narratio*. Nuremberg, 1524.  
Gravura colorida à mão. Chicago, Newberry Library.
26. O CÓDICE BORBONICUS: HUITZILOPOCHTLI  
Paris, Assemblée Nationale.
27. O CALENDÁRIO ASTECA  
Cidade do México, Museu Nacional de Antropologia.
28. MOCTEZUMA II  
Código Mendoza.
29. CHINA: VIGILIA NOTURNA DE SHEN ZHU  
Shen Zhu, 1492, tinta sobre papel. Taipei, Museu Nacional do Palácio.
30. FRASCO PERSA, c. 1500  
Autor desconhecido, c. 1500, zinco, ouro, turquesa e rubis. Istambul, Topkapi Sarayı Müzesi.
31. IMPÉRIO OTOMANO: A IGREJA SANTA SOFIA, EM CONSTANTINOPLA, É TRANSFORMADA EM MESQUITA  
Foto Bruno Alves/Abril Imagens.
32. MAPA-MUNDO DE HENRICUS MARTELLUS. FLORENÇA, c. 1489  
Henricus Martellus, c. 1489. In *Insularium Illustratum*. Londres, British Library.
33. O PLANISFÉRIO DE CANTINO, 1502  
Autor desconhecido, 1502. Módena, Biblioteca Estense.
34. NOBRES PORTUGUESES EM GOA  
Autor desconhecido, *Gente honrada portuguesa da Índia*. Código Casatanese, Roma, Biblioteca Casatanese.
35. GENTE PORTUGUESA DE ORMUZ  
Autor desconhecido, *Gente portuguesa de Ormuz. Estão comendo dentro d'ágoa por ser a terra muito calmosa*. Código Casatanese, Roma, Biblioteca Casatanese.
36. MAPA DAS VIAGENS DE VASCO DA GAMA E DE PEDRO ÁLVARES CABRAL  
37. AS VIAGENS DE CRISTÓVÃO COLOMBO  
In Bernard, Carmen & Gruzinski, Serge, *História do novo mundo: da descoberta à conquista, uma experiência europeia, 1492-1550*. Edusp, São Paulo, 1997.

e fidalgos trilharam o mundo em torno de 1500. Alguns decênios mais tarde, vai se revelar a face cruel do processo de conquista, catequese e colonização das novas terras. Mas, na virada para o século XVI, o que se celebra é essa aventura civilizatória única, de alcance planetário, que levou o mundo a se conhecer.

Serge Gruzinski nasceu na França, em 1949. Doutor em letras e arquivista-paleógrafo, atualmente é pesquisador do Centre National de la Recherche Scientifique, onde ocupa o cargo de diretor-adjunto do Centro de Pesquisas sobre o México, a América Central e os Andes. Desenvolveu pesquisas na Itália, na Espanha, nos Estados Unidos e no México, onde viveu sete anos. Autor de inúmeros artigos, publicou, entre outros, os livros *Les Hommes dieux du Mexique, Pouvoir indien et société coloniale XVI-XVIII siècles* e *La Colonisation de l'imaginaire*.

ESTA OBRA, COMPOSTA PELO ACQUA ESTÚ-  
DIO EM MYRIAD, TEVE SEUS FILMES CE-  
RADOS NO BUREAU 84 E FOI IMPRESSA PE-  
LA GEOGRÁFICA EM OFF-SET SOBRE PAPEL  
PÖLEN PRINT DA COMPANHIA SUZANO PA-  
PAA EDITORA SCHWARCZ EM DEZEMBRO  
DE 1989.